

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DA  
COMUNICAÇÃO HUMANA

Taís Cervi

**ASPECTOS PSÍQUICOS DE CRIANÇAS QUE GAGUEJAM**

Santa Maria, RS  
2019

Taís Cervi

**ASPECTOS PSÍQUICOS DE CRIANÇAS QUE GAGUEJAM**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em Distúrbios da Comunicação Humana.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Carolina Lisbôa Mezzomo  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Angela Maria Schneider Drügg

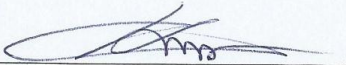
Santa Maria, RS  
2019

Taís Cervi

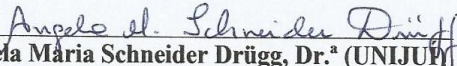
**ASPECTOS PSÍQUICOS DE CRIANÇAS QUE GAGUEJAM**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em Distúrbios da Comunicação Humana**.

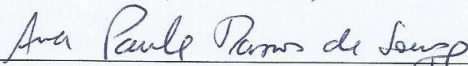
Aprovado em 15 de julho de 2019:



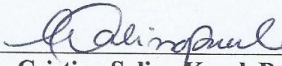
**Carolina Lisbôa Mezzomo, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)



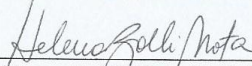
**Angela Maria Schneider Drügg, Dr.<sup>a</sup> (UNIJU)**  
(Coorientadora)



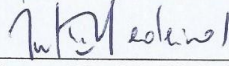
**Ana Paula Ramos de Souza, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**



**Cristina Saling Krueel, Dr.<sup>a</sup> (UFN)**



**Helena Bolli Mota, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**



**Marcos Pippi de Medeiros, Dr (UFN)**

Santa Maria, RS  
2019

## DEDICATÓRIA

*Para Alexandre,  
pelo amor que sustenta a nossa vida e que deu vida as minhas palavras.*

*Para meus pais, por me ensinarem que os sonhos podem se concretizar,  
se eu for forte, dedicada e persistente.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Aos professores do Curso de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana da Universidade Federal de Santa Maria, que com paciência souberam perceber a diversidade do meu trabalho, possibilitando importantes contribuições e o desenvolvimento deste trabalho.

Ao Serviço de Atendimento Fonoaudiológico da Universidade Federal de Santa Maria e ao Curso de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, que me possibilitaram uma nova caminhada e uma nova conquista.

À minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Carolina Lisbôa Mezzomo, que se propôs a se arriscar carinhosamente em uma nova área de conhecimento, motivando sempre a continuidade deste trabalho. Obrigada por tornar essa caminhada árdua, alegre. Obrigada também pela presença amiga e carinhosa. És alegria, leveza e dedicação!!

À minha coorientadora, professora Dr<sup>a</sup> Angela Maria Schneider Drügg, por fazer parte da minha formação e por acompanhar meus passos desde a graduação até o doutorado, e, que agora, com imensa alegria, compartilho momentos de trabalho ao teu lado. Obrigada pela escuta carinhosa, pela disponibilidade, paciência e competência. És meu exemplo!

Aos professores doutores, membros da banca examinadora, que aceitaram a tarefa de contribuir com o trabalho.

Às profissionais, Marileda, Luciane, Carol e Anelise, que dividiram seus saberes e permitiram grandes aprendizados.

Às crianças e pais que participaram desta pesquisa e que se dispuseram a dividir sua vida em favor deste trabalho.

À Diéssica Vargas por ter escutado minhas primeiras questões e com carinho e disposição ter me orientado nas primeiras ideias do projeto desta pesquisa. Obrigada!

Aos meus queridos colegas de trabalho da Unijuí, companheiros de docência, que com carinho acolheram minhas angústias.

À minha colega Simoni Antunes Fernandes com quem dividi, em muitas situações, minhas apreensões e que com cuidado soube me escutar e viabilizar o tempo necessário para que a conclusão desse trabalho fosse possível. Muito obrigada!!

Aos meus pais, de quem herdei o perfeccionismo e a persistência, pessoas que nunca mediram esforços para facilitar minha vida. Pessoas que me ensinaram a ser ousada, curiosa, responsável em tudo que faço e acima de tudo estudar sempre. Obrigada pelo amor, meu suporte desde os primórdios. Obrigada mais uma vez!

Ao meu noivo Alexandre, meu amor companheiro, que soube com muito carinho e cuidado, sustentar nossos projetos. Agradeço pela compreensão, pela força e pela graça de uma vida compartilhada. Amo-te!

À minha querida irmã, pelo respeito às diferenças, o que nos permite continuar sendo próximas e felizes.

Ao meu afilhadinho “Arthurzinho” que soube me esperar sem perder o prazer de me reencontrar.

Aos sogros, Dimas e Marcia pela força e torcida.

À Nossa Senhora pela fé que tenho e à crença de que Ela ensina constantemente.

## RESUMO

### ASPECTOS PSÍQUICOS DE CRIANÇAS QUE GAGUEJAM

AUTORA: Taís Cervi

ORIENTADORA: Carolina Lisbôa Mezzomo

COORIENTADORA: Angela Maria Schneider Drügg

O estudo trata de um sintoma de linguagem, amplamente estudado e muito controverso: a gagueira na criança e sua relação com o discurso parental. Considerou-se que os traços comuns na relação das crianças com a linguagem, que são por sua vez, organizadores de seus sintomas, estão atrelados à particularidade da vivência do complexo de Édipo. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar os aspectos psíquicos de crianças que gaguejam e como se refletem na interlocução com aqueles que desempenham as funções parentais. Empregou-se uma metodologia qualitativa, a partir da análise de conteúdo. Participaram da pesquisa 3 crianças, de ambos os sexos, na faixa etária de 2 anos a 8 anos, diagnosticadas com gagueira do Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Também, foram participantes da pesquisa os pais destas crianças. Para a coleta de dados os instrumentos utilizados foram: uma entrevista semiestruturada com os pais; estórias infantis e fantoches com as crianças e para a interação da criança com seus pais, o brinquedo casinha. Os dados foram analisados, generalizados em categorias temáticas que compararam as questões psíquicas relacionadas à gagueira bem como a significação parental destinada tanto à criança quanto ao sintoma de linguagem. Os dados apontaram para a repetição de uma organização parental nestas crianças: o vínculo estabelecido entre mãe e criança foi marcado por uma mútua dependência. Tal dependência ocasionou uma dificuldade que causou impasses no processo de separação. Além disso, a função paterna que opera como condição para que a separação se efetive, também se encontrou problematizada, enfraquecida, tanto pelo discurso materno quanto pela passividade do discurso paterno. Diante de tal dinâmica familiar as crianças fizeram um sintoma de linguagem - a gagueira - na tentativa de buscar uma separação da demanda materna e uma convocação à função paterna. Verificou-se então, que a problemática se situa na entrada do pai que marca o segundo tempo do Édipo para Lacan. O que se observou que ocorreu com essas crianças com gagueira, foi a existência de uma fragilidade na função paterna em decorrência da não sustentação pelo discurso materno, pois, diante da tirania do desejo materno, este não intervém de forma eficaz como promoção de Lei, surgindo assim, o sintoma se manifestando em uma fala disfluente.

**Palavras-chave:** Gagueira. Criança. Sintomas psíquicos. Relações familiares. Psicanálise.

## ABSTRACT

### PSYCHIC ASPECTS OF CHILDREN WHO STUTTERING

AUTHOR: Taís Cervi

ADVISOR: Carolina Lisbôa Mezzomo

CO-ADVISOR: Angela Maria Schneider Drügg

The study treat of a language symptom, widely studied and very controversial: the stuttering in the child and its relation to parental discourse. It was considered that the common traits in the relationship between children and language, who are, in turn, organizers of their symptoms, are linked to the particularity of the experience of the Oedipus complex. In this sense, the objective of this study was to analyze the psychic aspects of children who stuttering and how are reflected in the interlocution with those who practice the parental functions. A qualitative methodology was used, based on content analysis. Participated of the study three children, of both genders, with aged of 2 to 8 years old, diagnosed with stuttering of Speech-Language Pathology Attendance Service (SAF) of the Federal University of Santa Maria (UFSM). Also, participated of this research the parents of these children. For the data collection the instruments used were: a semi-structured interview with the parents, children's stories and puppets with the children, and for the interaction of the child with their parents, the toy little house. The data were analyzed, generalized in thematic categories that compared the psychic issues related to stuttering as well as the parental significance intended both for the child and the language symptom. The data pointed to the repetition of a parental organization in these children: the bond established between the mother-child was marked by a mutual dependence. Such dependence caused a difficulty that caused impasses in the separation process. In addition, the paternal function that serves as a condition for separation to be effective has also been problematized, weakened both by the maternal discourse and by the passivity of the paternal discourse. In the face of such family dynamics, the children made a symptom of language - the stuttering - in an attempt to seek a separation of maternal demand and a call to paternal function. It was then verified that the problematic is located at the entrance of the father who marks the second time of the Oedipus for Lacan. What was observed that to have occurred with these stuttering children, was the existence of a fragility in the paternal function due to the non-sustentation by the maternal discourse, because, front the tyranny of maternal desire, this one does not effectively intervene in the promotion of the law, appearing thus, the symptom manifesting in a disfluent speech.

**Keywords:** Stuttering; Child; Psychic Symptoms; Family Relations, Psychoanalysis.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Delineamento dos sujeitos/crianças participantes da pesquisa.....	35
Tabela 2 – Delineamento dos sujeitos/pais participantes da pesquisa.....	35

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1 REFERENCIAL TEÓRICO .....	17
<b>1.1.1 A gagueira</b> .....	17
1.1.1.1 <i>O que é gagueira?</i> .....	18
1.1.1.2 <i>Abordagens orgânicas x abordagens psicológicas</i> .....	22
1.1.1.3 <i>Gagueira e Psicanálise</i> .....	25
1.1.1.3.1 A gagueira na infância e as relações familiares.....	28
1.1.1.3.2 Os processos psíquicos constituintes do sujeito: a alienação e a separação e sua relação com a gagueira.....	29
1.1.1.3.3 O sujeito gago e sua dificuldade com a problemática edipiana.....	31
1.2 METODOLOGIA.....	32
<b>1.2.1 Delineamento da pesquisa</b> .....	32
<b>1.2.2 Implicações éticas da pesquisa</b> .....	33
<b>1.2.3 Amostra</b> .....	34
1.2.3.1 <i>Escolha dos sujeitos</i> .....	34
1.2.3.2 <i>Critérios de inclusão e exclusão</i> .....	36
1.2.3.3 <i>Procedimentos para seleção da amostra</i> .....	36
1.2.3.3.1 Procedimento para seleção dos pais .....	36
1.2.3.3.2 Procedimentos para seleção das crianças .....	37
<b>1.2.4 Procedimentos para a coleta dos dados</b> .....	37
<b>1.2.5 Instrumentos e materiais para a coleta dos dados</b> .....	38
1.2.5.1 <i>Entrevista do discurso parental: aspectos da dinâmica familiar</i> .....	38
1.2.5.2 <i>Livros infantis e fantoches</i> .....	39
<b>1.2.6 Análise dos dados</b> .....	41
1.2.6.1 <i>Pré-análise</i> .....	42
1.2.6.2 <i>Exploração do material</i> .....	42
1.2.6.2.1 Codificação.....	43
1.2.6.2.2 Categorização .....	44
1.2.6.3 <i>Tratamento dos resultados obtidos e interpretados</i> .....	45
<b>2 ARTIGO DE PESQUISA 1 - A INFLUÊNCIA DO DISCURSO PARENTAL NA GAGUEIRA INFANTIL</b> .....	47
2.1 RESUMO.....	47
2.2 ABSTRACT .....	48
2.3 RESUMEN .....	49
2.4 INTRODUÇÃO .....	50
2.5 MÉTODO .....	53
2.5.1 Delineamento do estudo .....	53
2.5.2 Participantes .....	53
2.5.3 Considerações éticas.....	53
2.5.4 Procedimentos de seleção dos sujeitos .....	54
2.5.5 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados .....	55
2.5.6 Análise dos dados.....	56
2.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	56
2.6.1 Nascimento psicológico e suposição de sujeito .....	56
2.6.2 Adaptação do casal parental à criança .....	58
2.6.3 Aspectos do desenvolvimento da criança.....	60
2.6.4 A dinâmica familiar e sua relação com a gagueira.....	63

<b>2.6.5 Hipóteses sobre a etiologia da gagueira</b> .....	67
2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
2.8 REFERÊNCIAS .....	72
<b>3 ARTIGO DE PESQUISA 2 - A CRIANÇA GAGA E O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA</b> .....	75
3.1 RESUMO .....	75
3.2 ABSTRACT .....	76
3.3 INTRODUÇÃO .....	77
3.4 MÉTODO .....	79
3.4.1 Delineamento do estudo.....	79
3.4.2 Participantes .....	79
3.4.3 Considerações éticas .....	80
3.4.4 Procedimentos de seleção dos sujeitos.....	80
3.4.5 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados .....	82
3.4.6 Análise dos dados .....	83
3.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	83
3.5.1 O processo de alienação e separação na criança com gagueira .....	84
3.5.2 A criança gaga e as questões edípicas.....	89
3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	94
3.7 REFERÊNCIAS .....	96
<b>4 ARTIGO DE PESQUISA 3 - AS FUNÇÕES PARENTAIS CRIANÇA E SUAS IMPLICAÇÕES NA GAGUEIRA</b> .....	100
4.2 ABSTRACT .....	101
4.3 RESUMEN.....	102
4.4 INTRODUÇÃO .....	103
4.5 MÉTODO .....	105
4.5.1 Delineamento do estudo.....	105
4.5.2 Participantes .....	106
4.5.3 Considerações éticas .....	107
4.5.4 Procedimentos de seleção dos sujeitos.....	108
4.5.5 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados .....	109
4.5.6 Análise dos dados .....	110
4.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	111
4.6.1 A influência das funções parentais na construção da fala sintomática (gagueira) na criança .....	112
4.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	121
4.8 REFERÊNCIAS .....	123
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	125
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	129
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	132
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS)</b> .....	139
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (AUTORIZAÇÃO DOS PAIS PARA A PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NA PESQUISA)</b> .....	140
<b>APÊNDICE C - ENTREVISTA PARA OS PAIS</b> .....	141
<b>APÊNDICE D - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM SEUS INTERLOCUTORES</b> .....	143
<b>APÊNDICE E - QUADRO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS PAIS</b> .....	144

<b>APÊNDICE F - QUADROS DOS DADOS DA INTERAÇÃO DA PESQUISADORA COM AS CRIANÇAS .....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE G - QUADROS DOS DADOS DAS INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS COM SEUS INTERLOCUTORES .....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXO A - TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UFSM.....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXO B - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....</b>	<b>162</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Fruto de um interesse geral pela palavra e por aquilo que está aquém e além dela, o estudo tratará de uma patologia da fala amplamente estudada devido ao forte impacto na qualidade de vida do sujeito<sup>1</sup>: a gagueira. E mais, o estudo tratará de quem gagueja: o sujeito gago.

Falar de gagueira implica sempre na retomada das inúmeras discussões acerca de sua definição, etiologia e possibilidades terapêuticas. Nesta querela, o gago acaba maltratado, mal entendido. Neste mau entendimento, o sentido do próprio sujeito que gagueja se perde. Sua fala entrecortada, bloqueada ou repetida, se torna o personagem de um enredo, sendo difícil ver o cenário, os bastidores e, principalmente, quem gagueja. (GOMES-KELLY, 2002).

Para que seja possível sustentar esse posicionamento, considerar-se-á a gagueira como sintoma e não como patologia. Isso implica em tomar como referencial teórico para o presente estudo uma abordagem centrada no sujeito, entendendo que o sintoma em questão, refere-se à formação subjetiva e, portanto, estruturante àquele que gagueja. Remete-se, dessa maneira, à Teoria Psicanalítica e o seu entendimento sobre o sintoma.

Contrariamente à visão médico-científica, o sintoma para a Psicanálise não é entendido como uma doença, mas como algo que está articulado à história singular do sujeito tendo relação com a história dos outros que o constituem e que, portanto, pode ser decifrável e repleto de sentidos (MATSUO; CARREIRA, 2015) que remetem à questões inconscientes. Nesse sentido, quando se pensa o sintoma da criança, para a Psicanálise é preciso entendê-lo articulado ao discurso parental, pensando nas facetas que ele assume diante da problemática familiar. Fala-se então, em sintoma estrutural e sintoma clínico. No sintoma estrutural, entende-se que criança, diante das demandas parentais, ao mesmo tempo que procura responder a elas, também procura sair desse lugar defendendo minimamente a sua subjetividade. O sintoma clínico por sua vez, demonstra a paralisação da criança diante da fantasia do Outro<sup>2</sup>, de forma que ela não encontra outra maneira de enfrentar a fantasmática desse Outro a não ser via resposta à demanda. (WILES; FERRARI, 2015).

Tais considerações levam à possibilidade de se hipotetizar e entender a gagueira enquanto um sintoma estrutural, uma resposta defensiva às demandas do Outro materno,

---

<sup>1</sup> O sujeito, para a psicanálise, é aquele que se constitui na relação com o Outro através da linguagem.

<sup>2</sup> O termo “outro” foi utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico - o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente - que determina o sujeito em sua relação com o desejo. Lacan distinguiu e grafou distintamente o pequeno e o grande Outro; o pequeno outro (a) é o igual, o semelhante da espécie humana, e o grande Outro é do campo simbólico, da linguagem. (ROUDINESCO, 1998).

entendendo-a como uma tentativa de se separar desse Outro, uma vez que sua emergência ocorre como uma maneira de proteção contra a alienação. Nesse sentido, de nada vale corrigir a fala sintomática da criança, se esta não for decifrada e compreendida na sua relação com as funções parentais. Esse sintoma que se manifesta na linguagem<sup>3</sup> da criança não se apresenta como algo a ser descrito, calado, ajustado ou resolvido, pois ele representa uma ligação a qual pais e crianças se encontram capturados.

De qualquer maneira, é preciso definir a gagueira, que de acordo com uma perspectiva organicista e positivista, é entendida como um distúrbio da fluência, caracterizada por interrupções no fluxo da fala do indivíduo, impossibilitando, em alguns momentos, a produção da fala contínua, suave e sem esforço. (YAIRI; AMBROSE, 2005; WITTKÉ-THOMPSON et al., 2007). Tem maior prevalência durante a infância, surgindo habitualmente entre 2 a 3 e 5 anos, sendo mais frequente em meninos. (MARCELLI, 1998; BARBOSA, 2003; YAIRI; AMBROSE, 2005; WITTKÉ-THOMPSON et al., 2007). Trata-se de um distúrbio de linguagem de origem multifatorial cujos fatores de risco apontados são: fatores biológicos, psicológicos, sociais, orgânicos e hereditários. (MARCELLI, 1998; ANDRADE, 2004; YAIRI; AMBROSE, 2005, OLIVEIRA; FRIEDMAN, 2006). Diante disso, o estudo se propõe a ler a gagueira como um sofrimento que conclama e autoriza o Outro a fazer parte da história da criança, produzindo atravessamentos no seu drama posto na linguagem. Nesse sentido, considerar-se-á a gagueira enquanto sintoma e não enquanto patologia. Isso implica em considerá-la como resultante do conflito psíquico organizado a partir da vivência do complexo de Édipo, uma vez que as disfluências gagas<sup>4</sup> apareceriam na mesma época do complexo de Édipo. (GOMES-KELLY, 2002).

A gagueira estaria associada com o frágil endereçamento da função<sup>5</sup> paterna como portadora do objeto de desejo da função materna. A gagueira se organizaria como signo da castração, ocupando o lugar de interdição vago pelo não endereçamento ao pai. O sintoma - a gagueira - seria derivado da angústia de castração e a angústia estaria atrelada ao risco de ficar

---

<sup>3</sup> Linguagem em Psicanálise está para além do ato de falar. Ela é a questão primordial da constituição do sujeito e, portanto, carregada de significações.

<sup>4</sup> A disfluência é parte integrante da fala de qualquer pessoa. Todos apresentamos alguma disfluência em algum momento. Tem-se então que a atividade de fala é composta de momentos de fluência e disfluência integrados. (RIBEIRO, 2003). As disfluências podem ser consideradas comuns (hesitações; interjeições; revisões; palavras não terminadas; e repetição de palavras, segmentos ou frases) ou gagas (repetição de sons ou sílabas; prolongamentos; bloqueios; pausas e intrusão). Na pessoa que gagueja, estas últimas são mais frequentes e, normalmente, são acompanhadas de tensão ou algum sentimento negativo ao falar. (OLIVEIRA et al., 2012).

<sup>5</sup> Em Psicanálise utiliza-se o conceito de “função”, seja ela materna ou paterna, ao invés da ênfase atribuída aos laços consanguíneos. Dessa maneira, a pessoa que exerce essa função à criança, não necessita ser a mãe ou pai biológicos, mas sim, alguém que represente as figuras de pai e mãe na fantasmática inconsciente da criança, ou seja, representantes simbólicos contidos no imaginário da criança.

capturado pela imagem no espelho identificatório do outro materno, satisfazendo o desejo materno ou o “eu ideal” do narcisismo primário (FREUD, 1996/1914), que é o “suposto poder tudo que os pais não puderam”, como se fosse possível ser sujeito sem ver surgir em si o desejo e a falta.

Isso tudo teria como consequência uma interação fusional entre mãe-criança, sendo a gagueira compreendida como a incapacidade inicial de introduzir a distância que a comunicação linguística normalmente possibilita entre dois sujeitos. Isso seria causado, na criança, pela excessiva angústia diante de qualquer distanciamento em sua relação com a mãe, tendo como consequência a incapacidade de desvalorizá-la, e na mãe, pela extrema ambivalência com a qual recebe esse distanciamento. O pai apenas intervém como personagem idealizado, mas de fato irreal, sem relação com a pessoa real existente.

A identificação simbólica com o pai não seria favorecida, justamente pela inoperância da palavra deste para a mãe. Isso instiga a ideia de que a gagueira seja a marca da identificação pelo avesso do pai, pois o gago também está em seu sintoma aprisionado pela inoperância da palavra. É provável que seja por isso, para superar essa marca identificatória, que suas ambições estejam associadas ao domínio da palavra. Dessa maneira, a interdição à fala poderia ser considerada um recurso simbólico<sup>6</sup> para aplacar a angústia. Esta é associada ao aprisionamento do desejo de estar no lugar de objeto de desejo da mãe. Eis o emaranhado no qual deve fluir o estudo.

Nesse sentido, o estudo partiu da hipótese de que os traços comuns na relação das crianças com a linguagem, que são por sua vez organizadores de seus sintomas, estão atrelados à particularidade da vivência do complexo de Édipo. Assim, o sintoma (gagueira), desde os seus primórdios, funcionaria como um símbolo da dificuldade em viver a identificação simbólica com a função paterna. Com isso, espera-se encontrar o processo de separação perturbado nessas crianças. Articulado a dinâmica familiar, conteúdos do discurso parental e o envolvimento da criança com estes aspectos, presume-se encontrar no contexto familiar uma tendência à dependência da criança em relação à figura materna, que dificulte a construção da sua fala, deparando-se assim, com uma fala “vacilante”.

Para que as questões apontadas até então ganhassem materialidade, as atividades eleitas foram a narrativa e o trabalho com os livros infantis associados a utilização de fantoches. Tais atividades são entendidas como instrumentos valiosos que permitem acessar questões psíquicas relacionadas à gagueira. O uso do livro infantil se dá de forma a confrontar os significados

---

<sup>6</sup> Sistema de representação na linguagem.

cristalizados sobre a fala e a gagueira, abrindo novos sentidos a fim de desestabilizar o que ficou estagnado na subjetividade e dar lugar a novas experiências singulares.

As histórias permitem uma visão centrada no sujeito, desvinculando a gagueira da posição de doença/defeito, retirando o sujeito da posição discursiva de falante patológico. O livro possibilita à criança estabelecer um lugar de confrontação de significados, proporcionando novas posições subjetivas, já que recursos afetivos são mobilizados. (OLIVEIRA; FRIEDMAN, 2006).

Apesar de a gagueira ser, desde os seus primórdios, muito descrita na literatura especializada, sua etiologia se encontra em aberto e ainda longe de consenso, continuando a gerar discussão e polêmica. Van Hout e Estienne (2002) sustentam que a gagueira é mesmo uma das perturbações da fala e da linguagem mais enigmáticas. Embora a gagueira seja muito descrita, torna-se válido ressaltar que ainda são escassos estudos que se aprofundem na análise das questões psíquicas envolvidas nessa perturbação. Assim, abrem-se lacunas para novas investigações e estudos que tragam contribuições tanto ao campo da Psicanálise quanto ao campo da Fonoaudiologia. Daí surge a atração que o seu estudo exerce e a importância de se encontrarem resultados mais esclarecedores e de maior relevância.

Enquanto enigma a ser decifrado, a gagueira se oferece como objeto de investigação passível de ser abordado por múltiplas teorias. Embora este seja um aspecto da realidade do saber sobre a gagueira, a pesquisa não se colocará como interlocutora múltipla para pontos de vista aparentemente muito distintos uns dos outros. Pelo contrário, pretende discutir a gagueira considerando-a como uma marca sintomática na linguagem do sujeito, incluindo o referencial teórico psicanalítico, de modo a acrescentar a concepção de sintoma, entendido enquanto estruturante ao sujeito, à clínica da linguagem.

Nessa perspectiva em que se assenta essa reflexão na qual a gagueira é considerada não como patologia, e sim como sintoma do sujeito, o estudo contribuirá para que a clínica da linguagem possa apreender as posições subjetivas que se articulam entre o discurso do sujeito gago e a gagueira. Além disso, propõe-se a estudar e apresentar outras características próprias de seu jeito de estar no funcionamento da linguagem.

À Psicanálise importa, especialmente, compreender o significado da gagueira enquanto um sintoma psíquico e, portanto, estruturante. Para isso, parte-se da asserção de que, independentemente da sua origem (hereditária, genética ou adquirida), ela tem, inevitavelmente, implicações ao nível psíquico.

A questão de saber se certas insuficiências estruturais são ou não congênitas e hereditárias não altera os dados fundamentais do problema: as implicações psíquicas da



gagueira ao sujeito. É preciso romper com a dualidade entre teorias orgânicas/neurológicas/inatas e psicológicas/psicogênicas/adquiridas, urgindo avançar para um novo paradigma. Tal fato é fundamental para que, combinando várias perspectivas, se possa chegar a uma visão abrangente do fenômeno que se está a estudar.

A proposta deste estudo é corroborar com a convicção de que é essencial clarificar e reforçar o papel da Psicanálise nesta área. Nesse sentido, pode contribuir, na medida em que se reforça a ideia de que é fundamental desenvolver intervenções terapêuticas que visem a posição subjetiva daquele que gagueja. Qualquer abordagem deverá sempre eliminar a pressão para se falar corretamente, em um processo que passa pelo autoconhecimento e pela auto aceitação, requerendo mais um trabalho interno constante do que somente técnicas para falar fluentemente e sem tensão.

Contudo, esta posição não significa preterir as terapias de âmbito reeducativo, lideradas por alguns fonoaudiólogos, norteados por abordagens centradas na eliminação do sintoma. Talvez se possa pensar em uma abordagem integrada, visto que somente uma intervenção integrada, assentada na interdisciplinaridade, e na lógica de complementaridade, poderá fazer face à complexidade intrínseca da gagueira.

Espera-se, desta forma, que a pesquisa possa contribuir para a compreensão do sujeito que se esconde na patologia da fala, procurando ir ao encontro do seu mundo interno e descobri-la na sua subjetividade. Além disso, a pesquisa pretende contribuir com a clínica fonoaudiológica na medida em que proporciona pensar um trabalho voltado ao sujeito e não à normatização da fala gaga e, dessa forma, ampliar as possibilidades de intervenção no âmbito da Fonoaudiologia. Acredita-se que é a partir da interdisciplinaridade que a Fonoaudiologia tem a possibilidade de ampliar os seus conhecimentos de forma a possibilitar um resgate simbólico dos procedimentos técnicos de forma a colocá-los a serviço de uma escuta na qual não se tem a pretensão de normatizar a fala, e sim, escutar e entendê-la como uma construção subjetiva da criança em resposta a uma dinâmica familiar. É nesse sentido que se entende que a Psicanálise poderia contribuir com a Fonoaudiologia acerca da gagueira.

Por esse motivo, a perspectiva na qual se insere a proposta da pesquisa, considera o ato de contar histórias aliada ao uso dos fantoches na situação de avaliação das crianças, como uma forma de observar as questões psíquicas que ali estão implicadas. Dessa maneira, proporcionar-se-á uma situação distinta da realidade concreta e, portanto, potencialmente, um espaço lúdico que, ao se trabalhar com a fantasia, amplia o espaço psíquico e os acessos aos cômodos da mente das crianças em questão.

Por fim, esta pesquisa também se torna relevante, por aprofundar o estudo em relação a um distúrbio de linguagem. Para isso, propõem-se uma visão de intervenção terapêutica mais eficaz, de modo a contribuir tanto para o saber da Fonoaudiologia quanto da Psicologia.

Assim, constitui-se como objetivo do presente estudo analisar os aspectos psíquicos de crianças que gaguejam e como se refletem na interlocução com aqueles que desempenham as funções parentais.

Em virtude desse objetivo, o trabalho está organizado da seguinte forma: apresentação de uma introdução seguida da revisão de literatura, na qual são apresentadas as referências bibliográficas que dão sustento à relação entre o sintoma de linguagem - a gagueira e questões psíquicas. Na sessão seguinte são apresentados os passos referentes à metodologia da pesquisa. Na sequência, o trabalho divide-se em três artigos de pesquisa originais. O primeiro, intitulado *A influência do discurso parental na gagueira infantil*, teve como objetivo identificar questões psíquicas referentes à dinâmica familiar de crianças que gaguejam. O segundo artigo, *A criança gaga e o processo de estruturação psíquicas*, teve por objetivo identificar as questões psíquicas de crianças que gaguejam e sua relação com o exercício das funções parentais. Por fim, o terceiro artigo intitulado *A dinâmica entre as funções parentais e a criança e suas implicações na gagueira* que teve como objetivo explorar a dinâmica relacional entre as crianças que gaguejam e as funções parentais por meio da análise da interação e dos comportamentos em relação à fala entre a criança e seus interlocutores. O trabalho conta ainda com uma sessão de discussão e conclusão geral. Na sessão de discussão tem-se a sintetização das ideias dos dados dos três artigos e na sessão da conclusão tem-se a sintetização das principais ideias conclusivas do estudo. Ao final do trabalho se encontram as referências bibliográficas consultadas, assim como os apêndices e anexos referenciados durante o trabalho.

## 1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1.1 A gagueira

Trabalhar com a gagueira é sempre retomar discussões acerca de sua definição, da sua etiologia, das possibilidades terapêuticas e, inevitavelmente, deparar-se com diferentes “soluções” para aquele que gagueja. Isso decorre do forte impacto na qualidade de vida do sujeito e a angústia causada no outro por aquele que “tropeça” na fala. Estas soluções compreendem: as do senso comum (ex.: Simpatias do peixe vivo na boca, da batida de uma colher de pau na cabeça do gago), as bem intencionadas (ex.: Fale devagar! Respire fundo! Se

acalme!), as cheias de ira (ex.: Pára de gaguejar, menino! Fala direito), as de ordem comportamental que se colocam em uma perspectiva organicista e positiva (ex.: gagueira como comportamento aprendido por condicionamento operante ou clássico) (GOMES-KELLY, 2002), as abordagens sociais e a abordagem centrada no sujeito e seu sintoma advinda da Psicanálise.

Tomar em análise um conceito qualquer pressupõe o cuidado de localizá-lo em uma teoria ou em um contexto que lhe confira significação particular. Diante disso, parte-se para uma breve contextualização da temática, iniciando com alguns apontamentos em relação a conceituação da gagueira e, na sequência, aponta-se algumas das principais discussões teóricas no campo da gagueira, com o objetivo de situar minimamente o leitor em relação ao tema. Nesse sentido, não se trata de propor uma revisão extensa das diferentes definições e correntes teóricas sobre o assunto. Trata-se pois, de uma síntese de algumas definições e abordagens com o intuito de evidenciar as divergências e, a partir disso, lançar algumas reflexões acerca das implicações destes diferentes entendimentos. Antecipa-se então, que a pesquisa limitou-se a trazer aspectos relacionados a mais antiga e severa discussão que diz respeito aos determinantes orgânicos e psicológicos da gagueira. Tal limitação se deve ao fato já mencionado, mas também porque não se faz objetivo do estudo integrar as pesquisas na área que visam definir a etiologia e a classificação da gagueira, uma vez que a proposta do estudo não é abarcá-la em sua totalidade.

#### *1.1.1.1 O que é gagueira?*

Estudar a gagueira implica se deparar com um cenário polêmico e controverso, uma vez que os estudos sobre ela passam por diferentes enfoques em diferentes momentos da história. Quanto a sua definição, existem inúmeros conceitos, cada um deles com uma leitura. Diante do objetivo do estudo, não se pretende, de forma alguma, abordar estes diferentes conceitos, mas apontar alguns, que vão do mais clássico até o mais atual, no intuito de demonstrar o quanto, por meio destas restritas conceituações já é possível notar que o que está em jogo, é sempre as marcas da patologia e não o sujeito.

O termo gagueira é o mais antigo e, provavelmente, ainda o mais usado para designar as chamadas interrupções anormais do fluxo da fala. Tem-se, no entanto, cada vez mais a utilização da expressão Distúrbios da Fluência, encontrando-se abrigados nesse campo diferentes alterações da chamada fluência da fala. A gagueira estaria, em princípio, situada no escopo desses distúrbios, e talvez, o principal deles. (OLIVEIRA, 2011).

A mais clássica das definições, e ainda considerada referência, por ter sido seu autor um grande estudioso da gagueira, é de Van Riper. (OLIVEIRA, 2011). O conceito aborda uma visão geral da gagueira e centra-se na descrição dos seus principais sinais. Segundo o autor “a gagueira ocorre quando a continuidade do fluxo da fala é interrompida de forma anormal por repetições ou prolongamentos de um som, sílaba ou postura articulatória, ou por comportamentos de evitação e esforço.” (VAN RIPER; EMERICK, 1997, p. 260).

Andrade (2004), autora que entende a gagueira a partir de uma perspectiva genética, define-a pelas rupturas involuntárias do fluxo da fala, caracterizadas por repetições de sons e de sílabas, prolongamentos de sons, bloqueios, pausas externas, intrusões nas palavras. Essas alterações promovem uma diminuição da velocidade da fala e provocam um grau de rompimento acima da taxa de elocução considerada típica à maioria das pessoas, pertinente à idade do falante.

Andrade (2004) aponta ainda, que durante a infância, devido ao complexo processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, é comum crianças apresentarem disfluências (hesitações, repetição de sons, sílabas ou palavras), tendendo a estabilizar o fluxo da fala ao adquirir maior domínio dos componentes linguísticos que a constituem. Em 80% das crianças essas disfluências são típicas e tendem a desaparecer em seis meses. Estudos mais antigos na área da fonoaudiologia apontavam que essas primeiras disfluências poderiam ser entendidas como uma gagueira fisiológica, considerando esperado a criança gaguejar entre 2 e 4 anos (JAKUBOVICZ, 1980; IRWIN, 1983). Entretanto, outros estudos mais atuais apontavam que essas disfluências já podem sinalizar o início de um processo para um distúrbio da fala. (MERÇON; NEMR, 2007; SOUZA; PASCHOALINO; CARDOSO; OLIVEIRA, 2013). Em alguns casos, essas disfluências poderão evoluir para um quadro crônico conhecido como gagueira. (ANDRADE, 2004).

Em relação à velocidade de fala, alguns autores apontam que o número de sílabas e palavras produzidas por minutos, pode estar relacionada ao ritmo que cada indivíduo imprime no seu discurso, adequando-se ao contexto e à própria situação na qual ele se encontra. (SOUZA; PASCHOALINO; CARDOSO; OLIVEIRA, 2013). Dessa maneira, um falante fluente é caracterizado pela capacidade de produzir longas sequências de sílabas ou palavras, sem esforço, combinando emissões contínuas. (ANDRADE, 2006). Nesse sentido, a quantidade de sílabas por minuto produzidas por uma criança sem alteração de fala, é de 118,8 a 154,0 para crianças de 5 anos, 119,3 a 154,5 para crianças de 6 anos e 105,0 a 142,8 para crianças de 7 anos. Em relação à quantidade de palavras por minuto produzidas por uma criança sem

alteração de fala, esta é de 67,7 a 89,8 para crianças de 5 anos, 68,0 a 88,4 para crianças de 6 anos e 58,1 a 81,8 para crianças de 7 anos. (ANDRADE, 2004).

As disfluências, como apontado anteriormente, compõem parte da fala de qualquer pessoa e são divididas em disfluências presentes durante a fala, também denominadas de disfluências comuns e disfluências típicas da gagueira (chamadas de disfluências gagas). (YAIRI; AMBROSE, 1999). Nesse sentido, a presença de ao menos de 3% de disfluências gagas em uma avaliação específica da fala espontânea (podendo ou não apresentar concomitantes físicos, como evitar contato ocular, movimentos faciais, de cabeças ou membros e sons dispersivos) e 10% de descontinuidade de fala, caracteriza a gagueira. (ANDRADE, 2000).

Em relação à idade de surgimento no período da infância, momento em que possui maior prevalência, estudos apontam que essa patologia, inicia habitualmente entre 2 a 3 e 5 anos, sendo mais frequente em meninos (MARCELLI, 1998; BARBOSA, 2003; YAIRI; AMBROSE, 2005; WITTKÉ-THOMPSON et al., 2007), podendo ocorrer até os 12 anos. (ANDRADE, 2004; OLIVEIRA; SCIVOLETTO, 2014).

Dentro dessa definição, consideram-se três subgrupos de gagueira: do desenvolvimento ou idiopática, neurogênica e psicogênica. A *gagueira do desenvolvimento* é encontrada em cerca de 80% do total de casos e tem início na infância, durante a fase de aquisição e desenvolvimento da linguagem (em geral, entre 2 e 7 anos, podendo ocorrer até os 12 anos) e pode ser definida como o resultado de uma disfunção do sistema nervoso central (controle motor e temporal da fala), com base genética que, em sua evolução, pode acarretar impacto psicológico e mau ajustamento social, em decorrência de fatores pessoais e ambientais. A *gagueira neurogênica* é aquela que ocorre em um falante inicialmente fluente que se torna gago em decorrência de um dano cerebral, de origem vascular ou traumática, principalmente, quando a lesão tem características difusas. Por último, a *gagueira psicogênica* é aquela causada por algum evento psicológico identificável (traumática ou de conflito emocional) ou aquela associada aos quadros psiquiátricos. (ANDRADE, 2004).

Tais considerações apontadas até aqui, levam ao notório delineamento de uma vertente centrada na patologia e comprometida com sua materialidade. Nesse sentido, a gagueira é compreendida como uma desordem do processamento motor da fala onde os sintomas precisam ser minimizados/corrigidos. (JAKUBOVICZ, 2002; PEREIRA et al., 2003; SASSI; ANDRADE, 2004; ANDRADE; MARTINS, 2005). Nessa abordagem, a fonoarticulação é o ponto de partida e de chegada do clínico/terapeuta e a terapêutica visa à supressão dos comportamentos constituintes e acessórios à gagueira, tentando aproximar a fala do padrão

considerado normal. Recorta desse modo, a gagueira do sujeito, isolando-a do contexto discursivo e subjetivo. (OLIVEIRA; FRIEDMAN, 2006).

Outro exemplo disso, é a conceituação proveniente de Meira (1998). A autora entende que a gagueira se caracteriza pela interrupção na fluência da expressão verbal que é caracterizada por repetições ou prolongamentos involuntários, audíveis ou silenciosos, na emissão de pequenos elementos da fala (sons, sílabas e palavras de uma sílaba). Estas interrupções, usualmente, ocorrem com frequência ou tem caráter marcante e não são prontamente controladas. As interrupções, algumas vezes, são acompanhadas por atividades acessórias envolvendo o aparelho fonador relacionado ou não com estruturas corporais ou emissões de fala estereotipadas.

Uma outra definição, usualmente e atualmente utilizada por diferentes áreas, é proveniente da psiquiatria positivista contemporânea - guiada pelos pressupostos indicados nos Manuais Diagnósticos e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM). A partir da terceira versão rompem com o ecletismo de saberes em prol de uma abordagem que prioriza estudos epidemiológicos e dados estatísticos para atingir uma suposta objetividade (BERNARDINO, 2011). Nesse sentido, concebe a gagueira como uma perturbação na fluência normal e no padrão temporal da fala inapropriada à idade do indivíduo. Ela caracteriza-se por repetições frequentes ou prolongamentos de sons ou sílabas e por outros tipos de disfluências da fala, incluindo palavras interrompidas, bloqueio audível ou silencioso, circunlocações (substituições de palavras para evitar palavras problemáticas), palavras produzidas com excesso de tensão física e repetições de palavras monossilábicas. (DSM-V, 2014).

Diante de tais definições do que seria a gagueira, fica claro em primeiro lugar, que há uma preocupação em apresentar um aprofundamento da descrição da sintomatologia da gagueira, a partir de uma tentativa de delimitar exaustivamente as possíveis “alterações” na fala de quem gagueja. São definições que apresentam uma descrição pormenorizada das características observáveis de uma fala gaga.

Além disso, a breve análise da conceituação da gagueira, permite notar que expressões como “alterações”, “anormal”, “grau” “inapropriada à idade”, “distúrbio”, “desordem” marcam aquilo que é da ordem do patológico. Embora entenda-se que estabelecer parâmetros visem uma definição daquilo que é esperado para um determinado momento na aquisição da linguagem, a mera delimitação nestes parâmetros restringe um olhar para a gagueira voltado apenas para o campo da fala em si. À pesquisa interessa entendê-la como algo que está muito além, como algo que diz da sintomática estruturante do sujeito e que, portanto, precisa ultrapassar uma leitura numérica, quantificada e patologizada.

Por fim, este breve caminho percorrido por alguns conceitos que são representativos (ao menos na área da Fonoaudiologia) para a definição da gagueira, permitiu notar que sempre ocorre uma busca pelas marcas da patologia no organismo, fixando o sujeito nestas marcas, apagando-se assim, as questões subjetivas e a noção de linguagem enquanto constituinte do sujeito. O que está em jogo, é sempre as marcas da patologia e não o sujeito.

Dessa maneira, a seguir, continuar-se-á, na mesma linha de discussão, buscando abordar, o principal conflito em relação à gagueira: os determinantes orgânicos e psicológicos.

### *1.1.1.2 Abordagens orgânicas x abordagens psicológicas*

A gagueira é abordada desde muito tempo por diferentes áreas do conhecimento e diferentes abordagens. Filósofos como Hipócrates, Aristóteles e Galeno tratavam dela como um distúrbio de fala, juntamente com todas as alterações da comunicação falada. Referiam-se a ela como o resultado de uma língua fraca ou curta, chegando-se a fazer incisões para extração de partes da língua na tentativa de encontrar a sua etiologia. Com o passar do tempo, vão surgindo as preocupações com as técnicas que entendiam que a solução para o problema se encontrava em algumas estratégias, como o relaxamento, a sugestão, etc. Entre os séculos XX e XXI surge a possibilidade de se pensar a gagueira em termos de herança genética sendo este um fator de predisposição e o ambiente o disparador da gagueira. Nesse sentido, as técnicas comportamentais dariam conta da gagueira em si. (GOMES-KELLY, 2002).

Por meio dessa brevíssima contextualização, já é possível perceber que a gagueira enquanto objeto de estudo permite distintas leituras que são provenientes de diferentes olhares sobre ela. (MORAES; NEMR, 2007). Contudo, nota-se que há uma preponderância da vertente organicista/positivista na produção dos trabalhos sobre gagueira. Tal constatação indica que os estudos têm explicado a gagueira muito mais do ponto de vista do organismo que do sujeito. (DAMASCENO; FRIEDMAN, 2011).

As teorias orgânicas remetem à gagueira um conjunto de causas que atuam como um fator predisponente, desencadeando, determinando ou agravando o sintoma. Dentre o conjunto de causas, pode-se encontrar a hereditariedade. (IETO; GOMES-KELLY, 2003).

De maneira geral, o que ocorre nesta abordagem, é uma busca das marcas da gagueira no organismo, como, por exemplo, a identificação, através de exames de imagem, de determinadas características anatômicas do cérebro que indiquem a presença da gagueira no indivíduo. Na leitura desta perspectiva a linguagem depende de um arcabouço orgânico,

principalmente relacionado ao funcionamento cerebral e à integridade dos órgãos fonarticulatórios. (OLIVEIRA, 2011).

Encontra-se ainda na literatura, diferentes visões relacionadas às anormalidades entre o sistema nervoso e sua relação com o processamento de articulação da fala. Tais anormalidades envolveriam, desde problemas na dominância cerebral até dificuldades no processamento inter hemisférico, ocasionando (devido à falta de sincronia na programação dos movimentos musculares responsáveis pela fala) alterações nos mecanismos cerebrais associados com o controle motor da mesma. Duas tendências podem, então, ser observadas: a que foca no funcionamento dos hemisférios cerebrais e a que se centra nos aspectos motores. Integrando essas duas visões encontra-se pesquisas na área da Fonoaudiologia que tomam por base a abordagem neurolinguística (ou neuropsicolinguística) e motora da gagueira. (OLIVEIRA, 2011). Conforme Andrade (2004) a quebra no fluxo contínuo normal da fala (a disfluência) ocorre quando o sistema de sinais (que integra os componentes paralinguísticos e prosódicos da fala) e o sistema simbólico (que integra os componentes cognitivos e linguísticos) não operam em harmonia e equilíbrio. A fala fluente requer que os componentes gerados pelos dois sistemas sejam integrados. Quando essa integração não é sincronizada, o resultado pode ser tanto uma disfluência comum quanto uma disfluência gaga.

Além dos fatores cerebrais e motores, estariam envolvidos, nessa perspectiva, os fatores linguísticos. Nesse sentido, a gagueira pode ser definida como uma dificuldade no planejamento motor da fala. O indivíduo tem conhecimento dos sons que formam a palavra, no entanto, apresenta problemas na execução do programa motor necessário à articulação, ou seja, no processamento linguístico da fala. (PEREIRA, 2003).

Se a pesquisa desse continuidade a tal percurso, certamente se encontraria neste caminho, a gagueira relacionada a causas neurológicas, disfunções e lesões cerebrais, dominância cerebral, incoordenação motora, ao *feedback* auditivo, causas congênitas, hereditárias, traumáticas, etc. (FRIEDMAN, 2004). Todos estes aspectos se direcionam sempre ao apagamento do sujeito em prol da patologia.

De maneira distinta, encontram-se os estudos da perspectiva psicológica que se opõem às teorias organicistas e que tomam a gagueira como o resultado de um comportamento aprendido/adquirido (behaviorismo/comportamentalismo).

Os comportamentalistas explicam os sintomas como hesitações e repetições da criança que são desaprovados pelos pais e que causarão ansiedade na criança. Em virtude disso, palavras ou sons ficam marcadas e em novas situações, quando precisam ser pronunciadas, provocam ansiedade, originando assim, a gagueira. Desse modo, sugere-se comportamentos



como retardar o começo da fala e evitar conversações como uma forma de evitar as reações desfavoráveis da fala. Nesse sentido, a gagueira é entendida como um comportamento que pode ser modificado a partir de duas classes de comportamentos aprendidos: emoção negativa condicionada e comportamento de escape ou evitação da fala. (SPINELLI, 2001). Nessa perspectiva, a gagueira é então entendida, como um hábito adquirido no processo de desenvolvimento da criança, seja por condicionamento operante, onde a disfluência normal de fala é reforçada negativamente; seja por condicionamento clássico, em que as emoções negativas sobre a fala ficam condicionadas a certos estímulos que com a exposição do indivíduo a eles resultam a gagueira; seja por ambos simultaneamente, de tal forma que o condicionamento clássico de emoções negativas causa a gagueira, enquanto os comportamentos do indivíduo para evita-la, se tornam instrumentalmente condicionados. (FRIEDMAN, 2004).

Para adeptos dessa perspectiva, a gagueira seria um processo “ruim” de aprendizado por consequência de um rótulo dado pelos pais ou adultos, a partir das rupturas normais da fala da criança pequena. Dessa maneira, a gagueira estaria no ouvido dos pais ou adultos que reagem a ela com ansiedade e punição fazendo com que a criança passe a evitar as interrupções ou a se esforçar para inibi-las. Também se acredita que, nesse sentido, a criança sofra de um conflito interno entre forças opositoras do falar e do não falar, sentindo-se ambivalente entre a necessidade de se expressar e as condições para isso, pois sua capacidade articulatória não consegue manter o fluxo em andamento, podendo ser então punida pelo interlocutor.

Uma representante dessa perspectiva no Brasil atualmente é a Fonoaudióloga Regina Jakubovicz. Para ela, o gaguejar na fala infantil é entendida como um comportamento benigno, porém, o fato de ocorrer estímulos negativos, por uma intervenção negativa do adulto, faz com que surja ou se precipite uma gagueira patológica. Ao contrário, quando se dá um reforço positivo, como por exemplo, um elogio diante da fala fluente, pode se ter uma melhora na fala gaguejante. (JAKUBOVICZ, 2002).

Ainda nessa perspectiva de que a gagueira é adquirida pelo sujeito e não necessariamente ter sua base determinada predominantemente por fatores genéticos, encontra-se o trabalho Fonoaudióloga brasileira Silvia Friedman. Com uma visão decorrente da Psicologia Social, Friedman entende a causa da manifestação da gagueira não no indivíduo, mas nos processos de sua relação com os outros. (FRIEDMAN, 2004).

Friedman (2004) aborda a gagueira a partir de duas formas principais: a gagueira natural e a gagueira sofrimento. Na gagueira sofrimento, a autora aponta para uma lógica paradoxal: o sujeito quer falar sem fracassar, ou seja, sem tensão, mas o medo de isso acontecer o tensiona e o leva a “trancar” na fala. A gagueira natural por sua vez, é descrita como algo natural à

produção da fala das pessoas, determinadas por aspectos motores, cognitivos e emocionais. Nota-se, portanto, uma busca pela relação subjetividade/ideologia que pode ser percebida por meio da análise dos discursos dos sujeitos gagos que apontam para uma auto-imagem estigmatizada de falante. A origem da gagueira sofrimento estaria localizada justamente na relação do sujeito com a sua identidade enquanto falante, algo que, segundo a autora, se constrói desde a infância, na relação com os interlocutores.

Com um discurso entendido como um pouco mais “aberto”, tem-se as contribuições de Pisaneschi (2001) que toma a gagueira em uma abordagem multifatorial. Parte-se, portanto, de um entendimento de uma multicausalidade, ou ainda, que fatores biopsicossociais que estariam envolvidos no desenvolvimento da gagueira.

Aparentemente, se poderia inferir que essa pluralidade seria representante de um consenso entre as diferentes abordagens apontadas até o momento. No entanto, o que se observa é que por traz desse não posicionamento os velhos conflitos retornam. Segue-se tendo uma tendência para uma visão mais ou menos orgânica, psicológica ou social. Dizer que é multicausal é não delimitar, e ao mesmo tempo, não descartar nenhuma possibilidade existente. (OLIVEIRA, 2011).

Observa-se até aqui, que tais vertentes, tanto as abordagens organicistas quanto as psicológicas, de uma ou outra maneira, compreendem a gagueira em uma condição de patologia. Nesse sentido, tais abordagens tornam-se vagas para a Psicanálise, uma vez que nelas não se encontra a condição de sujeito, pois esta fica apagada em nome da patologia. Assim, a linguagem escapa e a condição de sujeito é excluída.

Aqui se faz de extrema importância ressaltar que, embora tenha-se apontado algumas questões em relação à gagueira em si, esta pesquisa não pretende abordar a gagueira na criança do ponto de vista da patologia em si. Entretanto, toma-se a sua característica generalizante - rupturas no fluxo da fala - para abordar um entendimento bastante específico: a gagueira na criança enquanto um sintoma de linguagem que se organiza a partir das questões sintomáticas da dinâmica familiar. Dessa forma, não se faz objetivo do estudo integrar as pesquisas na área que visam definir a etiologia e a classificação da gagueira, uma vez que a proposta do estudo não é abarcá-la em sua totalidade.

### *1.1.1.3 Gagueira e Psicanálise*

A perspectiva psicanalítica surge de maneira bastante distinta das abordagens psicológicas, uma vez que se contrapõem às pesquisas experimentais e ao comportamento

aprendido. Em relação aos estudos sobre a gagueira, a teoria psicanalítica produziu um grande impacto. (BARBOSA, 2003). Um dos primeiros estudos aparece em um caso de histeria acompanhado por Freud (1996/1893-1895): Frau Emmy Von N. Trata-se de uma mulher de aproximadamente 40 anos com diferentes sintomas histéricos, entre eles uma gagueira a qual Freud interpreta como sendo resultado de dois desejos conflitantes: o calar e o falar. Essa perspectiva de associar a gagueira ao conflito calar e falar continuou sendo retomada por psicanalistas segundo a sua própria ótica, ora pela questão pulsional (ego, id, superego), ora pela ênfase na existência de um trauma desencadeador desse conflito. (IEDO; GOMES-KELLY, 2003). A partir disso, surgem as proposições de que a gagueira traria consigo a ideia de conflitos de padrões afetivos intensamente antagônicos que causam a ruptura da fala; duplo conflito entre silêncio e medo do silêncio; necessidades sexuais inconscientes não resolvidas (fixação oral ou fixação anal); agressividade reprimida, entre outras. (IETO; KELLY, 2003; FRIEDMAN, 2004). O que se passa a perceber, de maneira geral, é a ênfase na relação gago-gagueira (CUNHA; GOMES, 1996), buscando-se o deciframento do sintoma e não a sua supressão.

Tomar a Psicanálise para trabalhar a gagueira é centrar-se no sujeito e os efeitos que a patologia, entendida como sintoma estruturante, causa no sujeito gago. Volta-se para o sintoma-gagueira como linguagem e entende-se que há um sujeito que fala para um outro, que é seu intérprete, ambos subjetivamente enlaçados pela linguagem e seu funcionamento discursivo. Assim, a pesquisa se apoiará na abordagem da Teoria Psicanalítica pois esta destaca durante todo o seu percurso a ideia de estruturação psíquica a partir da linguagem entendendo o sintoma como formação subjetiva.

Pensar o sintoma de tal maneira é compreendê-lo diferentemente do modo como a medicina pensa o conceito. O campo médico aproxima-se de uma visão objetivista e considera o sintoma como a doença enquanto tal, ficando estes (sintoma e doença) entendidos como processos desarticulados da singularidade do sujeito. A psicanálise, enquanto saber construído a partir de uma prática que busca privilegiar o sujeito da linguagem através de sua fala, gestos e também de seu silêncio, promove uma série de modificações no campo da compreensão do psiquismo humano, e portanto, um novo olhar sobre o sintoma. (SILVA; RUDGE, 2017). A partir daí, um novo campo vai se delineando onde o sujeito não pode ser pensando sem o seu sintoma: “[...] não há sujeito fora de um arranjo sintomático, pois o sintoma se constrói na relação de significação, assim como o sujeito se constitui na linguagem, no campo do Outro”. (SILVA; RUDGE, 2017, p. 227). Por esse motivo, a clínica psicanalítica não tem por objetivo retirar ou apagar o sintoma, mas possibilitar ao sujeito um contato maior com determinantes

inconscientes de sua história. Se o sintoma está fortemente arraigado às tramas da constituição do sujeito, retirá-lo é abalar o sujeito, e dependendo do modo como se tenta fazê-lo, o sintoma veste novas roupagens e se manifesta por outra via. (TASSINARI, 2001).

Ainda que o sintoma produza sofrimento ao sujeito, ele significa uma solução que tenta garantir uma certa organização ao sujeito. De acordo com Freud (1996/1926), os sintomas se manifestam com o objetivo de evitar uma situação de perigo sentida pelo ego. Ao se impedir que os sintomas sejam formados, o perigo se concretiza. Quando isso acontece, o sintoma perde sua estruturação simbólica, seu poder de significação, e dá espaço para o surgimento da angústia, pois algo não foi possível de ser simbolizado. Assim, o sintoma diz de uma construção subjetiva do sujeito que tem a função de evitar o perigo da angústia.

Uma vez entendido como formação subjetiva, o sintoma é a marca da singularidade, em estreita relação com os primórdios da constituição subjetiva, atravessada pelas interferências do Outro. Por isso, é signo do primeiro contorno do eu, do reconhecimento de si pelo olhar da mãe que dá ao sujeito um lugar no campo da linguagem. Portanto, embora apareça como fixação alienante, o sintoma é um recurso expressivo; é marca que autentica o sujeito. Entendido enquanto tal, em muitos casos, ele incide diretamente em marcas linguísticas (TASSINARI, 2001), ou seja, em falas sintomáticas e aqui, remete-se a gagueira na infância. Contudo, trabalhar com a temática da gagueira na criança é tomá-la enquanto um sintoma que estabelece relações diretas com a dinâmica familiar e com o lugar que a criança ocupa na fantasmática parental.

Dessa maneira, sustentada por esse referencial teórico, para a pesquisa, será mais importante explorar a relação e os efeitos psíquicos que a criança gaga tem com o sintoma na fala, com a sua fala, do que a própria gagueira ou fala em si. Interessa, sobretudo, entender qual o significado psicoafetivo da gagueira nas crianças em questão, esperando que isso possa servir de alguma forma para clarificar a importância dos aspectos psicológicos da gagueira na infância e assim, poder, contribuir para a área da qual a pesquisa está em interface - a Fonoaudiologia. Desse modo, assumir a teoria psicanalítica como perspectiva teórica para entender a gagueira, é distanciar-se de perspectivas positivistas e organicistas que reificam a gagueira e excluem o sujeito, é trabalhar com a linguagem (entendida no campo do Outro), com o sujeito e sua constituição e não com a patologia em si. Nesse sentido, é preciso escutar os pais e a criança, entender a dinâmica familiar para que se possa entender o sintoma como algo singular.

### 1.1.1.3.1 A gagueira na infância e as relações familiares

Deste ponto de vista, interessa à pesquisa, antes de tudo, a importância do Outro na estruturação da patologia da fala. De que maneira esse Outro interfere, a ponto de perturbar a comunicação do sujeito? Para tal, se abordará desde logo, a importância das relações familiares para o desenvolvimento da gagueira na criança, pois, desde muito cedo no percurso da construção linguística da criança, existem significantes<sup>7</sup> nos discursos dos pais que indiciam um provável sintoma de linguagem. (TFOUNI; FERRIOLLI; MORAES, 2002).

Sabe-se que antes mesmo de ser concebida, a criança já é falada nos projetos e desejos dos pais o que configura uma criança determinada pelos desejos parentais. É por meio da linguagem, que os pais mostram sua subjetividade e, dessa forma, evidenciam quais são os lugares possíveis de seus filhos existirem como sujeitos da e na linguagem. (FERRIOLLI; WITT, 2009).

Desde cedo, criança e pais, mais profundamente a mãe como interlocutor primário, vão se ajustando, em um clima de banho de afeto mútuo que alicerça e fortalece essa relação. Entre momentos de sincronia e dessincronia, harmonia e desarmonia, criança e pais vão se encontrando até um equilíbrio que possibilitará uma comunicação fluente, uma partilha quase mágica, com entendimento mútuo, singular e prazerosa, em um espaço único que os três vão criando e vinculando-se. (VENTURA, 2012). Como efeito disso, inicialmente, mãe e criança se encontram em um momento fusional de relação física e afetiva onde há uma identificação primária, seguida, posteriormente, de uma identificação secundária, envolvendo a função paterna e a família.

A criança vai assim incorporar a identidade que lhe foi atribuída e formar a imagem de consciência de si e do outro nas relações, adquirindo a *capacidade de estar só*. Somente depois de adquirida essa capacidade, a criança será capaz de tolerar as discontinuidades e separações, passando de uma fase de *dependência absoluta* (onde mãe e criança estão em uma relação de fusão) para uma fase de *dependência relativa* (momento em que a mãe percebe que a criança suporta, por algum tempo, a sua ausência) rumo à *independência* (fase descrita pelos esforços da criança pré-escolar em se tornar capaz de se relacionar com sua sociedade). (WINNICOTT, 2007).

Nesta construção da identidade, a linguagem vai assumir um papel duplo e de certa forma paradoxal. Ao mesmo tempo em que diminui a distância subjetiva entre a criança e o

---

<sup>7</sup> O significante em Psicanálise é o elemento significativo do discurso que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito à maneira de uma nomeação simbólica. (ROUDINESCO, 1998).

outro, também é distanciadora, na medida em que lhe permite um existir separado do outro. É então, pela linguagem que a criança pode tomar total consciência de si e se fazer distinta dos outros e, no entanto, idêntica a eles. Dito de outra maneira, a partir do momento em que a criança adentra no campo da linguagem, ela também se faz presente no campo do Outro, havendo ali, uma identificação. Mas, ao mesmo tempo ela se distancia do Outro por se colocar enquanto sujeito e, portanto, habitando seu desejo.

Na procura de uma relação mais autônoma e menos dependente, a criança vai se diferenciando da sua mãe e colocando seu próprio desejo, de onde advém a linguagem e sua função simbólica. E é, exatamente nesse ponto, que se levanta uma das hipóteses deste estudo: a gagueira poderia ser uma forma de a criança se distanciar do agente materno, uma vez que a função paterna se encontraria problematizada. Dessa maneira, pressupõe-se que o sintoma de linguagem - a gagueira - apareça para dar conta disso que está fragilizado para essas crianças, ou seja, a função paterna. De tal maneira, isso se refere ao fato da gagueira, mesmo em seus primórdios já funcionar como um símbolo da dificuldade da identificação simbólica com a função paterna.

A fala da criança permaneceria então, contemplando em parte o seu próprio desejo, mas também o desejo materno. A ser assim, trata-se de uma circunstância desenvolvimental muito particular, especial e interessante, porque corresponde a uma determinada forma de organização psíquica da criança, que estaria relacionada com um conflito psíquico organizado a partir da vivência do complexo de Édipo.

#### 1.1.1.3.2 Os processos psíquicos constituintes do sujeito: a alienação e a separação e sua relação com a gagueira

É, no mínimo, curioso constatar que a gagueira emerge em fases de marcada necessidade de separação como na infância e na adolescência, períodos críticos e de desinvestimento das figuras parentais e investimento nos outros, nos pares, determinando a construção identitária.

A teoria psicanalítica descreve, que em condições ditas típicas, para que a criança se constitua enquanto sujeito, é preciso que ela passe pelo processo descrito como alienação/separação. (LACAN, 1998/1964). Devido à imaturidade das funções orgânicas de uma criança ao nascer, ela necessita de um outro semelhante que faça a dupla função no início da vida: os cuidados em relação à sobrevivência orgânica e os cuidados simbólicos por meio de atribuições de sentidos e significações em relação as suas manifestações (gestos e choros, por exemplo), sendo inserida no campo do Outro (inicialmente, representado pela função materna).

A criança vai sendo então antecipada, falada no discurso dos pais mesmo antes de nascer, pois estes imaginam como ela vai ser, com quem vai se parecer, etc., colocando-a em uma condição de dependência em relação ao Outro. (GURSKI, 2010).

Esse momento de dependência, de simbiose com a função materna, refere-se a um primeiro momento de constituição subjetiva da criança, chamado alienação. A criança fica presa ao discurso materno, e por isso, mantém uma posição de objeto de desejo materno. Para que isso não se mantenha, é necessário haver um corte nessa relação para que a criança não satisfaça totalmente o desejo da mãe. (KAMERS; BARATTO, 2004). Isso vai fazer a criança mover-se em direção aos seus desejos, inclusive ao desejo de falar, dando entrada ao segundo momento de constituição: a separação.

Entretanto, para que a criança deseje se comunicar, inclusive verbalmente, é preciso que ela entre no campo da simbolização. A entrada neste campo é feita por uma interdição advinda da função paterna e sustentada pela função materna, que impulsiona a criança em direção àquilo que deseja, havendo a possibilidade de um querer, de um desejo. É a partir disso que a criança vai se colocando no campo da linguagem, de tal forma que deseja se comunicar.

Se não se afastar da mãe e se esta não lhe der o tempo e, sobretudo, o espaço adequado, a criança não irá acender à simbolização. Isso significa dizer, que a criança certamente irá “tropeçar” na linguagem, uma vez que esta é simbolização, pois tem como ocorrência a passagem da ação à verbalização. Ora, essa dificuldade piora a condição de quem quer falar e sabe o que quer dizer, mas não consegue expressar-se como queria, como pensou, como antecipou. Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se supor que na gagueira as palavras surgem no pensamento sem estarem suficientemente ancoradas, dando lugar a representações vagas e afetadas de forma não ajustada.

Até aqui, esclareceu-se que o agente causador da interdição na relação mãe-criança é a função paterna, a qual lembrará à mãe que a criança é um sujeito diferente dela e da qual ela não tem posse absoluta. (BERNARDINO, 2008). Entretanto, quando esse primeiro registro da função paterna existe, mas não desempenha o seu papel de forma satisfatória, algo precisa surgir nessa lacuna: por vezes um sintoma (LAZNIK, 2013) que é um apelo ao pai no momento em que este começa a dar sinal de sua exaustão. (LACAN, 1995/1901-1981).

E por que não um sintoma de linguagem? Nesta óptica, a gagueira funcionaria como a manifestação de uma necessidade da criança em ainda ter a presença física de uma figura parental, já que o processo de simbolização estaria prejudicado. Nesse caso, parece que abandonar o sintoma, que não é a assunção de uma resposta direta da criança a um dizer denegrido a respeito de seu modo de falar, é uma afirmação subjetiva que, como linguagem,

convoca uma significação. Talvez o que ocorre com esses sujeitos com sintoma na fala é que a fala que a mãe deseja é aquela que os coloque em uma posição de assujeitamento, em uma posição infantil. Não resta outra alternativa à criança, todavia, a não ser se defender disso, produzindo um sintoma.

#### 1.1.1.3.3 O sujeito gago e sua dificuldade com a problemática edípica

Durante toda a construção da obra de Freud, a formação dos sintomas está diretamente associada à resolução da conflitiva edípica. Tanto na obra freudiana quanto na obra lacaniana o complexo de Édipo consiste na relação inicial que a criança estabelece com a mãe, e na interdição que recai sobre essa relação - o complexo de Castração. Este tem diferente significado em cada teoria, uma vez que em Freud está relacionado a uma questão anatômica, enquanto em Lacan está balizado pela função simbólica do pai, já que seu empenho foi no sentido de enfatizar a interdição do desejo incestuoso da criança pela mãe. (FARIA, 2003).

De qualquer maneira, a castração pode ser entendida como uma proibição que se opõe a uma satisfação antes conhecida, mas que deve ser ultrapassada, deslocada. A criança passa por diferentes proibições ao longo do seu desenvolvimento, que a levarão à condição de acesso a uma autonomia do sujeito. É preciso, contudo, que essa castração também seja entendida pela mãe e que está se dê conta de que está em um terreno faltoso, de incompletude. (DOLTO, 1992).

O complexo de Édipo ocorre em três tempos. No primeiro tempo, a relação mãe-criança é marcada por uma indistinção fusional onde o filho é identificado como o único capaz de satisfazer a mãe, sendo a mãe para a criança o Outro absoluto, onipotente. Esse é o momento correspondente que se apontou anteriormente, chamado de alienação. Nessa etapa do Édipo, a função paterna aparece de forma velada no discurso da mãe, mas ainda não aparece como terceiro, como interdito da relação mãe-criança. (LACAN, 1999/1957-1958).

O segundo tempo do Édipo é caracterizado pela intervenção de um terceiro que introduz a Lei da interdição entre mãe-criança, permitindo com que a criança se depare com a falta. (LACAN, 1999/1957-1958). Ser pai é uma tarefa que introduz um terceiro que desestabiliza um idílio dual, fazendo surgir a falta, o desejo e um sujeito onde antes havia a completude total e um objeto. O pai precisa agir como facilitador de separações, impulsionando o filho a seguir seu caminho, oferecendo-se como um elemento importante e fundamental para a identificação, que, antes, era um papel restrito à mãe. (SARAIVA; REINHARDT; SOUZA, 2012). A partir daí, se dá a entrada do terceiro tempo do Édipo e inicia-se um movimento da criança em relação aos seus próprios desejos. (LACAN, 1999/1957-1958).



Se a criança se habitua, com a mãe, a mover-se apenas em um registro dual, indiferenciado, não vai aprender a distinguir claramente o eu do outro e não acenderá à triangulação, ao outro, ao terceiro que é o pai (função paterna) e, portanto, não irá acender à simbolização. Não fará uma das etapas mais determinantes já citada - o complexo de Édipo - em que aprenderá a investir, desejar e amar outro objeto diferente dela e a ser amado por esse novo objeto, tendo para isso de enfrentar uma fase de rivalidade com o objeto do mesmo sexo. Isto somente pode acontecer se já estiver se identificado primeiro com esse primeiro objeto para poder agora identificar-se com outro e reconhecer que é diferente deste - então a identidade sexual estará já bem definida. Esse confronto com o objeto de amor do mesmo sexo, agora objeto rival, implica contatar com a insatisfação da libido através da proibição do incesto. Nasce assim uma consciência do impossível, do interdito associado ao pai, começando a formar-se no psiquismo da criança. (VENTURA, 2012).

À pesquisa interessa, em particular, essa entrada do pai que marca o segundo tempo do Édipo para Lacan, uma vez que o pai, como representante da lei que interdita a mãe, precisa também ser mediado pelo discurso dela. O que parece ocorrer nos casos de gagueira é que há uma fragilidade na função paterna, não sustentada pelo discurso materno. De acordo com alguns autores, essa mãe insiste em manter uma dependência total da criança em relação a ela, e recebe sua autonomia material e psíquica como a perda de um objeto querido e indispensável a sua vida. Dessa forma, a relação mãe-criança fica comprometida na medida em que há uma fixação da criança em uma relação dual com a mãe. Essa relação de simbiose quase exclui toda relação com um terceiro. (ANZIEU et al., 1997). Decorre daí a necessidade da formação de um sintoma como um apoio inconsciente para a saída do primeiro tempo do Édipo, de modo a se pensar que esses sujeitos, de modo geral, avançam para o terceiro tempo do Édipo muito fragilizados. Mediante as operações necessárias ao estabelecimento do terceiro tempo do Édipo, a hipótese da pesquisa é a de que a gagueira já funcionaria como um símbolo da dificuldade na identificação simbólica com o pai que se manifestaria na formação sintomática discursiva da criança.

## 1.2 METODOLOGIA

### 1.2.1 Delineamento da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa exploratória (GIL, 2010), de abordagem qualitativa a partir da Análise de Conteúdo. (MINAYO, 2014). A pesquisa foi voltada para a elucidação e

conhecimento de processos que constituem a subjetividade e, portanto, tratou de questões muito particulares que não poderiam ser quantificadas.

Minayo (2014) define a pesquisa qualitativa como uma pesquisa que envolve um universo de significados, crenças, valores, atitudes e motivos que não podem ser limitados a processos operacionais. Quanto à pesquisa exploratória, ela busca proporcionar uma familiaridade maior com o problema, visando torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Possuem um planejamento mais flexível e possibilitam que se considerem variados aspectos estudados. (GIL, 2010).

A pesquisa incluiu os dados obtidos: (1) das entrevistas realizadas pela pesquisadora com os pais; (2) da situação de brincadeira com a pesquisadora, realizando-se o trabalho com os livros infantis e os fantoches (3) das cenas de filmagens de reprodução de uma brincadeira livre entre: a criança e a mãe; a criança e o pai; a criança, a mãe e o pai.

### **1.2.2 Implicações éticas da pesquisa**

O projeto foi registrado no Gabinete de Projetos (GAP) do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), além de passar pela análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da mesma instituição. Assim, obteve sua aprovação em 19 de abril de 2016, sob o número 54654116.4.0000.5346 (conforme Anexo A), pelo já referido CEP e só a partir de então, a pesquisa foi desenvolvida. Além disso, obteve-se a autorização institucional (Serviço de Atendimento Fonoaudiológico/UFSM) para a realização do estudo, local onde foram coletados os dados da pesquisa (conforme Anexo B).

Todos os sujeitos envolvidos na pesquisa (pais das crianças e crianças - representadas pelos pais) assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa (TCLE) (conforme Apêndice A e B) que foi apresentado e explicado pela pesquisadora, entregue em duas vias de igual teor, ficando uma via em poder dos participantes da pesquisa e outra com a pesquisadora responsável. Além de outras informações, este termo solicitava aos pais a autorização da participação dos mesmos e das crianças no estudo.

O TCLE foi composto de explicações referentes aos objetivos, procedimentos realizados, riscos e benefícios do estudo, direito a informações sobre a pesquisa em qualquer momento de sua realização e ausência de benefício financeiro ou gastos adicionais para participação da mesma. Além disso, esclarecia as garantias de questões éticas como sigilo da identidade e liberdade de retirar seu consentimento sem nenhuma penalização.

As identidades dos sujeitos e os dados coletados ficarão sob sigilo e responsabilidade da pesquisadora. Os dados coletados serão armazenados por 5 anos no Centro de Estudos de Linguagem e Fala (CELF) no Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) - UFSM, localizado na Rua Floriano Peixoto, 1751 - Subsolo, em armário chaveado e utilizados para análise desta pesquisa e em eventos científicos da área ou em áreas afins. Após esse período os dados serão destruídos.

A pesquisa incluiu também os princípios éticos destacados pela resolução 196/96 do Conselho Nacional em Saúde que dispõe sobre a publicação científica dos resultados de pesquisas e também as questões éticas da resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia que dispõe questões sobre a proteção dos direitos, dignidade e bem-estar dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Aos participantes ficou esclarecida a possibilidade de receberem informações sobre os resultados obtidos do estudo a qualquer momento. A participação na pesquisa não possuía nenhum custo adicional nem benefício financeiro para os participantes, assim como não implicava em risco aos sujeitos, embora eventualmente tanto os pais das crianças, bem como as crianças poderiam sentir-se cansados durante a pesquisa. Quando houve a necessidade, os participantes foram beneficiados com os encaminhamentos para profissionais de áreas afins.

### **1.2.3 Amostra**

#### *1.2.3.1 Escolha dos sujeitos*

A amostra foi constituída por nove sujeitos, ao que se seguem as descrições. Três crianças diagnosticadas com gagueira pelo Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) da Universidade Federal de Santa Maria - RS, em fase escolar e pré-escolar, conforme classificação da pesquisa realizada por Martins (2007), tendo portanto, idades entre 2 e 8 anos - período de ocorrência da gagueira do desenvolvimento. (ANDRADE, 2004).

Ressalta-se que durante o período de coleta (primeiro semestre do ano de 2016 até o primeiro semestre do ano de 2018) foram feitos contatos com os pais de cinco crianças, além das três que fazem parte na amostra. Uma das crianças não apresentava mais os sintomas da gagueira. Dentre as outras quatro, em três casos as mães não apresentaram interesse em participar da pesquisa. Os pais destas crianças também foram contatados, mas verbalizaram que a participação dependeria da mãe da criança. E uma remarcou várias vezes o horário e não compareceu à entrevista.

A seguir a Tabela 1 auxilia na visualização dos participantes da pesquisa:

Tabela 1 - Delineamento dos sujeitos/crianças participantes da pesquisa

Sujeito	Sexo	Idade	Ano escolar	Nº irmãos	Atendimento Fonoaudiológico	Atendimento Psicológico
S1	F	7:11	3º ano	0	Sim (aprox. 2 anos)	Não
S2	M	8:11	3º ano	3	Sim aprox. 2 anos)	Não
S3	M	4:10	Pré B	0	Não (no momento)*	Não

Fonte: Lista de Espera e Prontuários dos pacientes do SAF/UFSM.

\*Criança esteve em atendimento fonoaudiológico por aproximadamente 1 ano em momento anterior.

Além das três crianças, participaram seis pais (ou três casais de pais) das crianças que participaram de uma entrevista semiestruturada com a pesquisadora e de uma cena interativa de brincadeira livre.

Tabela 2 - Delineamento dos sujeitos/pais participantes da pesquisa

Sujeito	Idade	Profissão
Mãe S1	38	Vendedora
Pai S1	30	Operador de máquina
Mãe S2	45	Professora Educação Física
Pai S2	47	Professor Educação Física
Mãe S3	30	Fonoaudióloga
Pai S3	31	Instrutor de trânsito

Fonte: dados coletados durante as entrevistas com a pesquisadora.

Em pesquisas qualitativas o número da amostra não necessita ser grande, mas deve ser suficiente de forma a permitir que o pesquisador seja capaz de conhecer bem o objeto de estudo, através da saturação dos dados. (MINAYO, 2014). Em decorrência disso, para compor a amostra do estudo, considerou-se as crianças diagnosticadas com gagueira que estavam na lista de espera por atendimento do SAF e as crianças que durante o período de coleta dos dados da pesquisa estavam em atendimento fonoaudiológico no referido Serviço, mas ainda apresentando gagueira. Isso justifica o tamanho da amostra anteriormente citada.

A quantidade de sujeitos deve, no entanto, permitir que haja a reincidência de informações ou saturação dos dados, situação ocorrida quando nenhuma informação nova é

acrescentada com a continuidade do processo de pesquisa. Assim, a melhor oportunidade de definir esse número, é a partir do momento em que já se está pesquisando. Isto é, o pesquisador saberá quando seus procedimentos ainda estão acrescentando informações a seu estudo. (MINAYO, 2014). Importante ressaltar que houve reincidência da maioria dos dados do estudo.

### *1.2.3.2 Critérios de inclusão e exclusão*

Para serem incluídas na pesquisa, as crianças deveriam ter idade entre 2 e 8 anos e serem diagnosticadas com gagueira (o diagnóstico foi realizado no SAF, por meio de uma avaliação de fluência - teste de linguagem infantil ABFW (ANDRADE et al., 2004) - realizada por uma professora fonoaudióloga ou pela estagiária que estivesse atendendo a criança.

Além disso, a assinatura do TCLE pelos pais e o assentimento oral da criança também foram critérios para a inclusão na pesquisa. Para serem incluídas na amostra, as crianças não poderiam apresentar perda auditiva, outras alterações de comunicação associada (como atraso/distúrbios de linguagem, desvio fonológico), quadro sindrômico ou outros distúrbios neurológicos associados. Seriam excluídas da seleção da amostra, crianças e pais ou responsáveis que não assinassem o TCLE ou quando a criança não assentisse com a participação na pesquisa. Tal fato não ocorreu.

### *1.2.3.3 Procedimentos para seleção da amostra*

#### *1.2.3.3.1 Procedimento para seleção dos pais*

Inicialmente, através do cadastro dos pacientes do SAF, a pesquisadora tentou contato telefônico com todos os pais das crianças diagnosticadas com gagueira, que estavam na Lista de Espera do estágio supervisionado em Acolhimento, e, também com todos os pais das crianças diagnosticadas com gagueira que estavam em atendimento fonoaudiológico, através da consulta aos prontuários, pois ali haviam os números telefônicos deixados pelos familiares como referência para contato. Os telefonemas tinham o objetivo de convidar os pais a participarem da pesquisa.

Foram feitos contatos com familiares de oito crianças, sendo que destes, apenas os familiares de três crianças tiveram interesse em participar da pesquisa. Aos pais que aceitavam participar da pesquisa, depois de realizados os esclarecimentos necessários, foi agendado o horário para que fosse possível a realização da Entrevista do Discurso Parental.

#### 1.2.3.3.2 Procedimentos para seleção das crianças

Em relação às crianças participantes da pesquisa, todas deveriam ser diagnosticadas com gagueira no SAF, por meio de uma avaliação de fluência - teste de linguagem infantil ABFW (ANDRADE et al., 2004) - realizada por uma professora fonoaudióloga ou pela estagiária que estivesse atendendo a criança.

Em relação à avaliação das disfluências, caracterizou-se como gagueira a presença de ao menos de 3% de disfluências típicas da gagueira (disfluências gags) na avaliação específica da fala espontânea, podendo ou não apresentar concomitantes físicos (como evitar contato ocular, movimentos faciais, de cabeças ou membros e sons dispersivos) e mais de 10% de disfluências comuns. (ANDRADE, 2000).

Além disso, foram utilizados os prontuários dos pacientes do setor de fala para verificação dos critérios de inclusão e exclusão da amostra.

#### 1.2.4 Procedimentos para a coleta dos dados

O primeiro procedimento - a Entrevista do Discurso Parental - ocorreu após a assinatura do TCLE pelos pais. As entrevistas foram gravadas em gravador de voz digital MP3 Player para posterior transcrição e análise. Realizada a entrevista com os pais, os mesmos eram convidados para os próximos procedimentos que ocorriam juntamente com a criança.

O segundo procedimento, consistiu em uma situação de brincadeira entre a pesquisadora e a criança tendo como instrumentos os livros infantis (e o trabalho com os mesmos) e os fantoches. Este momento foi único e filmado e teve duração média de quarenta e cinco minutos para cada criança.

O terceiro e último procedimento consistiu na realização da filmagem da produção de uma brincadeira livre entre: (1) a criança e a mãe; (2) a criança e o pai e (3) a criança, a mãe e o pai, onde foi ofertado o brinquedo da casinha. Na casinha havia a mobília pertencente a uma casa, bonecos (pai, mãe, filho, filha, bebê, avó e avô) e alguns utensílios domésticos (panelas, pratos, copos, vassoura, etc.). Cada cena teve duração média de dez minutos. A produção da brincadeira foi filmada por câmera digital para posterior análise realizada pela pesquisadora.

Os pontos observados em cada cena foram: (1) a interação entre o interlocutor e a criança (observações relacionadas à brincadeira entre a criança e seus pais, às reações em relação aos pedidos da criança, à movimentação na sala, à gestualidade e fala durante a brincadeira); (2) o comportamento do interlocutor em relação à fala da criança (permissão,

inibição, angústia, entre outros) e (3) o comportamento entre a tríade (este observado apenas na cena de interação da tríade e relacionado aos seguintes pontos: interação entre o casal, o casal e a criança, posicionamento da criança frente ao pai e frente à mãe, observações de quem faz a função de interdição e as reações da criança frente a isso). Além disso, havia a possibilidade de observações adicionais caso fosse necessário.

Ressalta-se que, por vezes, a ordem entre o segundo e o terceiro momento foi invertida, pois foi preciso respeitar as possibilidades de horários dos pais e das crianças. Isso foi possível, uma vez que a alteração da ordem não implicava em interferências na pesquisa.

### **1.2.5 Instrumentos e materiais para a coleta dos dados**

Dentro da metodologia de uma pesquisa a escolha dos instrumentos para coletar informações é aspecto de extrema importância. A metodologia inclui as concepções teóricas da abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitarão a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador. (MINAYO, 2014). Sabe-se que uma pesquisa de corte qualitativo se concentra na descrição, análise e interpretação das informações obtidas durante o processo de investigação. Sendo assim, na pesquisa qualitativa, busca-se as informações procurando entendê-las e contextualizá-las.

Os instrumentos utilizados foram:

#### *1.2.5.1 Entrevista do discurso parental: aspectos da dinâmica familiar*

No âmbito de uma investigação qualitativa, a entrevista adapta-se particularmente, favorecendo uma atitude de transferência/empatia em um quadro de procedimento compreensivo, em que se pretende aceder ao funcionamento psíquico dos sujeitos envolvidos. Dessa maneira, o roteiro foi estruturado de acordo com normas e princípios apontados na literatura que está servindo como referência - Minayo (2014) - de tal forma que as questões permitiram guiar e nortear a pesquisadora e nunca cerceá-la.

Com a intenção de não privilegiar apenas a gagueira, mas conhecer a criança que gaguejava desde antes de sua gestação, pensou-se na utilização de uma entrevista semiestruturada (conforme Apêndice C) com perguntas que permitiram entender algumas questões como: identificação do sujeito e caracterização dos participantes; desejos e planos dos pais antes da criança ser gerada; aspectos (físicos e emocionais) relacionados ao período da gravidez e o desejo em relação à mesma; desenvolvimento infantil (desenvolvimento motor,

hábitos orais, alimentação, controle esfinteriano, saúde em geral, etc.) e cuidados (quem proporciona); dinâmica familiar (ambiente físico, atividades da vida diária, lazer, relacionamentos sociais); sobre o lugar que a criança ocupa na família e no discurso parental; aspectos referentes à fala (fala da criança antes da gagueira; fala dos pais, irmãos e pessoas da família que tem contato direto com a criança e possam interferir na fala desta); aspectos referentes à gagueira e de como a família entende e trabalha com essa patologia (desenvolvimento, possíveis causas, reações emocionais dos pais e da própria criança, etc.); escolaridade (início das atividades, adaptação, desempenho escolar, etc.).

Por ser uma entrevista aberta, sempre que foi necessário, a pesquisadora pode fazer perguntas além das descritas na entrevista para que fosse esclarecido algum fato ou informação importante. As entrevistas tiveram duração média de uma hora, foram gravadas por meio de gravador de voz MP3 Player, marca Power Pack, modelo DVR 1076, transcritas ortograficamente e analisadas pela pesquisadora.

#### *1.2.5.2 Livros infantis e fantoches*

Os livros infantis e os fantoches possuem o poderoso aspecto mobilizador de afetos internos. Isso significa dizer que, por meio deles, a criança pode simbolizar seus conflitos internos e questões psíquicas, identificando-se com algum personagem que lhe interesse ou então com a problemática da estória. Por esses motivos, dentre tantos outros instrumentos de avaliação destinados às crianças, os livros infantis e os fantoches foram escolhidos para esta pesquisa. Acredita-se que eles assumem uma posição de um valioso e prazeroso instrumento de avaliação em crianças diagnosticadas com gagueira e suas questões psíquicas relacionadas à dinâmica familiar.

A coleta de informações obtidas por meio da utilização dos livros infantis e dos fantoches ocorreu diante de uma situação de brincadeira, por meio de filmagens das crianças diagnosticadas com gagueira. As filmagens ocorreram durante este momento e visaram retratar tanto a interação com a pesquisadora quanto a interação com os livros infantis. As filmagens tiveram duração média de quarenta e cinco minutos para cada criança, tendo por finalidade o enriquecimento do material coletado.

A situação de brincadeira constitui-se em um momento de atividade lúdica com os livros infantis e com os fantoches, tendo como objetivo, proporcionar momentos de brincar livre e/ou semidirigidos e diagnosticar questões psíquicas da criança em relação ao sintoma de linguagem e à influência do discurso parental (dificuldade de quebra de vínculo com a mãe, falha na função



paterna, conflitos edípicos, estruturação familiar, dentre outros). É por meio destas maneiras figurativas que a criança fala sobre seu sofrimento, suas dificuldades e seu contexto.

O momento de brincadeira com as crianças foi “estruturado” da seguinte maneira: (1) a criança foi recebida pela pesquisadora e apresentada aos livros disponíveis; (2) foi solicitado à criança que escolhesse a estória ou as estórias que desejasse, ficando a critério dela ler o livro ou solicitar à pesquisadora que lesse, não havendo a limitação do número de livros a ser utilizado; (3) momento de trabalhar com a estória por meio do recontar da história (utilização dos fantoches) e do manuseio do livro pela criança.

Os livros utilizados na pesquisa foram alguns clássicos, como *Chapeuzinho Vermelho*, *Os Três Porquinhos*, *João e o Pé de Feijão*, *Branca de Neve*, *Patinho Feio* (editora Todo Livro), *Pinóquio* (editora Libris), *Soldadinho de Chumbo* (Folha de São Paulo), e outras obras literárias como *Ninguém gosta de mim*, *Orelha de limão* (editora Brink-Book) e *Pezinho espalhado* (editora Atica). Tais livros foram selecionados pelo tipo de conflito e pelo modo de resolução, aos quais permitem aos personagens-heróis atingirem um patamar diferente de existência nas relações com os outros personagens. Estes são livros que permitem à criança colocar-se em um lugar de confrontação de significados e a vivência do conflito de não corresponder ao que o outro espera por apresentar uma marca/falha.

#### *1.2.5.3 Análise das filmagens: observação da interação da criança com seus interlocutores (pais)*

A observação teve como objetivo a identificação de questões referentes à interação entre a criança e seus interlocutores, no caso, o casal parental. Para isso, três grandes pontos foram observados em cada uma das cenas: (1) a interação entre o interlocutor e a criança (observações relacionadas à brincadeira entre a criança e seus pais, às reações em relação aos pedidos da criança, à movimentação na sala, à gestualidade e fala durante a brincadeira); (2) o comportamento do interlocutor em relação à fala da criança (permissão, inibição, angústia, entre outros) e (3) o comportamento entre a tríade (este observado apenas na cena de interação da tríade e relacionado aos seguintes pontos: interação entre o casal, o casal e a criança, posicionamento da criança frente ao pai e frente à mãe, observações de quem faz a função de interdição e as reações da criança frente a isso). Também havia a possibilidade do registro de outras informações pertinentes (conforme Apêndice D). Além disso, teve como objetivo ser uma coleta suplementar à interpretação dos dados anteriormente coletados na entrevista com os pais. Os registros da Interação da Criança com seus Interlocutores foram feitos por meio de

filmagens, com a utilização de uma câmera digital, marca Sony, modelo Cyber-Shot, com duração de aproximadamente dez minutos para cada cena. Nessa oportunidade foi oferecido o brinquedo da casinha.

A utilização do brinquedo casinha justificou-se na medida em que a experiência clínica revela que este brinquedo é um instrumento valioso para a compreensão, interpretação e elaboração no trabalho analítico com crianças. A casinha representa o mundo interno da criança, o mundo não verbal, contendo as representações inconscientes e as relações com seus objetos. Tal brinquedo torna-se valioso porque difere do discurso verbal, onde o sujeito tem a possibilidade de modificar o seu discurso através das defesas que se organizam para impedir que venha à tona algo que traga sofrimento. (ABERASTURY, 1992).

Os dados obtidos dos três procedimentos citados (entrevista com os pais, a situação de brincadeira das crianças com a utilização dos livros infantis e os fantoches bem como a filmagem da interação da criança com os interlocutores) deram respectivamente, material suficiente para a produção dos três artigos.

### **1.2.6 Análise dos dados**

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo (MINAYO, 2014), tendo em vista que o que interessa no material coletado é a presença ou ausência de características de fragmentos das mensagens consideradas. Para tanto, incluiu-se (1) os conteúdos das entrevistas com os pais, (2) os conteúdos da situação de brincadeira com os livros (as narrações das histórias, o trabalho com as mesmas por meio da utilização dos fantoches) e também (3) os conteúdos das observações realizadas em relação à filmagem da Interação da Criança com seus Interlocutores. Estes dados permitiram identificar aspectos psíquicos em relação à gagueira.

A Análise de Conteúdo foi empregada para analisar as semelhanças e as particularidades nas respostas dos familiares das crianças durante as entrevistas. O mesmo princípio foi utilizado para a situação de brincadeira das crianças com as histórias infantis e os fantoches. Tal princípio também foi norteador em relação aos momentos de interação da criança com seus interlocutores. A partir disso, os dados foram analisados qualitativamente, buscando captar a relação entre a gagueira e os aspectos psíquicos envolvidos nesse sintoma de linguagem. Os conteúdos foram estudados a partir de leituras com foco nos conceitos psicanalíticos tendo como objetivo ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar

uma vigilância crítica diante da comunicação de documentos, das entrevistas, das observações e das interações.

Buscando captar as relações tanto nos conteúdos manifestos como nos latentes, foi utilizada a técnica da Análise Temática que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo visado. (MINAYO, 2014). Essa etapa é constituída por três momentos: a pré-análise; a exploração do material que compreende os processos de codificação e categorização e, por fim, o tratamento dos resultados realizado a partir de inferências e interpretações. A seguir, a descrição de como cada uma dessas etapas se desenvolveu durante a pesquisa.

#### *1.2.6.1 Pré-análise*

Consistiu na escolha dos documentos que foram analisados, retomada de hipóteses e objetivos iniciais da pesquisa. Determinaram-se as unidades de registro (palavras-chaves ou frases), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos que orientaram a análise. Essa etapa se refere à descrição metodológica exposta até o momento.

#### *1.2.6.2 Exploração do material*

Consistiu na operação de codificação através de recortes do texto em unidades de registro (palavra, frase, tema, personagem, etc.). Posteriormente, escolheram-se as regras de contagem que permitiram a quantificação. Por último, realizou-se a classificação e a agregação dos dados, escolhendo-se as categorias para a especificação dos temas.

Na sequência tem-se a descrição detalhada das etapas e processos da exploração do material que oportunizaram a análise das entrevistas realizadas com os pais (artigo 1), a análise das filmagens das crianças em interação com a pesquisadora e com os instrumentos (livros infantis e fantoches) (artigo 2) e a análise das filmagens da interação das crianças com seus interlocutores (artigo 3).

#### 1.2.6.2.1 Codificação

Minayo (2014) entende que no processo de codificação o pesquisador inicia sua busca para encontrar as categorias (que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado).

Para a codificação do material (entrevistas e filmagens) todo ele foi transcrito ortograficamente na íntegra pela pesquisadora obtendo-se, assim, os dados brutos do estudo que foram preparados para análise. Posteriormente, estes dados brutos foram organizados pela pesquisadora em quadros mediante o procedimento de recorte que consiste na escolha das unidades de registro, visando o processo sucessor chamado de categorização.

Em relação aos recortes das mensagens da análise temática, para esse estudo a opção foi por recortes do conteúdo em temas. (LAVILLE; DIONNE, 1999). Este se refere à seleção de fragmentos que correspondem a uma ideia em particular e o tema é uma unidade de significação que é retirada de um texto a partir da teoria norteadora do estudo. (MINAYO, 2014). Nota-se que a significação entendida para esse estudo no que diz respeito aos sintomas da fala é proveniente da Psicanálise que se preocupa em tomar a fala - um dos objetos de estudo da Fonoaudiologia - enquanto linguagem, revelando-se uma produção singular e atributo único do sujeito e nesse sentido, podendo contribuir com o aspecto interdisciplinar do estudo.

Dessa maneira, em seguida segue a descrição de como se procedeu o processo de codificação nos respectivos artigos.

No artigo 1, primeiramente foi empreendido um tratamento descritivo, por meio do registro do discurso dos entrevistados. Estes dados foram formalmente preparados para a manipulação da análise formando um quadro (conforme Apêndice E). Posteriormente, agrupou-se os dados em categorias.

Para o artigo 2, os dados brutos obtidos por meio das transcrições das filmagens foram divididos em quadros (conforme Apêndice F), sendo um para cada criança. Eles possuem os dados referentes aos “procedimentos” realizados durante o momento de interação entre a criança e a pesquisadora. Assim, tem-se informações sobre a utilização dos contos/estórias utilizados pela criança juntamente com o apontamento do trecho que mais e menos gostou e justificativas (quando foram possíveis) bem como informações relevantes e ainda dados sobre a utilização dos fantoches, ou seja, a criação de estórias.

Em relação ao artigo 3, em um primeiro momento os dados tiveram um tratamento descritivo pela pesquisadora, por meio do registro das transcrições das filmagens. Logo, estes dados foram dispostos em quadros divididos por sujeito (conforme Apêndice G), onde

constaram as informações sobre a interação da criança com o interlocutor/mãe, da criança com o interlocutor/pai, e da interação entre a tríade. Em todos os momentos de interação foram analisados comportamentos em relação à fala da criança no que dizia respeito ao interlocutor (por exemplo: o interlocutor permite, inibe, fala pela criança, angustia-se, corrige, sugere...). Além disso, foram elencados pontos que foram observados pela pesquisadora durante a interação da criança com seus interlocutores: interação na brincadeira (brincadeira executada pela criança, pelo interlocutor ou juntos; o interlocutor incentiva ou inibe a brincadeira; a criança dá espaço para o interlocutor brincar e vice e versa; interrupções da brincadeira; criança brinca sozinha; o interlocutor somente observa a brincadeira...); interatividade do interlocutor e da criança (há disposição para uma interação?); reações do interlocutor em relação aos pedidos da criança (atende ou nega); movimentação na sala; gestualidade durante a brincadeira; fala durante a brincadeira. Também, haviam pontos que foram observados pela pesquisadora, referentes ao comportamento entre a tríade: interação entre pai e mãe; interação do casal parental em relação à criança; posicionamento da criança frente a um, ao outro, e diante de ambos; alguém faz função de interdição?; como o outro reage quando isso acontece?; reação da criança diante de limites. Outras observações poderiam ser realizadas para o enriquecimento da pesquisa, sendo que este tornou-se um ponto de importante análise.

Aqui faz-se importante um esclarecimento. Embora as análises tenham sido permeadas por estes vários pontos, na escrita do artigo elas não aparecem de forma isolada e sim em uma interpretação geral destes pontos. Procedeu-se dessa forma para que a interpretação dos dados não ficasse prejudicada e descontextualizada.

Os dados provenientes dessa análise foram dados brutos que serviram para a análise e deram origem a uma única categoria.

#### 1.2.6.2.2 Categorização

A categorização consistiu no processo de redução do texto em palavras e expressões significativas. Ela remete ao procedimento de agrupar dados considerando a parte comum existente entre eles, classificando-os por semelhança ou analogia. O agrupamento das unidades de registro recebe um título genérico e tem-se como objetivo a manipulação da mensagem para evidenciar indicadores que permitiram inferências que vão além das mensagens que estão latentes. (MINAYO, 2014). A partir disso, tem-se as categorias que podem ser previamente estabelecidas ou obtidas no decorrer da pesquisa. No caso do presente estudo, as categorias foram obtidas conforme o desenvolvimento do estudo e, portanto, de acordo com o modelo

aberto (LAVILLE; DIONNE, 1999) que é muito utilizado em investigações de caráter exploratório.

Para fins de análise, foram estudados os núcleos de sentido tanto das entrevistas com os pais quanto das filmagens das crianças em interação com a pesquisadora. O mesmo foi realizado com as filmagens das crianças em interação com seus interlocutores. Os elementos foram isolados e depois reagrupados nas categorias. Assim, surgiram no artigo 1, cinco categorias; no artigo 2, duas categorias e no artigo 3, uma categoria.

No artigo 1 as categorias finais foram construídas a partir do agrupamento das perguntas das entrevistas com os pais. Dessa maneira, tem-se os seguintes agrupamentos: na categoria 1 o “nascimento psicológico e suposição de sujeito” fruto das respostas das perguntas 2.6 e 2.7; na categoria 2 a “adaptação do casal parental à criança” proveniente das respostas das questões 2.11 e 2.12; na categoria 3 a “aquisição da linguagem e alguns aspectos do desenvolvimento da criança” resultado das respostas das questões 3.2.2, 3.2.5, 3.2.6, 3.2.7, 3.3.1, 3.3.2, 4.6, 4.7, 5.1 e 7.2; na categoria 4 “a dinâmica familiar e sua relação com a gagueira” decorrente das respostas das questões 4.3 e 4.5 e na categoria 5 “hipótese sobre a etiologia da gagueira” resultado das respostas das questões 2.3, 2.8, 5.13 e 6.2. Cabe ressaltar que toda vez que elementos de uma categoria apareciam nas respostas de outras questões compreendidas dentro de outras categorias, elas eram trazidas para a categoria de referência.

No artigo 2 as categorias finais foram formadas a partir do agrupamento de questões psíquicas que surgiram a partir da análise dos dados brutos que foram distribuídos nos quadros (construídos um para cada criança, conforme descrito no processo de codificação). Assim, o agrupamento ocorreu por semelhança das questões psíquicas que apareceram dos contos/estórias e fantoches.

No artigo 3 as categorias formadas resultaram do agrupamento da análise das questões anteriormente citadas na (1) interação entre a criança e a mãe; (2) interação entre a criança e o pai; (3) interação entre a tríade.

#### *1.2.6.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretados*

Consistiu em submeter os resultados brutos a interpretações de acordo com o quadro teórico do pesquisador. No caso da proposta desta pesquisa, os resultados interpretados foram provenientes das gravações das entrevistas dos pais (artigo 1), das situações de brincadeira das crianças em interação com a pesquisadora e as estórias infantis atreladas a utilização dos fantoches (artigo 2) e, ainda, das cenas de filmagens feitas nas situações de brincadeira entre

criança e mãe; criança e pai; e criança, mãe e pai (artigo 3). Assim, após o exame das categorias foram feitas inferências, reflexões e considerações articuladas à teoria que embasou toda a pesquisa: a teoria psicanalítica.

A partir disso, tem-se o objetivo descrito por Minayo (2014): ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica frente à comunicação de documentos, entrevistas ou observações.

## **2 ARTIGO DE PESQUISA 1 - A INFLUÊNCIA DO DISCURSO PARENTAL NA GAGUEIRA INFANTIL**

### **2.1 RESUMO**

A Psicanálise propõe que o sintoma da criança tem relação com aspectos da dinâmica familiar e com questões inconsciente de seus pais. Em vista disso, os sintomas de linguagem, incluindo a gagueira, poderiam representar um sintoma estrutural, entendendo-a como uma resposta da criança ao lugar que ela ocupa na fantasmática parental e também uma forma de defesa frente à demanda do Outro materno. Assim, este artigo teve o objetivo de identificar questões psíquicas referentes à dinâmica familiar de crianças que gaguejam. Empregou-se uma metodologia qualitativa, a partir da análise de conteúdo. Participaram da pesquisa 3 casais de pais de crianças gagas, do Serviço de Atendimento Fonoaudiológico de uma instituição de ensino superior pública. Para a coleta dos dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada e estes foram generalizados e compararam os participantes quanto à significação parental destinada tanto à criança quanto ao sintoma de linguagem. Os resultados evidenciaram que há uma articulação entre o sintoma da criança e o discurso parental e que a gagueira tomada enquanto sintoma de linguagem, ocupou um lugar de preenchimento de uma falha da função paterna em decorrência da não sustentação desta pelo discurso materno, evidenciando-se a operação psíquica de separação, problematizada.

**Palavras-chave:** Gagueira; criança; relações familiares.



## 2.2 ABSTRACT

### **THE INFLUENCE OF PARENTAL DISCOURSE IN THE CHILDLIKE STUTTERING**

Psychoanalysis proposes that the child's symptom is related to aspects of family dynamics and unconscious issues of his parents. In view of this, language symptoms, including stuttering, could represent a structural symptom, understanding it as a response of the child to the place what does she occupy in the ghostly parental and also a form of defense against the demand of the maternal Other. Thus, this article aimed to identify psychic issues related to the family dynamics of stuttering children. A qualitative methodology was used, based on content analysis. Participated on this research 3 couples of parents of stuttering children, of the Speech-Language Pathology Attendance Service of a public higher education institution. For the data collection used a semi-structured interview and these were generalized and compared the participants as to the parental significance intended for both the child and the language symptom. The results showed that there is a connection between the child's symptom and the parental discourse and that stuttering as a symptom of language, occupied a place of filling a fault of the paternal function as a result of the no support of this by of maternal discourse, evidencing the psychic operation of separation, problematized.

**Keywords:** Stuttering; child; family relations.

## 2.3 RESUMEN

### **LA INFLUENCIA DEL DISCURSO DE PADRES EN NIÑO CON TARTAMUDEO**

El psicoanálisis propone que el síntoma del niño está relacionado con aspectos de la dinámica familiar y las preguntas inconscientes de sus padres. En vista de esto, los síntomas del lenguaje, incluida la tartamudez, podrían representar un síntoma estructural, entendiéndolo como una respuesta del niño al lugar que ocupa en el fantasma de los padres y también una forma de defensa contra la demanda del Otro materno. Por lo tanto, este artículo tuvo como objetivo identificar problemas psíquicos con respecto a la dinámica familiar de los niños tartamudos. Se utilizó una metodología cualitativa basada en el análisis de contenido. Tres parejas de padres de niños tartamudos participaron en la investigación, del Servicio de Logopedia de una institución pública de educación superior. Para la recopilación de datos, utilizamos una entrevista semiestructurada que se generalizó y comparó a los participantes con respecto a la importancia de los padres para el niño y el síntoma del lenguaje. Los resultados mostraron que existe una articulación entre el síntoma del niño y el discurso de los padres y que la tartamudez tomada como un síntoma del lenguaje ocupó un lugar para llenar una falla de la función paterna debido a su falta de apoyo por parte del discurso materno. La operación psíquica de la separación, problematizada.

**Palabras clave:** Tartamudeo; niño; relaciones familiares.

## 2.4 INTRODUÇÃO

É inegável que a criança precisa de adultos que desempenhem as funções parentais. Mesmo antes de nascer, ela já existe no discurso e na fantasia dos seus pais. Sua entrada na linguagem, depende do lugar que lhe é designado a partir das expectativas e desejos do casal parental garantindo sua constituição psíquica. Por sua dependência dos adultos, no exercício das funções parentais, é frequente que o sintoma da criança esteja atrelado a sua relação com seus pais. O investimento dos pais tem uma função determinante tanto na construção da subjetividade da criança quanto na produção de seus sintomas (Azevedo, Féres-Carneiro, & Linss, 2014).

Nesse sentido, a Psicanálise se propõe a pensar na relação imprescindível que o adulto e a palavra ocupam na constituição psíquica da criança, isto é, na posição simbólica que a criança ocupa no desejo do adulto. Essa assertiva se justifica na medida em que a criança responde da posição que ocupa no discurso do Outro (Passone, 2016), assumindo uma posição sintomática diante da estrutura familiar (Checchinato, 2001). Logo, o sintoma da criança tem estreita relação com aspectos da dinâmica familiar e com questões inconscientes de seus pais, sendo que não há possibilidade de ser pai e mãe sem que o filho seja sintoma psíquico dos pais.

A questão toda está no quantum os pais podem preservar os filhos de suas mazelas, nem sobre eles lançando suas falhas, nem deles usando para, ilusoriamente, as preencher, e nem os predeterminando em seus desejos a ponto de os privar de ter acesso aos próprios (Checchinato, 2001). O fato é que para a Psicanálise o sintoma não é entendido como uma patologia, mas como algo da ordem da verdade do sujeito pois sua manifestação se refere a uma solução subjetiva (Heinemann, & Chatelard, 2012).

É possível compreender a relação do sintoma da criança e seus pais a partir de dois tipos de sintomas: o sintoma estrutural e o sintoma clínico. No sintoma estrutural, os pais estão envolvidos na sua construção e a criança busca, minimamente defender sua subjetividade. Ao mesmo tempo que a criança procura responder às demandas parentais, também procura sair desse lugar. O sintoma clínico por sua vez, é uma resposta da criança às demandas e aos ideais dos pais, demonstrando a paralisação da criança, que não encontra outra forma de enfrentar a fantasia do Outro a não ser respondendo a estas demandas (Wiles, & Ferrari, 2015). Em vista disso, entende-se que os sintomas de linguagem, como a gagueira, poderiam representar um sintoma estrutural, uma resposta da criança ao lugar que ela ocupa na fantasmática parental, mas também uma forma de defender-se da demanda do Outro materno.

Então, é permeado pela teoria psicanalítica que o estudo propõe abordar a gagueira enquanto sintoma estruturante da criança, estando este entrelaçado ao discurso parental. Contudo, definir a gagueira, implica em se deparar com abordagens que, em geral, trazem à tona um viés patológico. Em seu sentido mais amplo, a literatura científica descreve a gagueira como um distúrbio da fluência caracterizada por interrupções no fluxo da fala do indivíduo, impossibilitando, em alguns momentos, a produção da fala contínua, suave e sem esforço (Yari, & Ambrose, 2005; Wittke-Thompson et al., 2007). Também é caracterizada como uma fala com repetições de sons e de sílabas, prolongamentos de sons, bloqueios, pausas externas, intrusões nas palavras, entre outros (Andrade, 2004). Quando tomada dessa maneira, tem-se o sujeito que gagueja perdido e esquecido e a desconsideração das implicações que as funções parentais possuem na construção desse sintoma de linguagem.

Para que se possa tomar a Psicanálise enquanto referencial e abordar as implicações do discurso parental na gagueira é preciso considerar que a estruturação psíquica parte da relação de dependência da criança com a função materna. Em tempos remotos e primordiais da constituição psíquica, a criança ocupa o lugar de objeto de desejo da mãe, ficando ambas em uma relação de satisfação. Ocupar esse lugar é imprescindível, porém arriscado, em razão da criança encontrar-se assujeitada aos seus desejos e caprichos maternos. O processo de subjetivação implicará em a criança se defender do querer da mãe, renunciar ao lugar de objeto de desejo e se separar do Outro materno, processo que precisa passar por uma interdição (interdição do desejo materno mortífero) realizada pela função paterna que intercederá nessa relação como terceiro, barrando o desejo da mãe e da criança surgindo como a “encarnação” da lei, como proibição, de modo que a criança se depare com a falta e se separe da mãe. É essa operação de interdição que dará à criança a possibilidade de entrada no campo da linguagem (Gonçalves, 2018). Contudo, é preciso que a função materna dê sustentação a essa interdição, reconhecendo a função paterna em seu discurso e o sustentando. A mãe passa a ser a porta-voz da função paterna de forma que é o que a mãe faz com a palavra do pai que dará sustentação ou não a tal interdição. Nesse sentido, as sintomatologias dependem em muito, do posicionamento da mãe em relação à função paterna (Checchinato, 2001). Logo, à pesquisa importa investigar como a função paterna agiu ou está agindo na dinâmica familiar. Se e onde falha ou falhou a triangulação pai-mãe-criança? Que posição ocupa a mãe em relação à função paterna? Assim, este artigo tem o objetivo de identificar questões psíquicas referentes à dinâmica familiar de crianças que gaguejam.

## 2.5 MÉTODO

### 2.5.1 Delineamento do estudo

O estudo constitui-se de uma pesquisa de caráter exploratório e abordagem qualitativa, pois inclinou-se na investigação de questões subjetivas que não podem ser quantificadas (Minayo, 2014).

### 2.5.2 Participantes

Participaram do estudo 3 casais de pais de crianças diagnosticadas com gagueira do desenvolvimento. Todos os casais conviviam com os filhos. O casal 1 (M1 e P1) eram pais apenas de uma menina com idade de 7 anos e 11 meses. O casal 2 (M2 e P2) eram pais de dois meninos (gêmeos) com idade de 8 anos e 11 meses e uma menina mais velha, cuja idade não foi informada. O casal 3 (M3 e P3), pais de apenas um menino de 4 anos e 10 meses. As mães tinham em média 37 anos e os pais 36 anos. Todos trabalhavam. Dentre as mães, uma delas era vendedora (M1), outra era professora (M2) e outra era fonoaudióloga (M3). Dentre os pais, um deles era operador de máquina (P1), outro era professor (P2) e o outro instrutor de trânsito (P3).

### 2.5.3 Considerações éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino Superior onde foi desenvolvida. Os participantes tomaram conhecimento por meio da leitura do TCLE acerca dos objetivos da pesquisa, procedimentos a serem realizados, riscos

e benefícios do estudo, direito a informações sobre a pesquisa, ausência de benefício financeiro ou gastos adicionais para participação da mesma, garantia de questões éticas (sigilo da identidade e liberdade de retirar seu consentimento sem penalização). Após, realizaram a assinatura do mesmo consentindo com a participação e com a publicação científica dos resultados, conforme Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. A pesquisa incluiu também os princípios éticos destacados pela resolução n. 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia que dispõe questões sobre a proteção dos direitos, dignidade e bem-estar dos sujeitos envolvidos no estudo. Quando houve a necessidade de encaminhamento para atendimento psicológico ou para profissionais de áreas afins, estes foram realizados com a indicação de três instituições com atendimento gratuito. Considerando-se o caráter sigiloso da identidade dos participantes, as falas foram identificadas pelas letras M (Mãe), P (Pai) seguidos de um número que representa a ordem da realização da entrevista.

#### **2.5.4 Procedimentos de seleção dos sujeitos**

A seleção dos pais participantes do estudo foi realizada por meio de uma consulta à Lista de Espera por Atendimento e à Pasta de Registros do paciente de um Serviço de Atendimento Fonoaudiológico de uma instituição de ensino superior pública de uma cidade localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Inicialmente, através do cadastro dos pacientes do serviço, a pesquisadora contactou por telefone com todos os pais ou responsáveis pelos pacientes diagnosticados com gagueira, que estivessem na Lista de Espera para tratamento ou que estiverem em Atendimento Fonoaudiológico. Esse procedimento foi realizado por meio dos números

telefônicos deixados pelos familiares como referência para contato, afim de que fossem convidados a participarem da pesquisa. Quando os pais aceitavam participar da pesquisa, era realizado o agendamento de um horário para a realização da Entrevista do Discurso Parental.

Durante o período de coleta (primeiro semestre do ano de 2016 até o primeiro semestre do ano de 2018) foram feitos contatos com os pais de cinco crianças, além dos três que fazem parte na amostra. Uma das crianças não apresentava mais a gagueira. Dentre as outras quatro, em três casos as mães não apresentaram interesse em participar da pesquisa. Os pais destas crianças também foram contatados, mas verbalizaram que a participação dependeria da mãe da criança. E uma remarcou várias vezes o horário e não compareceu à entrevista.

### **2.5.5 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados**

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada elaborada especialmente para o estudo buscando-se investigar questões acerca do discurso parental em relação à criança, à dinâmica familiar e aspectos relacionados à fala e a gagueira. Ela foi realizada pela pesquisadora nas salas de atendimento do Serviço de Atendimento Fonoaudiológico da Instituição e precisavam estar presentes tanto o pai quanto a mãe da criança. Possuía um roteiro flexível e duração de, aproximadamente, uma hora. Foram realizadas individualmente em sala silenciosa e registradas em gravador de voz para posterior transcrição e análise.



### **2.5.6 Análise dos dados**

Os dados foram submetidos à análise temática de conteúdo proposta por Minayo (2014), orientada pelo objetivo da pesquisa e se desenvolveu em três momentos: 1 - pré-análise; 2 - exploração do material e 3 - tratamento de resultados obtidos e interpretação. Iniciou-se pela escuta e transcrição ortográfica de cada entrevista. Após, realizou-se a análise dessas transcrições. As entrevistas foram, primeiramente analisadas de forma individual e em seguida foi se comparando umas com as outras. Isso possibilitou que emergissem as categorias de análise, sendo os dados categorizados e reagrupados por semelhança. Por fim, aliada à interpretação dos resultados deu-se a reflexão e a fundamentação teórica do estudo.

## **2.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os materiais produzidos para a análise derivam dos relatos dos pais que vivenciam a experiência de ter um filho com gagueira. Foi possível compreender como esta situação atravessa o discurso familiar desses pais. Assim, a discussão dos resultados enfatiza os elementos que dizem respeito à dinâmica familiar e suas implicações produzidas na sintomatologia da criança - a gagueira. A partir dos dados analisados surgiram cinco categorias desenvolvidas a seguir.

### **2.6.1 Nascimento psicológico e suposição de sujeito**

A principal função das figuras parentais é garantir a construção de uma vida psíquica saudável possibilitando o advento da subjetividade. Para que isso seja possível, os

pais se preparam psiquicamente para a chegada do filho. Essa preparação se inicia com o projeto da gravidez, consciente ou não, de forma que quando a criança nasce ela já possui um lugar e uma história na vida desses pais. Então, o sujeito já inicia seu processo de subjetivação antes mesmo do nascimento, tendo um protótipo do que virá a ser sua subjetividade a partir do imaginário dos pais. As funções materna e paterna também se iniciam muito antes do nascimento, no trabalho de construção desse lugar psíquico para a criança que vai vir a fazer parte dessa família (Ogaki, & Sei, 2015).

Tem-se assim, um tempo de espera por um bebê/sujeito. Essa espera possibilita aos pais irem se acostumando com a nova posição que os aguarda. Este tempo é facilitador da criação de um espaço psíquico onde a subjetividade do bebê ocorrerá (Junqueira, 2014). Assim, a criança vai nascendo também, via discurso parental, por meio de conversas que ocorrem durante o período da gravidez: “(...) *A gente cantava, e falava e acariciava.*” (M1); “*Eu conversava muito com minhas crianças. Eu conversava bastante com meus mimoso.*” (M2). “(...) *eu conversava muito com ele.*” (M3). Tais indicativos dão indícios de que um filho nasce antes mesmo de nascer, a partir do investimento psíquico de seus pais (Winnicott, 1999) marcado pelos desejos, expectativas, frustrações que se configuram no mito familiar (Matsuo, & Carreira, 2015). Ele nasce no discurso familiar e já existe no inconsciente dos pais através de demandas específicas e instaladas na fantasmática que ocupará dentro da configuração familiar - lugar com o qual todo sujeito deverá se confrontar (Dolto, 1989; Lacan, 1964/1998).

Esta categoria se destacou por pontuar as reflexões trazidas pelos pais a respeito da suposição de sujeito e suas expectativas em relação à criança durante a gravidez. Os dados trouxeram também, pontos relevantes referentes a traços identificatórios, sexo e fantasias de características do bebê imaginado que podem ser observadas nas passagens a seguir:

“Ah...nós imaginava que ia ser um gurizinho.” (P1); “Daí a gente ficava: ah, vai sê parecida comigo. Não, vai sê parecida contigo. E a gente ficava nessa.” (M1); “Eu imaginava que eles iam nasce bem...com saúde e tal. Acho que é isso né!?” (P2); “(...) eu imaginava que ia ser menina.” (M3); “(...) eu sempre pensei assim: não importa o que vier, que venha bem, que venha com saúde.” (P3).

Assim, constatou-se que em todos os casos, os pais trouxeram em seus discursos a suposição de sujeito atestando o nascimento psicológico dessas crianças. Observaram-se as operações constituintes que animam a estrutura discursiva que darão sustentação ao surgimento do sujeito, e, portanto, sua captura pelo campo da linguagem (Pavone, & Abrão, 2014).

### **2.6.2 Adaptação do casal parental à criança**

Esta categoria reuniu as respostas dos seguintes questionamentos: “Como foi a adaptação desse novo membro (criança) em relação à família?” e “Houveram mudanças dos planos de vocês depois do nascimento (da criança)? Quais?”. Nesse sentido surgiram as seguintes falas: “Quando ele nasceu, que a gente chegou em casa, foi... bem cansativo pra mim assim. Não! Foi maravilhoso né! Chega em casa... com ele, com as coisinhas dele e tudo, mas assim, ele teve cólica sabe? Mas assim... muito tempo e muita cólica e eu... e ele não mamava (...) (M3). Ao que o pai completa: “É, foi mais isso, cansativo só (...)” (P3); “Mudou tudo pra mim. Tudo né...porque a minha vida... a minha vida se tornou em função deles né, praticamente dos gêmeos né! (...) é muita coisa! Muita coisa! Muita coisa! Os dois primeiros anos eu não dormi. Não dormia né!” (M2); “(...) porque desde pequena ela dormia já do ladinho nosso ali né, nós botava a cama nossa e o bercinho escoradinho

*ali né, junto né. E ela sempre foi né... daí foi né... se criando assim né! E a gente vendo ali né, o choro de noite, acordando, não dexando nós dormi as vez.” (P1).*

Tais falas demonstram que a volta para casa, após o nascimento de um filho, e todas as novas situações com as quais o casal vai se deparar marcam uma situação transformadora. O nascimento de um filho envolve uma série de complexos processos e disposições psíquicas que vão emergindo e que exigem algumas elaborações psíquicas por parte do casal parental (Pavone, & Abrão, 2014). O caminho para este novo lugar e a chegada do filho trazem modificações na organização psíquica do casal e de cada um em particular, resultando em uma nova organização. Entre elas, enunciam-se a mudança do estatuto dos pais que passam da posição de filho para assumirem a posição de pais; as projeções de seus aspectos infantis sobre a criança; as exigências que o bebê faz à mãe, bem como aspectos financeiros que também precisam ser reorganizados e fazem efeitos.

Embora as falas pudessem ser compreendidas como sendo da ordem da dificuldade e do desagradável, assim mesmo fazem sentido, pois se referem às ressignificações de novas posições e da inserção de um novo lugar que o sujeito passa a ocupar no núcleo familiar.

Um último ponto que merece destaque nesta categoria diz respeito à participação da função paterna nos primórdios da relação mãe-criança. Nessa relação simbiótica da mãe com seu filho, em que a atenção e a emoção da mãe estão inteiramente implicadas, existe um terceiro, - o pai - que vivencia a experiência da parentalidade de maneira diferenciada da maternidade. Ouviu-se então: *“Eu trabalhando às cinco horas da manhã, não pude ser muito ativo na madrugada né (...). Então quem ajudou muito mais a noite foi a mãe dela e ela (...), mas entre a gente tava tudo super tranquilo.” (P3).* Entende-se o pai enquanto representante do exterior, tanto da díade quanto do ambiente familiar, sendo quem liga a

unidade familiar à sociedade em geral, por ser aquele que se dirige ao mundo para trabalhar e retorna à casa ao final do expediente. Mãe e filho, por outro lado, ficam seguros em casa. Isso ocorre pensar na configuração familiar em que a mãe permanece com o filho no início da vida dedicando-se aos seus cuidados, enquanto o pai continua a trabalhar fora provendo o sustento da família (Ogaki, & Sei, 2015), fato que ocorreu com os três casais entrevistados.

Tudo isso proporciona à criança a possibilidade de pertencimento a uma família e a vicissitude de encontrar formas de reconhecimento nela. Assim, pertencer a uma família, ou seja, ser considerada suporte de um discurso, oferece ao aparelho psíquico em vias de formação um alicerce que sustenta o ingresso do sujeito na história. Esta, por sua vez, gera a vivência de ser amado e reconhecido e de ocupar um lugar em um mundo que o precedeu e que agora o espera (Scorsolini-Comin, & Santos, 2016) e, portanto, inserido no campo na linguagem.

### **2.6.3 Aspectos do desenvolvimento da criança**

Dados relevantes surgiram também em relação à aquisição da linguagem. Constatou-se que os pais de duas crianças perceberam um início de aquisição da linguagem típico, afirmando que as mesmas começaram a falar em torno de um ano de idade e apenas um casal relatou que a criança iniciou a fala tardiamente, em torno dos quatro anos (criança do casal 2).

Duas das mães não descreveram problemas quanto ao desmame natural (no peito) (exceto para uma mãe - M3). Em relação ao uso da mamadeira e da chupeta, observou-se

no relato de duas mães (M2 e M3) o uso prolongado destes. Além disso, foi constatado que uma criança (do casal 3) ainda fazia uso da mamadeira.

Em relação à retirada da criança do quarto dos pais, observou-se no relato do casal 3, dificuldades quanto a esse aspecto. Quanto ao hábito de independência de comer sozinho, não surgiram apontamentos de dificuldades nos relatos dos pais. Em relação ao controle esfinteriano, duas crianças tiveram dificuldades nesse sentido (criança do casal 2 e 3). Duas crianças foram relatadas pelos pais como tendo uma boa adaptação à escola, o que demonstra pouca dificuldade de quebra de vínculo, ao menos no que diz respeito à criança. O contrário foi constatado no discurso do casal 3, que verbalizou grande dificuldade por parte da mãe e da criança.

Tais dados não podem ser generalizados, no entanto, são informações que apontam para indicativos de dificuldades de desvinculação entre mãe e criança. Entretanto, questiona-se sobre o motivo pelo qual essas crianças, em geral, mesmo tendo um desenvolvimento da linguagem dentro do tempo cronológico esperado, ainda assim, desenvolveram um sintoma de linguagem.

A função paterna é constitutiva do sujeito na medida em que promove a assunção da posição de sujeito à criança, causando uma ruptura da relação simbiótica com o agente materno, promovendo autonomia e internalização da Lei. O Pai assume uma função metafórica, pois é uma função que aparece e precisa ser sustentada via linguagem (Heinemann, & Chatelard, 2012), por meio do discurso. Entretanto, essa sustentação não provém apenas do discurso do agente paterno, ela precisa comparecer também, no discurso materno. É o que a função materna faz com a palavra do pai (Checchinato, 2001) que dará ou não sustentação de Lei, de interdição à criança e entrada ao campo simbólico. A partir daí pode-se abrir espaço para a aquisição da linguagem. Entretanto, quando essa

sustentação via discurso materno se encontra problematizada uma das formas de se fazer “denúncia” são as falas sintomáticas sendo a função paterna uma espécie de gatilho para os sintomas de linguagem e aqui, mais especificamente, para a gagueira.

Ao que pareceu diante do discurso dos pais, é que as crianças estão em uma posição fragilizada diante do reconhecimento da função paterna, uma vez que as mães se colocam como “*supermãe*” (M2) e sabem sobre tudo e tudo resolvem - “*é eu pra tudo!*” (M1) - inclusive autorizando o momento em que o pai pode falar “*quem sabe agora você fala por nós*” (M2). Interessante ressaltar que tal fato também pode ser evidenciado por gestos de M3 (risos e movimentos de negação) em momentos em que o pai falava sobre a criança. Assim, observou-se por meio do discurso dos pais, apontamentos que levam a pensar a relação entre mãe e criança. A criança estaria submetida ao desejo da mãe, não totalmente, mas em parte. Quanto mais a criança se presta a sedução do desejo materno mais ela será subornada na fantasia com a ilusão de poder preencher a falta da mãe (Checchinato, 2001). Essa é uma relação, que mesmo não sendo totalmente dual, é uma relação problematizada quando a função paterna é falha, pois ali há uma relação terciária prejudicada.

É na tríade - mãe, criança e pai - que o agente materno sustenta por meio da linguagem esse terceiro, ou seja, a função paterna (Checchinato, 2001). Dessa maneira, de um lado são as faltas da mãe que irão proporcionar para a criança o acesso aos seus desejos, e conseguinte, à linguagem. De outro lado, a função paterna se concretiza na simbolização da Lei, nomeando-a como não sendo objeto de desejo para a mãe e sendo “dona” do seu próprio desejo. Quando isso, de alguma forma se problematiza e não vem sustentado via discurso, a criança faz sintoma para de alguma maneira se defender dessa posição e então, encontrar uma saída. Nota-se o quão interessante é o fato de que, por se tratar de algo que

não foi sustentado pela linguagem, o sintoma surge justamente ali, na linguagem. E então, tem-se o sintoma, a gagueira.

#### **2.6.4 A dinâmica familiar e sua relação com a gagueira**

Objetivando o entendimento de como a criança se situava em relação à dinâmica familiar bem como qual seria a figura parental representativa da lei para a mesma e como o sintoma de linguagem estaria entrelaçado nesse contexto, lançaram-se alguns questionamentos referentes à rotina, a relação familiar e aspectos sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Dessa forma, esta categoria tratará dos efeitos da articulação das questões psíquicas do discurso parental com a sintomatologia da criança em questão - a gagueira.

“O ser humano, todos nós, somos seres de falta” (Machado, 2016). A Psicanálise aponta que a falta é fundamental, pois é a partir dela que o sujeito se constitui. Ela é o motor para as buscas e as ações do sujeito. É a falta que move o sujeito em direção ao seu desejo e é o que coloca a criança no campo da linguagem subvertendo a ordem do natural e do orgânico.

A condição biológica é condição necessária, mas não suficiente para que o sujeito se inscreva como um ser de linguagem capaz de estabelecer laços sociais. A aquisição da linguagem não se refere à necessidade da criança, mas está relacionada com algo que ultrapassa sua condição biológica, isto é, com o desejo e a demanda do Outro (Passone, 2016).

A estrutura psíquica do ser falante é causada por sua entrada na linguagem. Antes mesmo de um bebê nascer já se fala dele. Os reflexos, são interpretados por aquela que



cumpra a função materna e ganham significações: “ele tem fome”, “ele tem sono”. É com essa interpretação do espasmo do organismo que a mãe convoca o *infans* (aquele que ainda não tem acesso à fala) a entrar no campo da linguagem e, portanto, ser um sujeito desejante. Essa é a estrutura do ser falante que é construída via o Outro materno que transformará a necessidade da criança em significação. A criança não está simplesmente gritando ou chorando, mas está querendo dizer que está com fome (Machado, 2016). Tem-se então, o discurso alienado ao campo do Outro.

Detentora dos poderes da palavra, a mãe fala pela criança no início de sua vida, interpreta o seu choro, sua demanda, atribui sentido ao não sentido. É ela que escreve o primeiro capítulo da existência da criança e, por isso, é responsável por possibilitar-lhe uma vida psíquica, subjetiva, que é tecida através do desejo (Moura, 2013). Remete-se aqui, ao tempo da alienação descrito por Lacan (1969/2003), onde há uma relação de poder por parte da figura que desempenha a maternagem, a qual sentencia a criança a uma posição de objeto de desejo. Para a criança se constituir sujeito é preciso que ela se construa enquanto diferenciada do Outro materno. É preciso que a aposta narcísica fracasse minimamente para que as características da criança possam aparecer. Isto ocorre, em parte, porque a criança não acata tudo o que lhe é reservado, colocando pontos de resistência ao que lhe foi destinado (Ferrari, 2012). Além disso, é preciso que haja a intervenção da função paterna para impedir que a criança seja engolfada pelo desejo materno e não permaneça ocupando a sentença de objeto ficando fadada à completude desse desejo. Aqui, vê-se a instauração da operação psíquica chamada por Lacan (1969/2003) de separação.

É a partir dessas duas operações psíquicas, a alienação e a separação, ambas referidas à relação do sujeito ao Outro materno, que a criança vai se constituir e entrar no campo da linguagem. Desse modo, a criança nasce, primeiramente, vinculada ao desejo dos

pais, para depois emergir como sujeito no mundo da linguagem, como ser que passa a sustentar um lugar no discurso, a partir do lugar de falta que comporta a relação com o Outro (Passone, 2016).

Dessa forma, aponta-se para a relação que o discurso familiar e o desempenho das figuras parentais ocupam na constituição psíquica da criança em relação à formação dos sintomas. As figuras parentais têm um papel fundamental na eclosão dos sintomas da criança, pois esta procura responder aos enigmas dos adultos (Passone, 2016). Lacan (1964/1998) entende que quando há uma certa distância entre a criança e a mãe, operada pela função paterna, estando, portanto, a criança no campo da neurose, o sintoma desta pode assumir um posicionamento de resposta à sintomatologia familiar. É isso que permite aos pais o questionamento sobre o sintoma da criança (Ferrari, 2012). Assim, ela fará sintoma porque repara uma falha de um dos pais ou mesmo de ambos.

Ao que se percebeu em relação a esse estudo, é que a gagueira tomada enquanto sintoma de linguagem, ocupou um lugar de preenchimento de uma falha que está muito mais relacionada ao enfraquecimento (e não ausência) da função paterna. Tal fato foi ilustrativo quando os pais foram colocados diante do questionamento: “Quem proporciona disciplina à criança?”. Em dois casos, a resposta imediata, foi a mãe: “*mais eu...é mais eu, eu*” (M2); “*Normalmente ela. Eu ajudo quando posso.*” (P1); “*Se tu vai analisa, ela [criança] não respeita muito ele no caso. Ele fala, daí a pouco ela tá retrucando, e eu não. Eu falo uma vez só e deu.*” (M1). Em um dos casos aparece a seguinte fala: “*Ah, eu acho que os dois assim.*” (a mãe ri ao falar). “*É que ele acha que é ele porque ele só briga entendeu? E daí ele acha que isso é disciplina. E isso não é.*” (M3).

Nota-se uma fragilização da função paterna via discurso materno. O pai é uma função simbólica da Lei, da linguagem, que realiza a separação na relação entre a mãe e a

criança. Ele surge a partir do discurso da mãe para a criança. Ele é fabricado, criado em várias versões, e aparece com vários nomes no discurso da mãe. O pai é aquilo que no discurso da mãe representa a Lei (Heinemann, & Chatelard, 2012). Ainda, o que ocorre na descrição de uma determinada situação é como o pai aparece no discurso da mãe, assumindo uma posição de filho para ela: “(...) *daí começa: – mãe, olha aqui o pai! – Maria (nome fictício) olha aqui essa guria!*” (M1). Ao que o pai também responde a essa posição: “*É que às vezes eu quero joga no tablet dela [da criança] e ela não que dexa. Daí nós começemos, daí ela começa a chama a mãe dela, daí não dá né!*” (P1). “*Eles tão sempre de brigando! E ele fica brabo comigo porque eu boto de castigo (...) e ela é mais agarrada comigo. É eu pra tudo!*” (M1). Por fim, em uma situação a resposta se remeteu ao conflito no casal, relacionado às formas diferenciadas de educar o filho: “*É que ele acha que é ele porque ele só briga entendeu? E daí ele acha que isso é disciplina. E isso não é.*” (M3). “*Não, na realidade é o seguinte, não concordo com isso. Não é que eu só brigue. Na realidade, a gente tem, nessa parte a gente tem um pouco de diferença, ela e a mãe dela, elas, ela menos que a mãe dela, elas acham que tipo, tem que negocia tudo, que ele é esperto, mas que não é tanto. Eu já acho diferente, eu acho que ele testa muito elas, eu acho que ele ganha delas em muitas vezes, eu sô um pouco mais enérgico, eu comigo não é não, pronto e acabo.*” (P3). Faz-se necessário ressaltar que embora P3 diga que ele é “*mais enérgico*” e que com ele “*não é não, pronto e acabo*”, em vários momentos ele relata que a criança não o “*obedece*” e que a mãe (sua esposa) o desautoriza.

Desse contexto decorre o sintoma de linguagem das crianças, pois ali onde a figura paterna não desempenha o seu papel de forma satisfatória, algo precisa surgir nessa lacuna. Dessa maneira, o filho organizará um sintoma que tentará suprimir essa falha (Laznik, 2013), demonstrando a necessidade de Pai dessas crianças.

### 2.6.5 Hipóteses sobre a etiologia da gagueira

Falar sobre os sintomas da criança e, portanto, sobre a etiologia da gagueira infantil, implica colocar em cena a fantasmática do casal parental e situá-lo como uma resposta construída a partir da angústia de um dos pais ou de ambos (Lèvy, 2008). Nota-se, portanto, uma articulação estrutural entre o sintoma da criança e o discurso parental.

Durante a pesquisa, quando os pais foram questionados em relação ao motivo pelo qual a criança gaguejava, surgiram, inicialmente, duas hipóteses de respostas. Uma delas parece estar relacionada com questões de ordem psíquica, pois trazem em seus discursos a questão da ansiedade: “(...) *pra mim é mais uma ansiedade de quere fala.*” (P3); “*Eu achava que era ansiedade também*”. A outra hipótese aponta para questões de ordem orgânica: “(...) *eu acho que é essa incoordenação respiratória mesmo que ele tem que tá causando essa gagueira nele (...).*” (M3).

Além das hipóteses mencionadas, outras respostas provenientes do discurso dos outros dois casais parentais foram relacionadas ao parto. Uma delas é proveniente do casal 2: “(...) *aos sete meses, eu fiz um exame que detecto que um dos bebês tava com um... no caso um dos bebês... ele não tava bem, ele tava, digamos assim, em sofrimento. (...). Daí o médico resolveu que tínhamos que fazer o parto de imediato. Então eu acho que é um fundo bem emocional mesmo, uma coisa assim. Não sei se é disso aí, desses dias traumáticos do hospital (...).*” (M2). “(...) *ficou 117 dias no hospital, teve paradas respiratórias, isquemias, além de fica intubado praticamente três meses.*” (P2). A outra fala, foi proveniente de M1: “*Foi horrível, fiquei da sexta das dez da noite até sábado as oito da noite com dor (...). Aí a gurria nasceu, quem disse que eles me botaram a gurria, botaram no bercinho tudo, e todo mundo na correria né. Correia pra cá e pra lá, pra cá e pra lá e*

*eu perguntando: – o que aconteceu? E ninguém me dizia nada e a guria não chorava. Depois de 15 minuto que ela foi chora (...). Aí a guria nasceu com sangramento, sem movimento, fez cocô dentro da barriga... horrível! Depois de 15 minutos levaram ela direto pra CTI. Ela nasceu no sábado e fico até na quarta lá na CTI. Desconfio que a gaguera pode se disso daí, não sei se pode ou não!.*

Chama a atenção o fato dos pais, e principalmente as mães, levantarem como hipótese para o sintoma de linguagem um momento de separação: o nascimento. Além disso, nota-se que foram experiências traumáticas não somente para as crianças, mas também para os pais, e principalmente para as mães. Pensa-se, que essas experiências vivenciadas de forma traumática, posteriormente apareceram sob forma de sintoma na criança - o sintoma de linguagem.

Se a gravidez é a expressão máxima da completude e da fusão, a ruptura do parto, o corpo que sai do corpo, provoca uma perda do encantamento e do objeto, que é considerada por algumas mães uma experiência traumática (Moura, 2013). A vivência do nascimento do filho para a mãe é uma partida. Ali estão implicados a angústia e demais afetos relativos a uma mudança interna e a atualização de uma perda. Assim, o momento do parto possui duas dimensões: o deslocamento do ventre para o mundo e a separação da unidade mãe-bebê. Isso parece causar uma angústia de desligamento na mãe (Rei, Ramírez, & Berlinck, 2014).

Esse separação que acontece, faz menção a noção da operação psíquica de separação elaborada por Lacan (1969/2003), operação fundante do sujeito. A separação marca a saída do lugar de objeto ocupado pela criança, assumindo a condição de sujeito desejante que é marcada quando a figura materna evidencia sua incompletude.

Quando diante da maternidade a incompletude é “experienciada”, surge a ambivalência que se refere à polaridade amor e ódio. O ódio materno surge diante da separação, do nascimento da criança e se caracteriza enquanto vital para esta, na medida em que irrompe a continuidade entre o Outro materno e o *infans*, fazendo com que o desejo materno reencontre outros meios de satisfação. O amor visa, ao contrário, a fusão, a completude, a satisfação plena que preenche. Este, quando totalitário, pode fadar a criança à alienação na posição de objeto. Nesse sentido, o ódio é “salvador” (Moura, 2013). Assim, no interior dessa relação entre mãe e criança o ódio salvador estaria endereçado na função paterna que faz o corte que permite a criança se constituir.

Entretanto, como os dados relativos à dinâmica familiar apontaram, parece existir nos casos estudados, uma fragilização da função paterna nestas relações familiares. Outros dados corroboram com os achados anteriores sendo provenientes do discurso dos próprios representantes paternos quando foram questionados sobre a reação diante da percepção da gagueira da criança. Estes apresentaram um discurso de “valoração” quanto ao sintoma da criança. Ouviu-se então: “A gente já fico meio assim também né!” (P1); “(...) eu não esquentei muito com esse negócio da gagueira porque na verdade tudo tem...tudo tem um...tempo. Acho que ele vai crescendo e vai...vai diminuí...e é um pouco de calma. Mas também...se fica, eu não me preocupo porque assim ó, depois que a gente fico tanto tempo no hospital tu vê que tem muitos problemas de muitas crianças, bah problema muito pior, então assim...não dá pra reclama.” (P2); “Olha, eu me preocupei um pouco também, mas nunca tratei talvez com a gravidade que ela [esposa] (...). Realmente pra mim tinha... tinha que ser tratado tudo, mas nunca achei que fosse tão grave assim. Apesar dela me falar, eu ficava meio assim: será que é tão grave assim? Não parece!” (P3).

O pai assume uma função metafórica por meio da linguagem, sendo que sua função pode ser compreendida tanto como o lugar que ele ocupa para a mãe e para a criança, mas também como o papel do próprio pai. Ao que parece, é que tais enunciados que se impõem pela linguagem dos agentes paternos trazidos durante a pesquisa, impedem o filho de ser portador de seu próprio desejo, pois colocam a criança a se manter no sintoma de linguagem. “Então, o pai deixa suas versões na criança e, por isso, pode-se falar em sintoma (...)” (Heinemann, & Chatelard, 2012).

## 2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança é um “produto” da situação gerada pela formação do casal parental. Antes do seu nascimento a criança já faz parte das fantasias dos pais e por elas é moldada. Após o seu nascimento, surge uma nova dinâmica relativa às exigências da criança. Contudo, dependendo de como a dinâmica familiar servirá de “veículo de transporte” das expectativas e necessidades para a criança é que surgirão os sintomas (Azevedo et al., 2014) e ao que foi constatado no estudo, também dos sintomas de linguagem. Estes sintomas, quando tomados pela perspectiva da teoria psicanalítica não simbolizam patologia. Ao contrário, participam da construção da estrutura psíquica, pois revelam uma verdade e por esse motivo, fala-se em sintoma do sujeito. Assim, a forma como o sintoma manifesta o que não vai bem para a criança depende da solução singular que esta adota para dar conta das suas questões (Heinemann, & Chatelard, 2012).

Em vista de tais considerações, conclui-se que em relação às dinâmicas familiares estudadas verificou-se uma organização que dificulta a criança na construção da fala própria, tendo esta, uma tendência à dependência em relação à figura materna em

decorrência de uma função paterna falha. Assim, faz sentido retomar a maneira como esses pais se portaram diante da entrevista do estudo. Percebeu-se que as mulheres tomaram a “dianteira” em tudo e os maridos (pais), figuras por elas pouco consideradas. É nesse sentido, que o discurso parental parece “proporcionar” o surgimento da gagueira. Logo, os sintomas são metáforas dos núcleos patógenos e, portanto, jamais devem ser “abafados”. Eles são estruturas necessárias para a sobrevivência do sujeito (Checchinato, 2001). Dessa forma, entende-se que a gagueira não pode ser um sintoma considerado como isolado, ou entendido, como sendo meramente um sintoma da criança. Ele precisa ser considerado como fazendo parte do discurso que constitui a criança. Logo, na clínica fonoaudiológica parece ser interessante que não se considere um trabalho voltado unicamente para a correção do sintoma, pois isto levará a um apagamento da condição de sujeito. Nesse sentido, sugere-se que a Fonoaudiologia possa abrir espaço para a escuta do discurso parental de forma a entender a relação do sintoma da criança que aparece na linguagem com a fantasmática dos pais.



## 2.8 REFERÊNCIAS

- Andrade, C. R. F. (2004). Abordagem neurolinguística e motora da gagueira. In L. P. Ferreira, D. M. Befi-Lopes, & S. C. Limongi (Orgs.). *Tratado de fonoaudiologia*. (pp. 1001-1013). São Paulo: Roca.
- Azevedo, L. J. C. de, Féres-Carneiro, T., & Linss, L. B. (2014). Sintoma infantil: efeito da transmissão psíquica? *Cadernos de Psicanálise*, 36(31), 169-186. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v36n31/v36n31a09.pdf>.
- Checchinato, D. (2001). Psicanálise dos pais. *Pulsional Revista de Psicanálise*, (152/153), 42-69. Recuperado de [http://editoraescuta.com.br/pulsional/152\\_153\\_04.pdf](http://editoraescuta.com.br/pulsional/152_153_04.pdf).
- Conselho federal de psicologia*. Resolução n. 016, de 20 de dezembro 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Recuperado de <http://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao68.pdf>.
- Conselho nacional de saúde*. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado de [http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf)
- Dolto, F. (1989). *Inconsciente e destinos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ferrari, A. G. (2012). Sintoma da criança, atualização do processo constitutivo parental? *Tempo Psicanalítico*, 44(2), 299-319. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v44n2/v44n2a04.pdf>.
- Gonçalves, R. (2018). Um estudo de caso sobre a brincadeira do fort-da como indício de estruturação do sujeito. *Estilos da clínica*, 23(3), 626-637. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v23n3/a10v23n3.pdf>.
- Heinemann, G. B. B., & Chatelard, D. S. (2012). Concepção atual de família: do declínio da função paterna aos novos sintomas. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, XII(3-4), 639-662. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v12n3-4/06.pdf>.

- Junqueira, M. de F. de A. (2014). Parentalidade contemporânea: encontros e desencontros. *Primórdios*, 3(3),33-44. Recuperado de [http://cprj.com.br/primordios/03/03\\_Parentalidade\\_contemporanea\\_encontros\\_e\\_desencontros.pdf](http://cprj.com.br/primordios/03/03_Parentalidade_contemporanea_encontros_e_desencontros.pdf).
- Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos da psicanálise*. (2a. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (2003). Notas sobre a criança. In J. Lacan. *Outros escritos*. (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1969).
- Laznik, M. C. (2013). *A hora e a vez do bebê*. São Paulo: Instituto Langage.
- Lévy, R. (2008). *O Infantil na Psicanálise: o que entendemos por sintoma na criança*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Machado, Z. (2016). A dor e a delícia de ser falante. *Stylete lacaniano*, 1(4), 40-44. Recuperado de [https://docs.wixstatic.com/ugd/d3c58b\\_c1294c623f184182adf1f588a09dcfd0.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/d3c58b_c1294c623f184182adf1f588a09dcfd0.pdf)
- Matsuo, T. Y., & Carreira, A. F. (2015). A alienação da criança: clínica e contemporaneidade. *Estilos da clínica*, 20 (3), 475-491. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v22n1/a04v22n1.pdf>.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14a. ed.). São Paulo: Hucitec Editora.
- Moura, D. F. G. (2013). Maternidade e poder. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, XIII(1-2), 387-404. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v13n1-2/15.pdf>.
- Ogaki, H. Á., & Sei, M. B. (2015). A função paterna na clínica infantil. *Estilos da clínica*, 20(2), 296-309. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v20n2/a09v20n2.pdf>.
- Passone, E. F. K. (2016). De a-criança ao real infantil: reflexões psicanalíticas acerca da infância. *Estilos da clínica*, 21(1),114-132. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v21n1/a07v21n1.pdf>

- Pavone, S., & Abrão, L. de V. (2014). Quando um déficit ou doença orgânica bate à porta do imaginário parental: os efeitos na constituição subjetiva da criança. *Distúrbios da Comunicação*, 26(2),373-385. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/15598/14651>.
- Rei, V. A. F., Ramírez, X. Y. de A., & Berlinck, M. T. (2014). As dores do parto. Reflexões psicopatológicas em torno da angústia e do narcisismo primitivo. *Estilos da clínica*, 19(1), 67-77. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v19n1/a05v19n1.pdf>.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A dos. (2016). Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica*, 28(1),141-159. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v28n1/a08.pdf>.
- Wiles, J. M., & Ferrari, A. G. (2015). Clínica nos bastidores: o trabalho com os pais na clínica psicanalítica com crianças. *Psicologia Clínica*, 27(2),103-119. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n2/06.pdf>.
- Winnicott, D. W. (1999). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wittke-Thompson, J. K, Ambrose, N., Yairi, E., Roe, C., Cook, E. H., Ober, C., & Cox, N. J. (2007). Genetic studies of stuttering in a founder population. *Journal of Fluency Disorders*, 32(1), 33-50. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17276504>.
- Yairi, E., & Ambrose, N. G. (2005). *Early childhood stuttering: for clinicians by clinicians*. Austin: Pro-Ed.

### **3 ARTIGO DE PESQUISA 2 - A CRIANÇA GAGA E O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA**

#### **3.1 RESUMO**

O objetivo desse estudo foi analisar o discurso de crianças que gaguejam, buscando detectar aspectos psíquicos envolvidos nesse sintoma de linguagem e sua relação com o exercício das funções parentais. Empregou-se uma metodologia qualitativa, a partir da análise de conteúdo. Participaram da pesquisa três crianças diagnosticadas com gagueira com idade entre 2 e 8 anos, de um Serviço de Atendimento Fonoaudiológico de uma instituição de ensino superior pública. Os instrumentos utilizados para a coleta dos dados foram estórias infantis e fantoches. Os dados foram analisados e generalizados em categorias temáticas que apontaram para uma possível fragilidade na função paterna em decorrência de uma problematização na passagem do processo de alienação para a separação. Em vista disso, a gagueira pode ser entendida como um sintoma de linguagem que surge como forma de defesa à alienação materna e para dar conta da fragilização paterna.

**Palavras-chave:** Gagueira. Criança. Psicanálise.

### 3.2 ABSTRACT

#### **THE CHILD WITH STUTTERING AND THE PSYCHIC STRUCTURING PROCESS**

The aimed of this study was to analyze the speech of stuttering children, seeking to detect psychic aspects involved in this language symptom and its relation to the exercise of parental functions. A qualitative methodology was used, based on content analysis. Participated of the study three children, with aged of 2 to 8 years old, diagnosed with stuttering of the Speech-Language Pathology Attendance Service of a public higher education institution. The instruments used to collect the data were children's stories and puppets. The data were analyzed and generalized in thematic categories that pointed to a possible fragility in the paternal function as a result of a problematization in the passage from the process of alienation to the separation. In view of this, the stuttering can be understood as a symptom of language that emerges as a form of defense against maternal alienation and to account for paternal frailty.

**Keywords:** Stuttering. Child. Psychoanalysis.

### 3.3 INTRODUÇÃO

“Ser de linguagem não nos torna capazes de saber de imediato sobre a linguagem” (PARLATO-OLIVEIRA, 2015, p. 38). Expressões, esquecimentos, hesitações, prolongamentos, repetições e tropeços no falar mostram as limitações da fala, mas também a linguagem de um sujeito. Aqui, encontram-se os distúrbios da fala, quando tomados pela via do patológico. Na perspectiva oriunda da Psicanálise tais “distúrbios” são entendidos pela via do sintoma de linguagem. Nela o sintoma é tomado como algo da ordem daquilo que não se vê, uma substituição, algo que vem em lugar de, e que precisa ser decifrado, pois ali habita um sujeito.

Dentre os sintomas de linguagem, o estudo recortou e trabalhou com um deles: a gagueira. Ela é descrita na literatura como um distúrbio da fluência caracterizado por rupturas involuntárias do fluxo da fala, impossibilitando, a produção da fala contínua, suave e sem esforço (YAIRI; AMBROSE, 2005; WITTKÉ-THOMPSON et al., 2007) e geralmente surge acompanhada de repetições de sons e de sílabas, prolongamentos de sons, bloqueios, pausas externas e intrusões nas palavras (ANDRADE, 2004). Mas o que especificamente interessou à pesquisa? Àquele que habita a gagueira, ou seja, o sujeito que gagueja.

Para a Psicanálise, o sintoma não é um transtorno a ser corrigido. Ele é uma resposta que o sujeito pode formular a respeito de sua posição no desejo do Outro. É uma formação do inconsciente e, por seu estatuto de linguagem, pede deciframento (PAVONE; ABRÃO, 2014).

As formações do inconsciente possuem duas implicações: por um lado, estabelecem sentido, mas por outro, denunciam a emergência da falta. Pergunta-se então: qual é a falta

do sujeito gago? E mais: questiona-se o motivo pelo qual, em uma fase de descobertas, de atravessamento da conflitiva edípica e do complexo de Castração essa criança sintomatiza na linguagem e torna-se um sujeito gago? Que caminhos está trilhando a criança que se fez gaga no conflito com seu desejo?

Diante destes questionamentos o objetivo do artigo é identificar questões psíquicas de crianças que gaguejam e sua relação com o exercício das funções parentais.

Para investigar tais questões, a pesquisa lançou mão das histórias infantis e brincadeiras com fantoches. A oferta das histórias se alicerça na ideia de que as narrativas possam dar algum contorno às questões psíquicas relacionadas à gagueira. A possibilidade de poder atuar, encenar e brincar com as histórias, juntamente com os fantoches, se dá na medida em que as crianças fazem uso delas, habitando, elaborando, criando, reescrevendo e, quem sabe, escrevendo as suas próprias histórias e trazendo as suas próprias questões.

As histórias aliadas aos fantoches podem representar uma ligação entre a fala sintomática e as questões psíquicas envolvidas nesse sintoma. Poderão possibilitar uma linguagem livre, por meio da simbolização, de forma a poder acessar aspectos inconscientes envolvidos na gagueira. Acredita-se que tais instrumentos permitirão a escuta de um sujeito para além da gagueira e da posição discursiva de uma fala patologizada, doente e defeituosa. Pensa-se que a proposta de escuta das crianças com gagueira a partir destes instrumentos, esteja em consonância com a propósito da pesquisa, uma vez que esta se volta para o sujeito da linguagem e não somente para a gagueira enquanto patologia.

## 3.4 MÉTODO

### 3.4.1 Delineamento do estudo

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Optou-se por esse delineamento, por se tratar de questões psíquicas que não podem ser quantificadas (MINAYO, 2014).

### 3.4.2 Participantes

Foram envolvidas no estudo 3 crianças, dois meninos e uma menina, diagnosticadas com gagueira do desenvolvimento (ANDRADE, 2004). A menina (S1), com idade de 7 anos e 11 meses, estava no terceiro ano do ensino fundamental, não tinha irmãos, estava em atendimento fonoaudiológico por aproximadamente dois anos e nunca havia realizado atendimento psicológico. Dentre os meninos, um deles (S2) tinha 8 anos e 11 meses, estava no terceiro ano do ensino fundamental, tinha três irmãos (um deles gêmeo e outra irmã mais velha cuja idade não foi informada), estava em atendimento fonoaudiológico por aproximadamente dois anos e nunca havia realizado atendimento psicológico. O outro menino (S3), com idade de 4 anos e 10 meses, estava no pré B, não tinha irmãos, no momento não estava em atendimento fonoaudiológico, mas esteve em atendimento por aproximadamente um ano em momento anterior a sua participação na pesquisa e também nunca havia realizado atendimento psicológico.



### **3.4.3 Considerações éticas**

Os seguintes preceitos éticos foram respeitados: a pesquisa só foi realizada mediante aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino Superior onde a pesquisa foi desenvolvida (aprovação em 19 de abril de 2016, sob o número 54654116.4.0000.5346); os pais das crianças assinaram o TCLE após leitura e esclarecimento de eventuais dúvidas, consentindo com a participação e com a publicação científica dos resultados, conforme Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Também houve o consentimento oral por parte das crianças; a pesquisa incluiu os princípios éticos destacados pela resolução n. 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia que predispõe questões sobre a proteção dos direitos, dignidade e bem-estar dos sujeitos envolvidos no estudo. Como garantia do caráter sigiloso da identidade dos participantes, as falas serão identificadas pelas letras P (Pesquisadora) e S (Sujeito/Criança) seguidos de um número que representa a ordem da realização das filmagens das situações de brincadeiras.

### **3.4.4 Procedimentos de seleção dos sujeitos**

A seleção das crianças participantes do estudo foi realizada por meio da Lista de Espera por Atendimento e da Pasta de Registros do paciente em atendimento de um Serviço de Atendimento Fonoaudiológico de uma instituição de ensino superior pública de uma cidade localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul.

A Lista de Espera é proveniente do Acolhimento desse Serviço onde se realiza uma anamnese para escuta e identificação da queixa inicial, além de questões sobre o desenvolvimento geral e da linguagem da criança, gestação e parto, além de outros aspectos. São realizadas avaliações pertinentes ao caso e encaminhamentos necessários

(terapia e orientações). A mesma é realizada por uma professora fonoaudióloga e seus estagiários do curso de Fonoaudiologia.

Em relação aos casos de crianças com gagueira, as mesmas são diagnosticadas por meio de uma avaliação de fluência, baseada no teste de linguagem infantil ABFW (ANDRADE et al., 2004). As disfluências podem ser divididas em dois tipos: disfluências típicas da gagueira (chamadas de disfluências gagas) e disfluências presentes durante a fala típica, denominadas de disfluências comuns (YAIRI; AMBROSE, 1999). Caracteriza-se como gagueira a presença de 3% ou mais de disfluências típicas da gagueira na avaliação específica da fala espontânea, podendo ou não apresentar concomitantes físicos (evitar contato ocular, movimentos faciais, de cabeças ou membros e sons dispersivos) e ao menos 10% de disfluências comuns (ANDRADE, 2000).

Para serem incluídas na pesquisa as crianças (de ambos os sexos), além do diagnóstico de gagueira, não poderiam apresentar perda auditiva, outras alterações de comunicação associada (como atraso/distúrbio de linguagem, desvio fonológico), quadro sindrômico ou outros distúrbios neurológicos associados.

Após a seleção dos casos os seus responsáveis foram contatados por telefone pela pesquisadora a partir dos dados dispostos na Lista de Espera por Atendimento e na Pasta de Registros deste Serviço e convidados a participarem do estudo para que pudessem consentir com a participação da criança no estudo.

Durante o período de coleta que ocorreu do primeiro semestre do ano de 2016 até o primeiro semestre do ano de 2018, foram realizados contatos com os pais de cinco crianças, além das três que fazem parte na amostra. Uma das crianças não apresentava mais os sintomas da gagueira. Dentre as outras quatro, em três casos as mães não apresentaram interesse em participar da pesquisa. Os pais destas crianças também foram contatados, mas

verbalizaram que a participação dependeria da mãe da criança. E uma remarcou várias vezes o horário e não compareceu à entrevista.

### **3.4.5 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados**

Após a seleção dos participantes da pesquisa, agendou-se um encontro a fim de realizar a coleta dos dados. Para tanto, o principal instrumento utilizado foram os livros de histórias infantis a saber: Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, João e o Pé de Feijão, Branca de Neve, Patinho Feio (editora Todo Livro), Pinóquio (editora Libris), Soldadinho de Chumbo (Folha de São Paulo), Ninguém gosta de mim, Orelha de limão (editora Brink-Book) e Pezinho espalhado (editora Atica). Utilizou-se também como fonte de coleta para dados, fantoches. Estes foram entendidos como um dispositivo para que a criança pudesse utilizá-lo no recontar a história ou na criação de uma nova história.

Tais instrumentos foram selecionados em vista da pesquisa estar circunscrita por uma abordagem em que há lugar para o sujeito, para o simbólico e para o discurso, na qual o uso dos livros infantis e dos fantoches se inseriram. Além disso, acredita-se que os mesmos proporcionam um lugar de confrontação de significados e a vivência do conflito de não corresponder ao que o outro espera por apresentar uma marca/falha.

A coleta dos dados ocorreu em situações individuais com a pesquisadora e a criança mediante uma situação de brincadeira com histórias infantis e fantoches. Inicialmente a criança era recebida pela pesquisadora e apresentada aos livros. A partir disso, a criança poderia escolher quantas histórias desejasse, ficando a critério dela ler o livro ou solicitar à pesquisadora que lesse, não havendo a limitação do número de livros a ser utilizado. Posterior a isso, havia o momento de trabalhar com a história por meio do manuseio do livro,

do recontar a história, havendo a possibilidade da utilização dos fantoches e ainda a possibilidade da criação de uma estória pela criança. Os encontros aconteceram nas salas da instituição de ensino superior em questão, com encontros únicos e individuais com cada criança, conforme referido, com duração de aproximadamente uma hora, filmados com uma câmera digital para posterior transcrição e análise.

### **3.4.6 Análise dos dados**

Os dados foram submetidos à análise temática de conteúdo proposta por Minayo (2014) que corre em três momentos: 1 - pré-análise; 2 - exploração do material e 3 - tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Para tanto, procedeu-se da seguinte maneira: primeiramente realizou-se a escuta e transcrição ortográfica das cenas filmadas para que fosse possível realizar a análise do material. A partir da análise, os dados foram comparados de modo que surgissem as categorias de análise. Assim, foi possível categorizar, agrupar por semelhança e interpretar os dados de acordo com a teoria que norteou a pesquisa - a teoria psicanalítica.

## **3.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Todas as crianças fizeram o uso dos contos, mas nem todas utilizaram os fantoches. S1 fez uso dos contos *Branca de Neve e João e o Pé de Feijão*. Utilizou os fantoches do Lobo Mau, dos Três Porquinhos, do Rei e da Rainha. S2 utilizou o conto *Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho e João e o Pé de Feijão*. Os fantoches utilizados foram o Lobo Mau, os Três Porquinhos, o Rei, a Rainha, o Príncipe, o Vovô, a Vovó e a Bruxa. S3

trabalhou com as estórias *Pezinho Espalhado* e *Ninguém Gosta de Mim* e não utilizou nenhum fantoche.

De acordo com a proposta da análise de conteúdo, os dados foram apresentados em categorias temáticas construídas pelo processo de categorização. Nas categorias, os dados serão apresentados e ilustrados, por meio das questões que ora os contos, ora a utilização dos fantoches fizeram emergir. Eles foram discutidos e embasados teoricamente, segundo pressupostos psicanalíticos.

### **3.5.1 O processo de alienação e separação na criança com gagueira**

É curioso observar que a gagueira apareça em momentos marcados pela necessidade de separação como a infância e a adolescência, períodos estes em que é preciso haver um desinvestimento das figuras parentais e um investimento nos pares como forma de identificação.

De acordo com a teoria psicanalítica são os processos de alienação e separação (LACAN, 1998/1964) as duas operações capazes de permitir a constituição do sujeito desejante.

Quando nasce uma criança ela apresenta condições que necessitam da participação de um outro tanto para o cuidado com o corpo como para que a estruturação psíquica possa advir (PAVONE; ABRAÃO, 2014). Para que ocorra o nascimento de um sujeito psíquico é indispensável o encontro entre o organismo biológico e uma estrutura familiar que irá fazer a transmissão do sistema simbólico (MEXKO; GALHARDI, 2014). Não há possibilidade de que um recém-nascido sobreviva sem o acolhimento do Outro, mesmo quando esse se encontra em estado clínico ótimo ao nascimento. Esse Outro do qual se fala,

é representado pela função materna, que por meio dos seus cuidados, toma seu bebê como alguém que dela depende para só depois se constituir como sujeito com conteúdos psíquicos próprios. Assim, supõe que o choro e os gritos da criança querem dizer sobre o frio, fome ou dor que esteja sentindo, percebendo e interpretando as suas manifestações. Ela promove, no cotidiano, o estatuto de um sujeito falante antes mesmo que a criança fale (GORETTI; ALMEIDA; LEGNANI, 2014).

É somente após esse movimento em direção ao Outro materno que a criança pode se subjetivar. Este movimento consisti na primeira operação essencial de estruturação psíquica - a alienação - onde a criança assume a posição de objeto de desejo materno, mantendo-se em uma relação simbiótica, dualista, de completude com a mãe. Ao se fazer objeto de desejo da mãe, a criança adentra na operação da alienação, que é imprescindível para a constituição de um ser falante (MEXKO; GALHARDI, 2014). Ao mesmo tempo que é uma operação necessária é também um momento perigoso se não se seguir o processo de separação que dependerá da entrada da função paterna.

A separação é a segunda operação essencial ao nascimento do sujeito. Nela há a introdução da função paterna, que irá realizar um corte e causará uma falta na díade mãe-criança. O pai comparece antes que como presença, um lugar terceiro, indicando que a criança não captura todo o desejo da mãe. Essa função feita pelo outro paterno é o que Lacan (1999/1957-1958) denominou de significante Nome-do-Pai.

A partir da introdução desse significante, a criança poderá se separar psiquicamente da mãe, constituindo-se como sujeito desejante (MEXKO; GALHARDI, 2014). Isso precisa acontecer para que a criança não fique presa ao mundo alienante dos desejos e significações da mãe. Por conseguinte, a função do pai só tem efeito se o Outro materno,

que até então se posiciona como o tesouro dos significantes para a criança, também der sustento a entrada desse terceiro (SANTOS; RADAELI, 2016).

O que se encontrou no presente estudo foi o processo de separação perturbado nas crianças que participaram da pesquisa. Notou-se uma tendência à dependência das mesmas em relação à figura materna, o que dificultou a construção da sua fala, deparando-se assim, com uma fala “vacilante”, ou seja, com rupturas/bloqueios, repetições e prolongamentos sonoros, caracterizando a gagueira.

Eis que em tempos em que as crianças se apresentam capturadas e identificadas ao olhar materno um certo João (do conto *João e o Pé de Feijão*) surge como um personagem que as crianças puderam tomar como um dispositivo para possibilitar a simbolização desse conflito. Neste sentido, destacam-se a seguir excertos do trabalho realizado com as crianças.

Das três crianças que participaram da pesquisa, duas utilizaram o conto do *João e o Pé de Feijão* na situação de brincadeira. Entre outras questões, este conto trabalha com assuntos inerentes à luta pela aquisição da maturidade, ou seja, questões psíquicas relacionadas aos processos primários de subjetivação (alienação e separação).

O conto inicia com a venda da vaca, pois João e sua mãe estavam ameaçados pela miséria e pela fome, tendo como única saída a venda do animal. João saiu de casa com a tarefa de vender a vaca, mas logo encontra um homem o qual lhe sugere uma troca inusitada: trocar a vaca por uma sacola de feijões mágicos. Mesmo parecendo uma troca absurda, o menino aceitou. Aceita, pois a troca que mais parece um negócio da China, é a alusão perfeita ao desmame, um negócio aparentemente nada proveitoso de trocar o leite certo de cada dia por algo incerto (CORSO; CORSO, 2006).

A promessa dos feijões mágicos então se realiza. E essa magia se refere ao crescimento. Porém, para crescer é preciso perder algumas vantagens de ser pequeno, como o leite materno, representado pela vaca (CORSO; CORSO, 2006). Daí o desgosto de S1 pela venda da vaca, “daquela” que promove tanto prazer.

Frente ao questionamento sobre qual parte do conto as crianças não haviam gostado, as duas crianças que utilizaram o conto *João e o Pé de Feijão* apontaram a parte inicial da estória: “(...) *porque ele vendeu a vaca (...)*” (S1); “**Porque ó, porque ó, porque\_\_ foi chata essa parte. Tem um homem e ele é chato**” (S2).

Se a mãe aceitasse o desejo do filho de acreditar que as sementes eram tão valiosas como a vaca do passado, João teria menos necessidade de recorrer a satisfações fantasiadas, como a de crer nos poderes fálicos mágicos simbolizados no pé de feijão. Em vez de aprovar o primeiro ato de independência do filho - a troca da vaca pelas sementes - a mãe movida pela raiva, manda João “direto para cima” (para a cama com fome), incorrendo o exercício de seu primeiro poder - o poder oral destruidor - e enfatizando que o início da estória trata mesmo de uma operação de distanciamento, de separação da mãe (BETTELHEIM, 2005; CORSO; CORSO, 2006).

Quanto ao homem que propõe a troca da vaca por feijões mágicos, a troca resultante será a seguinte: João entrega aquela que lhe dava leite e recebe algumas sementes cuja magia é o crescimento. Eis então, a magia do crescimento! Toda criança verá um dia seu corpo brotar em estatura tal qual o talo de feijão, rumo ao céu (CORSO; CORSO, 2006). Lembrando que a questão das crianças do estudo é justamente a dificuldade de separação e uma sustentação de gozo na posição de alienação, surge a seguinte verbalização: “(...) *o o João corto o pé de feijão pro pro gigante não subi e a mãe viveu rica para sempre e feliz para sempre. E o João deixo a mãe dele feliz.*” (S1).



Tais reflexões remetem às crianças do estudo. Ocorre que essas mães não se veem na relação com essas crianças, assujeitadas por uma exterioridade, ou seja, por um terceiro. Dessa forma, a mãe torna-se onipotente, e a entrada potencial do pai fica comprometida. Por esse motivo “*o gigante está dormindo*” (S1). Com isso tem-se o entrave na linguagem.

Os personagens homens foram muito bem marcados pelas crianças nas histórias: “*Tem um homem e ele é chato*” (S2); “*o gigante está dormindo*” (S1). O “homem chato”, representado pelo personagem do comprador da vaca na primeira página do conto, é uma das faces do pai que vem marcar a intervenção necessária para afastar o filho da mãe mostrando-lhe um caminho possível: o crescimento (CORSO; CORSO, 2006). A outra figura paterna pode ser encontrada na figura do ogro, um gigante tirânico, que possui muitos bens, mas não reparte com ninguém e ainda tem uma mulher que lhe serve. Esse é o pai na visão primitiva da criança: o dono do pedaço, da mãe. Aquele que vê o filho como uma posse (CORSO; CORSO, 2006). Por isso o gigante precisa estar dormindo, pois enquanto “dorme” mãe e criança aproveitam de sua relação dualista.

O conto do *João e o Pé de Feijão* mobilizou questões relacionadas ao processo de alienação e separação, processos que se referem aos primeiros momentos de constituição psíquica da criança e que estão relacionados com o primeiro tempo do complexo de Édipo. Se uma criança só pode ser olhada pela mãe com base em um único prisma, que não desliza nem se substitui, cria-se uma condição onde ela fica cristalizada em uma complementaridade com a mãe. Nesses casos, a possibilidade de inscrição da função Nome-do-pai fica prejudicada (o que não significa inexistente).

Sabe-se que de acordo com a Psicanálise a linguagem depende da inscrição do sujeito na ordem simbólica e, portanto, na dependência do exercício da função paterna. Quando essa função se encontra em seu exercício, prejudicada, uma das saídas para essa

problemática são os sintomas que aparecem na linguagem sendo a gagueira, por assim dizer, “bem vinda”.

O que foi possível perceber nas crianças que participaram do estudo, através da situação de brincadeira, é que existe uma interação fusional entre mãe e criança onde a identificação simbólica da criança com a função paterna se encontra fragilizada. Em uma das crianças essa situação extrapolou a cena da brincadeira e apareceu no real: “*Eu vo lá na minha mãe tá!*” (S3). Isso estaria ocorrendo em virtude de uma fragilidade da sustentação da função paterna no discurso materno. E é justamente no discurso, na palavra, que surge o sintoma da criança, a gagueira, como um sintoma estruturante (e não simplesmente como uma patologia) do sujeito ocasionada pela angústia de um distanciamento que a comunicação linguística normalmente causa entre mãe e criança. Portanto, ali onde a fala tropeça, hesita, prolonga, fica bloqueada e repete há uma marca identificatória que precisa ser decifrada. Dessa maneira, a interdição da palavra precisa ser entendida como um recurso simbólico para aplacar essa angústia que está associada ao aprisionamento de ocupar o lugar de objeto de desejo do Outro materno.

### **3.5.2 A criança gaga e as questões edípicas**

Na obra freudiana a formação de sintomas também está diretamente associada à resolução do conflito edípico. O complexo de Édipo é para a Psicanálise o conceito central dessa teoria, pois alicerça a psicopatologia na medida em que desempenha um papel primordial na constituição psíquica do sujeito e na orientação do seu desejo. Portanto, ele é formador de sintoma e está associado com a relação inicial que a criança estabelece com o Outro materno.

Lacan (1999/1957-1958) teoriza o complexo de Édipo em três tempos. No primeiro tempo a relação é marcada por uma dualidade, na qual os dois personagens vivenciam uma ilusão de completude. A criança deseja ser tudo para a mãe, sendo que seu desejo é justamente ser o objeto de desejo materno. Esse é o momento identificado como alienação ao desejo do Outro materno. A função paterna aparece aqui de forma velada no discurso da mãe, mas ainda não aparece como terceiro, como interdito dessa relação mãe-criança.

É a partir do segundo tempo do complexo que se pode falar precisamente do Édipo. Esse segundo tempo se caracteriza pela entrada do pai na relação dual como aquele que priva a mãe de ter a criança como seu objeto de desejo e priva a criança de ser o objeto que completa a mãe (LACAN, 1999/1957-1958). Se a função materna reconhece e dá entrada a esse terceiro, a criança se submete a Lei paterna e a partir daí dá-se a entrada ao terceiro tempo do Édipo onde a criança inicia um movimento em relação aos seus próprios desejos.

Mas qual seria o fundamento do complexo de Édipo? A entrada deste terceiro, operando como função paterna, realiza um corte na relação mãe-criança, operando a castração, o que possibilita que a criança possa advir como sujeito. Enquanto representante da função paterna, o pai realiza a interdição do primeiro objeto de satisfação que a criança possui - a mãe. Trata-se do fundamento do complexo de Édipo. A fim de que a criança não permaneça sempre tendo que se fazer como objeto da mãe, é imprescindível que o desejo materno seja interditado (MEXKO; GALHARDI, 2014).

O que para a pesquisa fez questão foi a entrada do pai que marca o segundo tempo do Édipo para Lacan, uma vez que o pai, como representante da Lei que interdita a mãe, precisa também ser mediado pelo discurso dela. O que se verificou que ocorreu nos casos das crianças com gagueira foi uma fragilidade na função paterna, não sustentada pelo discurso materno, ficando mãe e criança em uma relação quase que dualista, próxima da

exclusão da relação com esse terceiro. Decorre daí a necessidade da formação de um sintoma - no caso dessas crianças um sintoma de linguagem - como um apoio inconsciente para a saída do primeiro tempo do Édipo.

Disso, pode-se remeter a seguinte verbalização: “(...) *o o o João corto o pé de feijão pro **pro** gigante não subi e a mãe viveu rica para sempre e feliz para sempre. E o João deixou a mãe dele feliz*” (S1). O personagem do João representa o pequeno Édipo, que ao final da aventura, volta para casa, vitorioso, tendo vencido o gigante, para gozar os tesouros com a mãe, como os filhos crescidos que não trocam o colo da mamãe pelo amor que um homem poderia usufruir. Essa é uma cena difícil, pois a mãe, aos olhos do filho apaixonado, pode ser a mais atraente das mulheres, mas, aos olhos dela ele sempre será uma criança incompetente para a vida, que precisa de sua ajuda para comer e se vestir e, portanto, uma maneira de perpetuar-se na condição de filho (CORSO; CORSO, 2006).

Com isso, observou-se na brincadeira das crianças, uma certa prevalência da função materna sobre a função paterna, ou seja, uma relação que tende a não remeter a criança à falta, à castração. Tal fato foi possível de ser constatado em diferentes recortes de brincadeiras.

Um deles se refere a uma cena de narrativa com os fantoches de S2. O menino está desenvolvendo uma cena onde o príncipe está na floresta e é morto pelo Rei. O Rei então, passa a dominar o mundo com os seus três “androidizinhos” (possivelmente os três irmãos da criança). Entretanto, os “androidizinhos” matam o Rei. Então ele pega o fantoche da Rainha e diz:

*Chute duplo. Golpe na cara [de um dos três porquinhos]. Mais uma **luta** lutadora e caçadora e **rai** e rainha. O **no** nome verdadeiro é é é é... o **meu** nome, o meu nome é é é rainha do sangue. Eu mato todos e até... todos os dias. (...) Espera!*

[Pega o fantoche da bruxa] *A bruxa vai is is ispeta, ispeta! Ah...eu te matei!* [fala com a voz de bruxa espetando a rainha]. *Mas o meu nome é rainha do sangue e eu vo te mata até não sobra nada* [movimentando o fantoche da rainha]. (...) *Mas e aí, mas e daí, mas, mas e daí, mas a, ela morre sozinha, mas você sabe porque? Você, você, você sabe, ela mo..., ela morre, o que é isso? Tá saindo fumaça! É veneno! É veneno pra mim! Espera aí! A minha mãe foi morta! Não, espera! A mãe dessa. A a a a mãe da rainha foi morta (...) por causa da bruxa. Ela nasceu. Tinha, tinha cabelo, tinha espinhos no cabelo dela. Tinha espinhos... o mas espera aí, o mas, o mas, espinhos adormecentes, mas daí, mas daí, mas daí, espeto a rainha e ela foi morta para sempre. Mas pode viver!* [Pega a bruxa e “esmaga” a rainha dizendo “não vai não, não viver”]. *Agora acabou para você e acabou a história* [e pede para ir embora].

Outro recorte dessa presença marcante da função materna sobre a função paterna surge na seguinte cena: em uma brincadeira de S2 com o fantoche da Rainha e a estória *Chapeuzinho Vermelho* a criança verbaliza que a parte que menos gostou da estória foi “a parte que o lobo tá vestido de vovozinha.” A criança afirma não gostar do Lobo e diz que ele “era feio” e que não tinha medo dele.

Ainda, outro momento da mesma posição materna acontece em uma encenação de fantoches de S2. A criança estava, no momento, contando uma estória com os fantoches do Vovô e da Vovó.

*Ó, mas deixa eu vê, deixa eu vê, – o o o má pra que esses zóio de malvado vovô?* [perguntou a vovó] – *É pra te come, porque?* [respondeu o vovô] . – *Vou comer a tua alma!* [respondeu o vovô “comendo” a vovó]. – *Os seus óculos agora são meus, mais do que a chave da morte. (...). São o óculos da vovó porque, má*

*porque, má porque, má porque com esse óculos ela pode, ela pode, má ela pode mata o Rei. [Depois disso, o Rei é morto].*

Em uma situação dita normatizante, a criança vai se separando aos poucos da mãe e percebendo que ela não preencherá a falta materna, ou seja, não será objeto de desejo materno. Isso ocasionará na criança uma angústia, pois ela também se dá conta de que existe uma mãe que está em falta, uma mãe que deseja algo que precisa ser preenchido. Ao dar-se conta disso, sente-se ameaçada em se tornar cativa do desejo materno. A saída para essa conflitiva é a entrada da função paterna (EHRlich; DARRIBA, 2013) que, por um lado situará a criança na sua posição de sujeito desejante, e por outro lado, ofertará à mãe, os prazeres adultos que a farão “tomar uma distância” necessária da criança. Contudo, quando a função paterna surge fragilizada abre-se espaço para uma formação sintomática. Nesse sentido, pensa-se a gagueira enquanto um sintoma que se coloca como uma solução que a criança encontra para dar conta daquilo que se encontra problematizado - a sustentação da função paterna.

Nota-se então, por meio destes recortes a existência de uma relação que dificulta a criança se remeter à falta, à castração. A castração, entendida em seu sentido mais amplo é vista como uma proibição que se opõe a uma satisfação antes conhecida, e que precisa ser substituída. Ao longo do seu desenvolvimento a criança passa por diferentes proibições, que a levarão ao acesso da autonomia. É preciso, contudo, que essa castração também seja entendida e sustentada pela função materna por meio do discurso (DOLTO, 1992). Não é então, no mínimo intrigante notar que as disfluências apareceriam na mesma época do complexo de Édipo, principalmente, pelo seu corolário, a Castração? É uma solução, então, boa como qualquer outra. Como boa solução deve ser encarada como a solução do sujeito

(GOMES-KELLY, 2002). Tal fato implica em sustentar a gagueira como resultante do conflito psíquico organizado a partir da vivência edípica.

Assim, pode-se supor que as crianças desse estudo avançaram para o terceiro tempo do Édipo muito fragilizadas e, por isso, as dificuldades evidentes em sustentar-se como sujeitos desejantes para além da relação com a mãe. Disso, decorre a problematização da função paterna e o surgimento do sintoma de linguagem. Ali onde o pai fracassa e a mãe se faz onipotente, surge a gagueira.

### 3.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando a construção do estudo, que entende a gagueira como um sintoma estruturante, e que, portanto, diz do sujeito, é preciso supor na sua fala algo da ordem da dinâmica de um funcionamento singular da linguagem que irá conceber a condição de sujeito falante e não somente a situação daquele que falha. Se, como bem foi visto, a gagueira é um sintoma de linguagem, e assim, é marca do sujeito, ele não pode ser simplesmente corrigido. As manifestações sintomáticas, na concepção lacaniana, são significantes que se enlaçam em uma rede e que representam algo da história do sujeito. É preciso então, que esse sintoma de linguagem passe pela via da escuta e que se reconheça que ali onde há a falha, há também um sujeito. Logo, a gagueira entendida por essa via, possibilitará que o sujeito que gagueja possa entrar em contato com os bastidores do seu sintoma.

As manifestações sintomáticas das crianças são uma leitura de sua relação com o Outro. É preciso ler o sintoma da criança em sua relação com esse Outro. É assim que um sintoma de linguagem, especificamente a gagueira, pode representar a tentativa

inconsciente de criar uma falta, ali onde a demanda materna supõe ser a criança um objeto para sua completude, ou ainda, ser a simbolização da fragilização da função paterna. Ou seja, as manifestações sintomáticas da criança operam-se em uma dobradiça que, por um lado, revela impasses nessas operações, deixando a criança como objeto capturado na demanda materna e, por outro, uma tentativa de reinscrever-se com base em alguma distância que impeça seu devoramento como sujeito (PAVONE; ABRAÃO, 2014). Nesse sentido, pensa-se poder ter contribuído com a Fonoaudiologia uma vez que o estudo possibilita uma visão diferenciada da gagueira, instrumentalizando a clínica fonoaudiológica a mover um entendimento indissociado entre o sujeito e a linguagem.



### 3.7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. R. F. Protocolo para avaliação da fluência da fala. *Pró-Fono*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 131-134, set., 2000.

ANDRADE, C. R. F. Abordagem neurolinguística e motora da gagueira. In: FERREIRA, L. P.; BEFFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C. (Org.). *Tratado de fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 2004. p. 1001-1013.

ANDRADE, C. R. F.; BEFFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2. ed. São Paulo: *Pró-Fono*, 2004.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução n. 016, de 20 de dezembro 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Disponível em: <http://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao68.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em:

[http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf). Acesso em: 10 fev. 2017.

CORSO, D. L.; CORSO, M. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

EHRlich, A.; DARRIBA, V. A. “Medô Medo”: investigação sobre a fobia em Freud, Lacan e autores contemporâneos a partir de um caso clínico. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XVI, p. 59-76, abr., 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v16nspe/05.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2017.

GOMES-KELLY, R. E. de O. Fluir ou disfluir: eis a questão! Uma discussão sobre a gagueira e a psicanálise. *Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*, ano 4, out. 2002. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032002000400021&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032002000400021&script=sci_arttext). Acesso em: 12 abr. 2015.

GORETTI, A. C. dos S.; ALMEIDA, S. F. C de.; LEGNANI, V. N. A relação mãe-bebê na estimulação precoce: um olhar psicanalítico. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 414-435, set./dez., 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v19n3/a03v19n3.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2017.

LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos da psicanálise (1964)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MEXKO, S.; GALHARDI, C. M. Psicose infantil: revisão de literatura a partir da psicanálise lacaniana. *Psicologia e Argumento*, Curitiba, v. 32, n. 77, p. 137-144, abr./jun., 2014. Disponível em:  
<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=14626&dd99=view&dd98=pbf>. Acesso em: 4 abr. 2017.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

PARLATO-OLIVEIRA, E. Os prazeres do encontro com a linguagem. *Revista linguagem*, São Paulo, n. 1, p. 37-49, 2015.

PAVONE, S.; ABRÃO, L. de V. Quando um déficit ou doença orgânica bate à porta do imaginário parental: os efeitos na constituição subjetiva da criança. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 373-385, jun., 2014. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/15598/14651>. Acesso em: 4 abr. 2017.

SANTOS, F. C. W. dos; RADAELLI, J. Alienação e separação: impasses da relação mãe e filha. *Psicologia e Argumento*, v. 34, n. 87, p. 378-394, out./dez., 2016. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=16540&dd99=view&dd98=pbf>. Acesso em: 5 abr. 2017.

WITTKÉ-THOMPSON, J. K.; AMBROSE, N.; YAIRI, E.; ROE, C.; COOK, E. H.; OBER, C.; COX, N. J. Genetic studies of stuttering in a founder population. *Journal of Fluency Disorders*, v. 32, n. 1, p. 33-50, 2007. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2128723/>. Acesso em: 03 abr. 2015.

YAIRI, E.; AMBROSE, N. G. Early childhood stuttering I: persistency and recovery rates. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 42, n. 5, p. 1097-1112, oct., 1999. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10515508>. Acesso em: 28 mai. 2017.

YAIRI, E.; AMBROSE, N. G. *Early childhood stuttering: for clinicians by clinicians*. Austin: Pro-Ed, 2005.

## **4 ARTIGO DE PESQUISA 3 - AS FUNÇÕES PARENTAIS E A CRIANÇA E SUAS IMPLICAÇÕES NA GAGUEIRA**

### **4.1 RESUMO**

A Psicanálise propõe que as funções parentais tomam um lugar primordial na constituição psíquica da criança e na formação de seus sintomas. Nesse sentido, os sintomas que se manifestam pela via discursiva, como a gagueira, poderiam ser uma resposta da criança ao lugar que ela ocupa na fantasmática parental. O objetivo do estudo foi explorar a dinâmica entre as funções parentais e as crianças que gaguejam no intuito de entender a significação da gagueira. Utilizou-se uma metodologia qualitativa, a partir da análise de conteúdo. Para tanto participaram da pesquisa 3 crianças com gagueira e seus pais. Na coleta dos dados utilizaram-se filmagens da interação da criança com seus pais que foram analisados e generalizados em categorias temáticas. Os resultados apontaram a existência de uma articulação entre a gagueira da criança e o discurso parental.

**Palavras-chave:** Psicanálise, gagueira, criança.

## 4.2 ABSTRACT

### **THE FUNCTIONS AND THE CHILD AND THEIR IMPLICATIONS IN THE STUTTERING**

The psychoanalysis proposes that the parental functions occupy a primordial place in the psychic constitution of the child and in the formation of its symptoms. In this sense, the symptoms that manifest through the discursive way, like stuttering, could be a response of the child to the place that it occupies in the ghostly parental. The aimed of the study was explore the dynamics between the parental functions and the child of stuttering in order to understand the meaning of the stuttering. A qualitative methodology was used, based on content analysis. Therefore, participated in the study 3 stuttering children and their parentes. In the data collection, filming was use of the child's interaction with her parentes that went and generalized in thematic categories. The results pointed out the existence of a connection between the child's stuttering and the parental discourse.

**Keywords:** Psychoanalysis, stuttering, child.

#### 4.3 RESUMEN

### **LAS FUNCIONES DE LOS PADRES Y EL NIÑO Y SUS IMPLICACIONES EN TARTAMUDEO**

El psicoanálisis propone que las funciones parentales tengan un lugar primordial en la constitución psíquica del niño y en la formación de sus síntomas. En este sentido, los síntomas discursivos, como la tartamudez, podrían ser la respuesta de un niño al lugar que ocupa en el fantasma de los padres. El objetivo del estudio fue explorar la dinámica entre las funciones de los padres y los niños que tartamudean para comprender el significado de la tartamudez. Se utilizó una metodología cualitativa basada en el análisis de contenido. Para esto, 3 niños con tartamudeo y sus padres participaron en la investigación. En la recopilación de datos se utilizaron imágenes de la interacción del niño con sus padres que se analizaron y generalizaron en categorías temáticas. Los resultados apuntaron a la existencia de una articulación entre el tartamudeo del niño y el discurso de los padres.

**Palabras claves:** Psicoanálisis, tartamudeo, niño.

#### 4.4 INTRODUÇÃO

Pensar a linguagem nos preceitos da Psicanálise, implica em um percurso que é singular e ao mesmo tempo universal, que necessita ser atravessado e que se inicia antes mesmo do nascimento biológico de uma criança. Além disso, envolve um processo relacionado às operações psíquicas de alienação e separação que darão possibilidade da instauração do simbólico, colocando a criança no campo da linguagem, surgindo a possibilidade da construção de um lugar no discurso parental (Azevedo, & Nicolau, 2017).

Visto por esse ângulo, as funções parentais e a linguagem tomam um lugar primordial na constituição psíquica da criança e na formação de seus sintomas (Passone, 2016). Ao nascer, a criança não está pronta ou acabada. Ela nasce prematura, tanto do ponto de vista físico quanto psíquico o que a coloca em uma posição de dependência de um outro semelhante (Ferreira, & Batista, 2017) que possa lhe assegurar os cuidados, tanto físicos quanto psíquicos. Essa posição é assumida, primeiramente, pelo grande Outro - função materna - que atribui significações às manifestações da pequena criança (gritos, choros, etc.), inserindo-a no campo da linguagem. Mas para que a criança se torne um ser falante, é preciso que ela incorpore esse campo no linguagem da qual foi inserida. O caminho que faz a criança adentrar no reino das palavras é, segundo a Psicanálise, o processo de constituição do sujeito (Ferreira, & Batista, 2017).

O processo de constituição subjetiva dará possibilidade ao sujeito de inserção no campo da linguagem. Isso acontece a partir de duas operações psíquicas, a alienação e a separação, ambas construídas a partir da relação do sujeito com o Outro (Lacan, 1964/1998).



No primeiro momento - da alienação - a criança se toma pela falta da mãe, se alojando nas suposições de sentido que a mãe atribui às manifestações da criança. Assim, ela ocupa temporariamente o lugar de objeto de desejo materno, participando do campo da linguagem e, portanto, imerso nela (Ferreira, & Batista, 2017).

A segunda operação constitutiva do sujeito - a separação - é aquela que vai permitir a criança se separar do Outro materno. É o tempo da entrada em cena da função paterna, da constituição do terceiro separador, que institui a Lei e permite a criança começar seus ensaios de uma vida autônoma (Ferreira, & Batista, 2017). Tal função interdita a mãe de manter a criança como seu objeto de desejo e interdita a criança de permanecer justamente neste lugar.

Dessa maneira, as operações de alienação e separação definem a constituição subjetiva como um processo psíquico sutil e precoce que possibilitará o advento de um sujeito desejante, isto é, de um ser falante. É neste processo que o sujeito tem acesso à fala. Para a Psicanálise a fala não é um ato de fonação, ela é um ato de sujeito, pois falar significa suportar o vazio e se distanciar psiquicamente do Outro (Ferreira, & Batista, 2017). Falar significa não estar mais em simbiose, em completude com o Outro, e então, submeter-se a Lei da função paterna, dar-se conta de que está em falta e assumir o seu próprio desejo.

O que ocorre é que em algumas crianças, algo se problematiza no percurso da passagem da alienação à separação, de tal forma que o Outro mantém uma atribuição de saber que dificulta a criança ser protagonista de sua própria vida, sendo difícil se posicionar diante desse Outro e sustentar o seu próprio desejo. Nesse sentido, a função materna insiste em manter a criança em uma dependência em relação a ela, fragilizando o discurso paterno e também a autonomia psíquica da criança. Assim, a relação mãe-criança fica comprometida, uma vez que há uma dificuldade da criança em sair dessa posição dualista.

Para que não fique presa nas armadilhas do desejo materno, a criança precisa encontrar saídas, podendo “construir” um sintoma, evidenciando-se um modo particular de se organizar na linguagem. Este, por sua vez, é compreendido como uma resposta de defesa à alienação, preservando a condição subjetiva da criança e um apelo de convocação da função paterna. Aqui encontram-se as falas sintomáticas, como por exemplo, a gagueira, que pode ser entendida como uma resposta da criança à posição que ela ocupa no discurso e na dinâmica parental.

É a partir de como a dinâmica familiar se estabelece em suas diversas nuances e acontecimentos, que farão efeito na criança, sobretudo em seu processo de constituição e na formação de seus sintomas. Dessa forma, é por meio do trabalho de escuta desta dinâmica que será possível entender a posição que cada um ocupa e como cada um se posiciona frente ao outro. É por meio desta escuta, que se significará o sintoma da criança uma vez que este emerge como algo que precisa ser decifrado.

Se o sintoma é uma defesa do sujeito e um enigma a ser decifrado, e se este faz uso da palavra como seu veículo por excelência, não haveria algo peculiar a ser escutado na gagueira, especialmente na relação entre a tríade - mãe, pai e criança? É então, a partir dessa perspectiva, que delinea-se o objetivo do estudo: explorar a dinâmica entre as funções parentais e as crianças que gaguejam para que seja possível entender a significação da gagueira.

## 4.5 MÉTODO

### 4.5.1 Delineamento do estudo

O estudo possui um caráter exploratório e uma abordagem qualitativa. Tal delineamento justifica-se na medida em que o estudo trabalhou com questões psíquicas que não poderiam ser quantificadas. A pesquisa qualitativa, por sua vez, é a forma mais adequada de se trabalhar com fatos da realidade que não podem ou não deveriam ser quantificados, como por exemplo, as motivações, as aspirações, as crenças, os valores e atitudes (Minayo, 2014).

#### **4.5.2 Participantes**

Foram participantes do estudo 3 crianças diagnosticadas com gagueira, uma menina (identificada como S1) e dois meninos (identificados como S2 e S3) com idades entre 2 e 8 anos - período de ocorrência da referida patologia da fala (Andrade, 2004) e os pais dessas crianças.

Quanto às crianças, S1, com idade de 7 anos e 11 meses, estava no terceiro ano do ensino fundamental, não tinha irmãos, estava em atendimento fonoaudiológico por aproximadamente dois anos e nunca havia realizado atendimento psicológico. S2 tinha 8 anos e 11 meses, estava no terceiro ano do ensino fundamental, tinha três irmãos (um deles gêmeo e outra irmã mais velha cuja idade não foi informada), estava em atendimento fonoaudiológico por aproximadamente dois anos e nunca havia realizado atendimento psicológico. S3, com idade de 4 anos e 10 meses, estava no pré B, não tinha irmãos, no momento não estava em atendimento fonoaudiológico, mas esteve em atendimento por aproximadamente um ano em momento anterior a sua participação na pesquisa e nunca havia realizado atendimento psicológico.

Quanto aos pais (pai e mãe), todos eles conviviam com os filhos. As mães tinham em média 37 anos e os pais 36 anos e todos trabalham. O pai de S1 operador de máquina e a mãe vendedora. O pai e a mãe de S2 eram professores. O pai de S3 era instrutor de trânsito e a mãe fonoaudióloga.

#### **4.5.3 Considerações éticas**

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, alguns preceitos éticos foram considerados. Primeiramente, em relação à realização da pesquisa, essa somente ocorreu após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino Superior onde a pesquisa foi desenvolvida (aprovação em 19 de abril de 2016, sob o número 54654116.4.0000.5346).

Após leitura e esclarecimento de eventuais dúvidas, os pais das crianças assinaram o TCLE de forma a consentirem com a sua participação e com a participação da criança na pesquisa. Além disso, consentiram com a publicação científica dos resultados, conforme Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Também houve o consentimento oral por parte das crianças.

A pesquisa incluiu também, os princípios éticos do Conselho Federal de Psicologia (CFP) apontados na resolução n. 016/2000 que dispõe questões sobre a proteção dos direitos, dignidade e bem-estar dos sujeitos envolvidos em pesquisas. Como garantia do caráter sigiloso da identidade dos participantes, as falas foram identificadas pelas letras P (Pai) e M (Mãe) que correspondem aos interlocutores da criança e S (Sujeito/Criança) seguidos de um número que representa a ordem da realização das filmagens das interações entre a criança e seus interlocutores.

#### **4.5.4 Procedimentos de seleção dos sujeitos**

A seleção dos participantes do estudo - crianças e seus pais - foi realizada por meio da Lista de Espera por Atendimento e da Pasta de Registros do paciente em atendimento de um Serviço de Atendimento Fonoaudiológico de uma instituição de ensino superior pública de uma cidade localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul.

Tanto na Lista de Espera como na Pasta de Registros do paciente, encontram-se informações gerais sobre a identificação do paciente, informações a respeito da queixa inicial, questões sobre o desenvolvimento geral e de linguagem da criança, além de outros aspectos. Especificamente sobre a Lista de Espera, que é proveniente do Acolhimento do referido Serviço, encontra-se uma triagem, realizada por discentes do 7º semestre do curso de Fonoaudiologia supervisionados por um professor. Esta entrevista contempla as questões já citadas e, além disso, o resultado das avaliações realizadas pertinentes ao caso e encaminhamentos necessários (terapia e orientações). Na Pasta de Registros do paciente, além das questões anteriormente citadas, encontram-se informações sobre as avaliações e a terapia que está sendo realizada com a criança, bem como encaminhamentos realizados, além de outros aspectos.

Especificamente, em relação aos casos de crianças com gagueira, o diagnóstico é realizado através uma avaliação de fluência que geralmente, é baseada no teste de linguagem infantil ABFW (Andrade, Beffi-lobes, Fernandes, & Wertzner, 2004). A caracterização da gagueira é obtida a partir da presença de ao menos de 3% de disfluências típicas da gagueira (chamadas de disfluências gagas) na avaliação específica da fala espontânea, podendo ou não apresentar concomitantes físicos (como evitar contato ocular, movimentos faciais, de cabeças ou membros e sons dispersivos) e 10% de disfluências

comuns (conhecidas como disfluências presentes durante a fala de um falante fluente) (Andrade, 2000; Yairi, & Ambrose, 1999). Além de serem diagnosticadas com gagueira, para serem incluídas na pesquisa, as crianças (de ambos os sexos), não poderiam apresentar perda auditiva, outras alterações de comunicação associada (como atraso/distúrbio de linguagem, desvio fonológico), quadro sindrômico ou outros distúrbios neurológicos associados.

Durante o período de coleta (primeiro semestre do ano de 2016 até o primeiro semestre do ano de 2018) foram feitos contatos com os pais de cinco crianças, além dos três que fazem parte na amostra. Uma das crianças não apresentava mais a gagueira. Dentre as outras quatro, em três casos as mães não apresentaram interesse em participar da pesquisa. Os pais destas crianças também foram contatados, mas verbalizaram que a participação dependeria da mãe da criança. E uma marcou várias vezes o horário e não compareceu à entrevista.

Após a seleção dos casos os seus pais foram contatados por telefone pela pesquisadora a partir dos dados dispostos na Lista de Espera por Atendimento e na Pasta de Registros deste Serviço e convidados a participarem do estudo para que assim, pudessem ser realizadas as filmagens entre a criança e seus pais.

#### **4.5.5 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados**

Os dados foram coletados através de uma cena de interação da criança com seus pais, com a produção de uma brincadeira livre tendo como instrumento o brinquedo da casinha. No brinquedo da casinha havia a mobília pertencente a uma casa, bonecos (pai,

mãe, filho, filha, bebê, avó e avô) e alguns utensílios domésticos (panelas, pratos, copos, vassoura, etc.).

As cenas ocorreram da seguinte maneira: (1) dez minutos de brincadeira livre com brinquedo da casinha entre a criança e a mãe; (2) dez minutos de brincadeira livre com brinquedo da casinha entre a criança e o pai e (3) dez minutos de brincadeira livre com brinquedo da casinha entre a criança, a mãe e o pai.

As cenas ocorreram nas salas da instituição de ensino superior em questão, sem a presença da pesquisadora durante a filmagem em encontros únicos e individuais (díades e tríades). As mesmas foram filmadas com uma câmera digital para, posteriormente, serem transcritas ortograficamente e analisadas.

#### **4.5.6 Análise dos dados**

Para a análise dos dados obtidos utilizou-se a análise temática de conteúdo (Minayo, 2014) e o aporte conceitual da teoria psicanalítica. Tal análise acontece em três momentos: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação destes. Logo, procedeu-se da seguinte forma: realização da escuta e transcrição ortográfica das cenas que foram filmadas (interação entre a criança e seus interlocutores) para que fosse possível a análise desse material. A partir dessa análise, os dados foram comparados surgindo duas categorias e a partir disso, foi possível interpretar os dados de acordo com o embasamento teórico do estudo - a teoria psicanalítica.

Na análise das questões provenientes dessas interações, três pontos foram observados pela pesquisadora em cada uma das cenas: (1) a interação entre o interlocutor e a criança (2) o comportamento do interlocutor em relação à fala da criança (permissão,

inibição, angústia, entre outros) e (3) o comportamento entre a tríade (este observado apenas na cena de interação da tríade).

#### 4.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta e análise dos dados provenientes das filmagens da interação entre a criança com gagueira e seus pais, notou-se que as situações que revelaram a gagueira nos casos estudados foram aquelas em que, diante do seu interlocutor, a criança precisou se posicionar enquanto sujeito, se expressar em nome próprio e, portanto, sustentar seu desejo. Ao ser convocada pela demanda do interlocutor a assumir seu desejo, observou-se que a gagueira foi desencadeada e/ou acentuada.

Os dados obtidos parecem evidenciar uma problemática em relação à travessia da alienação à separação (observadas especificamente nas interações onde a mãe se fez presente) e da entrada do pai, o pai privador, que marca o segundo tempo do Édipo, fazendo com que a criança avance para o terceiro tempo muito fragilizada (observadas nas interações onde o pai se fez presente), o que será discutido mais adiante. Assim, entende-se que a gagueira seria uma manifestação sintomática que surgiria justamente ali onde a função paterna se problematizou. A fala sintomática seria uma forma de preservar a posição subjetiva da criança, uma vez que esta precisa se separar da mãe e assumir seu próprio desejo.

Os dados das diferentes interações foram agrupados em uma categoria. Faz-se relevante informar que, embora a análise dos dados foi realizada a partir de pontos de observação (já citados), o resultado dos mesmos não será apresentado nesta divisão. Tal posicionamento justifica-se pois as análises dos diferentes pontos se completam entre si, de



forma que apresentar os dados de modo fragmentado, também fragmentaria a construção aqui proposta.

#### **4.6.1 A influência das funções parentais na construção da fala sintomática (gagueira) na criança**

A maneira como a criança se posiciona enquanto sujeito e manifesta seus sintomas decorre da posição simbólica que ela ocupa no desejo e no discurso parental, pois responderá da posição desse lugar (Passone, 2016). Nesse sentido, a partir dos preceitos lacanianos, sabe-se que essa posição da criança em relação ao discurso do Outro é construída a partir das operações de “causação de sujeito” - a alienação e a separação (Lacan, 1964/1998). As duas operações, ao mesmo tempo em que cifram a impossibilidade da criança de se manter no lugar de objeto de desejo materno, precipitam a operação de cissura e separação em relação ao Outro materno (Passone, 2016).

É a operação de separação que possibilitará o surgimento do sujeito, permitindo que ele saia da alienação ao Outro materno, que se separe, e que se depare com seu próprio desejo (Matsuo, & Carreira, 2015). Quando esse processo de separação encontra alguma dificuldade de se instaurar, surge um sintoma que pode ser compreendido como uma forma de defesa frente à uma posição subjetiva, contra permanecer na alienação. Isso parece justificar um dos motivos pelo qual, em comparação com as outras interações, a gagueira se apresentou muito mais frequente na interação com a mãe, intensificando-se nas situações em que a criança precisava, de alguma maneira, se expressar em nome próprio e sustentar o seu desejo. Sempre que a criança era convocada a assumir seu desejo, fosse por meio de uma indagação materna ou da colocação de um desejo da criança, a fala sintomática foi disparada intensamente.

Nesse sentido, alguns recortes das interações permitem demonstrar o que foi apontado anteriormente. O primeiro recorte se refere a uma cena entre a mãe e a criança S1. A criança está implicada em uma brincadeira onde prepara uma comida, e então, questiona a mãe: – **Mã, mã, mãe, eu po po po posso ficar com mais um, mais um pratinho pra daí, tipo assim, se eu quise colocar as coisas?** A mãe responde que sim e ambas seguem na brincadeira. Então, a mãe questiona: – *Tu vai lavá a loça?* – *Vo!* Responde a criança. E segue: – *Deu! Amanhã, depois, a a amanhã é tu tá?*

O segundo recorte se refere à interação entre a mãe e a criança S2. Logo no início da brincadeira a mãe questiona a criança: – *Tá...e me diz uma coisa meu amor...do que que...do que que tu acha...do que que nós podemos brincar? Uhum? Dá uma sugestão pra mamãe, pra nós brinca!* E a criança responde: – *Uhum... ó mais, mais, mais ó, mais mais mais a gente pode rastelá, né mãe!* A mãe responde que sim e a brincadeira segue. A criança resolve então, organizar os móveis na casinha: – *Um um guarda ropa né? E onde onde coloca o guarda ropa?* A mãe olha para a casinha e responde: – *Pois é, também não sei. Será que cabe esse guarda ropa aí?* (apontando para um cômodo da casa). A criança responde: – *Dexa eu vê se ca cabe! Ó dexa eu vê ó...mas ó ó o sofá.* Dando continuidade a brincadeira a mãe decide propor a criança uma brincadeira de piquenique com a família de bonecos: – *Que que tu acha de nós faze um piquenique com essa família toda reunida aqui? Uhum?* Ao responder a criança gagueja muito: – **Ma ma ma ma mas em em casa não né?** – *Não...piquenique é sempre fora de casa!* Responde a mãe.

É da interação entre a mãe e a criança S3 que é proveniente o último recorte. A criança pega um móvel da casinha e questiona: – **Ma manhê, e e esse aqui o que é?** A mãe responde que um fogão. – *Manhê, manhê, a a aqui bo botei o fogão!* Os dois seguem organizando a casinha e a mãe coloca a cama de casal no quarto. A criança então fala: – *Já*

*sei! Que nem a nossa cama! Agora dexa um espacinho aqui* (empurra a cama de casal para o lado) *que e e e eu vo bota o bebê do lado.* – *Tá!* Respondeu a mãe. – *De deu!* Fala a criança.

Notou-se que ali onde a fala sintomática surgiu, houve uma tentativa de separação que a criança lançou, buscando desvencilhar-se do desejo do Outro, observando-se assim, a emergência de um sujeito (Matsuo, & Carreira, 2015). Logo, o sintoma da criança surge como uma tentativa ou necessidade de separar-se desse Outro, e deixar o lugar de objeto de desejo materno. Assim, a formação do sintoma ocorreu como uma maneira de proteção e de resistência em relação a alienação materna (Leitão, & Cacciari, 2017).

Neste percurso se faz importante também, uma situação trazida pela criança S3 em interação com sua mãe, que articula os impasses alojados na operação de separação. Mãe e criança estão organizando os móveis na casinha e identificando os bonequinhos. A mãe pega o bonequinho bebê e pergunta à criança: – *Olha! É tu?* A criança responde que não e pega uma bonequinha e diz: – *Essa daqui é minha irmãzinha que eu vo tê!* Olha para mãe e diz: – *E nem vem com essa história de que eu não vo te irmãzinha!* Além disso, em outros momentos, o bebê vira a segunda irmãzinha da criança. Nesse sentido, parece que desejar uma irmãzinha é colaborar para dificultar uma possível relação fusional e de assujeitamento com a mãe, uma vez que ela asseguraria uma diferenciação (Fanti, & Saboai, 2018).

Outros momentos referentes às tentativas de separação foram construídos por meio de representações e brincadeiras de alternância. Tais brincadeiras possuem uma função de constituição uma vez que dão a possibilidade para a criança de sair da posição de objeto de desejo materno e assumir a posição de sujeito (confrontando-se com o seu próprio desejo). A maior parte da brincadeira nas interações entre a criança S3 na interação com a mãe e o pai, foi desenvolvida com os bonequinhos pai, mãe e filho em um jogo de esconde-esconde.

Pai e mãe encontravam o filho, o filho encontrava o pai mas a mãe se mantinha escondida e nunca era encontrada (inclusive, a finalização da brincadeira na interação com a tríade termina com a mãe ficando escondida).

A brincadeira de “fazer comida” também foi representante desse jogo de alternância. A mãe no seu dia a dia precisa renunciar a sua ilusão de completude e se deparar com sua falta, para que o filho se descubra diferente dela (Henriques, Falbo, Sampaio, Fonte da, & Krause, 2015). O ato de alimentar é a possibilidade de preencher essa falta por parte da mãe, mas também a possibilidade do lugar de desejo da criança na recusa do alimento.

Nesse sentido, nota-se por parte das crianças S2 e S3, uma marcante busca pela diferenciação caracterizada justamente pelo “não”, pela recusa em fazer o alimento para a mãe (caso da criança S2) e pela recusa em aceitar o alimento ofertado pela mãe (caso da criança S3) nas brincadeiras de “fazer comida”. S2 se depara com os pedidos incessantes da mãe para que ele a alimentasse: – *Eu queria um papá, um papá que o Mateus (nome fictício) fizesse pra mamãe! Heim Mateus? Fizesse uma comida pra mãe come no... no fogão. Heim?* A criança não responde e finge não escutar. Segue brincado e diante de mais um pedido da mãe, a criança faz uma sopa de lama, que não agrada ao “paladar” da mãe e depois uma sopa de cenoura que muito a agrada. Quanto a criança S3, enquanto a mãe brinca de cozinhar ela diz para a criança: – *Sabe o que a mãe fez pra ti...* (faz uma pausa longa) *e pro pai? Strogonoff!* A criança responde: – *Eca! Mentira, mentira, adorei!* Nesse sentido, as situações parecem demonstrar o esforço destas crianças em se separar do desejo materno e se manter enquanto sujeito, pois não recusar aquilo que a mãe oferece, poderia retê-las na alienação.

A alternância em presenças e ausências, esconde e aparece, não satisfaz e satisfaz coloca a mãe em uma posição faltante, e a criança em uma posição daquela que não mais retém a mãe. Age nessa operação também a função paterna que, ao introduzir a alteridade, baliza o laço mãe-criança. Juntamente a essa função há a introdução da interdição, implicando a renúncia por parte da criança de algumas satisfações e, assim, o reconhecimento da diferença e a constituição de um sujeito separado da mãe (Wiles, & Ferrari, 2015).

A respeito da função paterna nos sujeitos desse estudo, parece que a problemática está situada na questão da metáfora paterna e no papel do pai real, e portanto, na passagem do segundo ao terceiro tempo do Édipo. Entretanto, é preciso antes de tudo situar os desdobramentos propostos por Lacan em relação aos tempos do complexo de Édipo nos quais intervém a função paterna.

De acordo com Lacan (1957-1958/1999) o Édipo se dá em três tempos. O primeiro tempo caracteriza-se como uma relação dual entre mãe e criança, onde a problemática que se coloca para a criança é de poder vir a ocupar o lugar de objeto de desejo da mãe. O segundo tem como característica a inserção do pai na relação e o advento do simbólico (momento este em que a criança começa a falar). O pai intervém como agente privador, interditor da mãe. É por meio da palavra, enquanto diz não, que ele dá suporte à Lei. No entanto, isso precisa ser mediado pela mãe que se faz portadora da palavra do pai (Laznik, 2014). O terceiro tempo, de acordo com Lacan, é marcado pela identificação da criança com o pai, pois ele é um portador “potente” que pode satisfazer a mãe. É então, no terceiro tempo que há a introdução do pai real, aquele que se faz “potente” e que satisfaz a mãe.

Nas interações familiares verificou-se um importante ponto de impasse em relação à função paterna. Este, diante da tirania do desejo materno, não intervém eficazmente como

promoção da Lei. Para que a função paterna se efetive, torna-se necessário que a mãe reconheça a palavra do pai e conceba lugar para que este possa exercer sua função e se promova enquanto Lei (HENRIQUES et al., 2015). Entretanto, o que se verificou em algumas cenas, foi que a palavra do pai não foi sustentada pela mãe, mas para além disso, observou-se também uma passividade proveniente da função paterna diante das demandas maternas. Isso conduz a pensar em uma certa carência do pai real.

Nesse sentido, remete-se a uma cena de interação entre a criança S1 e seus pais. A criança coloca todos os personagens sentados para escutar uma estória que ela mesma contaria. Pai e mãe param de brincar para escutar a estória. A criança olha para o pai e ordena: – *Vai! Faz a janta!* O pai responde: – *Tô fazendo!* (e retoma a brincadeira de fazer o jantar). – *Então vai!* Disse a criança. A mãe sorri. Logo em seguida a criança começa a contar a história: – *A Branca de Neve. A Branca de Neve, ela viu a vovozinha bem triste* (nesse momento ela ri) *daí, depois, a vovozinha, ela teve uns dentão que era o lobo mau* (neste momento pai e filha se olham e sorriem). – *É o pai?* Pergunta a criança para o pai. Ele responde rindo: – *Não é não!* E volta a “cozinhar”. A criança continua contando a estória olhando para o pai – *Daí, daí no no o lobo mau na na era bem gordão* (pai e filha se olham e sorriem), *daí daí ele teve uns dentes, daí...* Nesse momento a criança interrompe a contação da estória e diz: – *Paie, pai, tu tu tá no fogão errado!* (a mãe começa a rir). Muito irritada a criança toma o fogão do pai e diz: – *Tá virado tchê!* (a mãe ri muito). *É assim o fogão!* (a criança arruma o posicionamento do fogão). *Entendendo tudo errado!* Diante dessa situação o pai escuta a criança e apenas diz: *Tá bom assim, tá bom! Deu! Tá termina a história!* A criança continua “reprendendo” o pai. Olhando para as panelas no fogão ela diz: – *Dois junto ó! Pra que dois junto?* O pai tira uma das panelas no fogão, a criança se irrita, olha para a mãe como forma de aprovação da sua atitude para com o pai, ao que a

mãe responde com um olhar de reprovação para a o marido. A criança continua contando a sua história. O pai diz: – *Tá pronto já!* A criança ignora a fala do pai e continua: – *Daí daí é o fim da história.* A mãe diz: – *Então vamos jantar que tá pronta a janta.* A criança diz: – *Tá, entendi, é o fim da história, e foram felizes para...* O pai oferece uma panela de comida para a criança comer e a criança olha irritada para o pai e diz: – *Arruma a mesa cara!* (encarando o pai que desvia o olhar da criança).

Aqui vale uma observação em relação à convocação do lobo na estória da criança. O lobo aparece aqui como um disfarce do pai, como uma substituição da devoração materna que é sem saída e inegociável pela “mordida” do pai, que pode ser negociável. Nesse sentido, parece que é quanto ao perigo de ser engolido e tomado pelo desejo da mãe que a estória com o lobo vem trazer uma possibilidade de substituição metafórica.

Em outro recorte de uma cena entre a tríade - pai, mãe e criança S2 - a mãe insistindo que quer uma comida feita pela criança afirma que a criança não sabe onde está o fogão. Nesse momento o pai ri e diz: – *Eu também não!* A mãe então diz: – *É, mas vocês não sabem olha! Não sabem nem o que que é geladeira vocês dois!* (o pai apenas ri). A brincadeira segue. O pai aponta para um móvel e pergunta se é um guarda-roupas. A mãe pega o móvel, olha e diz: – *O pai... olha Mateus, o pai não olha direito! Tu viu! Diz pro pai o que que é isso aqui.* (O pai se mantém passivo e apenas ri). A criança responde: – *ahunm um um guarda-ropa.* A mãe faz uma cara de desprezo e a criança diz: – *não não não sei!* A mãe então fala: – *Hunm? Que será isso aqui? Não parece um guarda-ropa! Que que tu acha que é? Não troxe os óculos né!* A criança responde: – *É um arma ó mais é o mais é um armário.* A mãe responde que não é um armário e pergunta novamente o que é. A criança responde que é um guarda-roupas. A mãe diz que não é nem um armário e nem um guarda-roupas.

Em uma cena de interação entre a criança S3 e seus pais, a criança pega o bonequinho que representa o filho e diz que está com sono e que quer dormir. Então pega o bonequinho coloca ele na cama. A mãe, com o boneco que representa a mãe, diz que também tá com sono e que vai dormir junto com ele. A criança responde que não dá porque não tem mais espaço na cama. Mesmo assim, a mãe coloca o boneco mãe a dormir na cama com o filho. Nesse momento o pai interfere e chama a criança para jogar bola. A mãe diz que logo depois do almoço não dá para jogar bola. Então, a criança pega o bonequinho filho e “se joga da casa” convidando o pai para ir brincar de se esconder. Eles começam a brincar de se esconder e a mãe diz que vai brincar junto.

Tais recortes deixam claro a passividade paterna e a “potência” materna. Tais mães tornaram-se potencialmente capazes de criar obstáculos à resolução do processo alienação-separação. Elas atribuem aos filhos significantes que dizem respeito a elas próprias, aos seus próprios desejos, e, em muitas situações desconsideraram o desejo dos filhos e da função paterna. Os filhos, por sua vez, parecem se identificar com os significantes das mães e se organizar psiquicamente de acordo com o desejo delas. Além disso, embora em algumas situações a função paterna tentasse, de alguma maneira interditar e fazer obstáculo à relação dual entre mãe e filho, sua palavra não foi suficiente para estabelecer autoridade e evitar a sua passividade e conivência com a onipotência do desejo materno. Então, a questão que fica para esse momento é: será que esse pai, suporte da Lei, esse pai interditor pode bastar, se sustentar, mediado apenas pelo discurso da mãe? Será que para operar como função paterna e sustentar esse interdito, não há a necessidade de veicular alguma coisa do desejo desse que o suporta?

De acordo com as ideias de Lacan, a função materna aporta a condição necessária mas não suficiente para que a função paterna se faça interdito e, “[...] no melhor dos casos,



a mãe se faz de bom grado a porta-voz de tal interdito” (Laznik, 2014, p. 152). Porém, se isso não é suficiente para introduzir o sujeito na dimensão do Nome-do-Pai, se poderia crer que é porque convém acrescentar a esta dimensão da interdição justamente este terceiro tempo, o tempo da instauração do pai “potente” que pode satisfazer a mãe, o pai real. Nesse sentido, para satisfazer a mãe, é preciso que a real interdição pela função paterna seja efetuada, acima de tudo, à mãe. O pai seria então o responsável por fazer operar a função que estabelece uma barreira às intrusões maternas em direção à criança. É somente a partir desta barreira que a experiência de vazio, de falta poderia ser vivenciada pela criança, possibilitando-lhe a constituição como um sujeito diferenciado da mãe e, portanto, desejante. Contudo, como um pai que “*só presta pra dormi*” (P1) e que “*só fica olhando*” que “*não qué fazê nada*” e que “*sobe em cima da geladeira*” (P1) se colocaria enquanto interdição? Como ele sendo “*artero*” e “*engraçado*” (P1) poderia privar a mãe de manter a criança como objeto de desejo e fisgar o desejo dela?

É justamente essa a questão que se coloca como impasse nas crianças com gagueira. A função paterna nas crianças que participaram do estudo se encontra fragilizada, e portanto, com dificuldades de deter o desejo da mãe. Tal fragilidade resultaria então, na invasão da mãe, colocando obstáculos na operação de separação. De forma muito ilustrativa, remete-se a uma cena da brincadeira de jogar futebol entre o pai e a criança S3 onde a mãe se faz empecilho. O pai pega o boneco que representa o pai e começa a chutar um objeto que na brincadeira era uma bola. No meio do “campo de futebol” estavam os bonecos mãe, vó, vô e menina (que representava a maninha que S3 queria ter). O boneco pai chuta a bola e ela esbarra no boneco que representava a mãe. Então, a criança diz: – *Vo tira isso daqui que atrabalha* (retira todos os bonecos, mãe, vó, vô e a menina fica). O pai

responde: – *Mas eles são obstáculos, deixa aí!* A criança concorda e coloca os bonecos mãe, vó e vô de volta.

Assim, ao que parece é que essas crianças são elas mesmas as responsáveis pela instauração da falta, do vazio, quando trazem à tona uma fala sintomática. É no sintoma que abrem um vácuo para que possam se inserir como sujeito naquilo que lhes possibilita desejar e, por conseguinte, que a possibilita ser. Há uma escolha do sujeito que precisa ser feita, e que parece ter sido feita por estas crianças.

#### 4.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a criança seja tomada como ativa no seu processo de constituição e na formação de seus sintomas, é a dinâmica familiar que se constitui como elemento decisivo na construção dos seus sintomas, de forma que, muitas vezes, ela se faz depositária e portavoz dos sintomas familiares. Nesse sentido, pensar a gagueira a partir dos preceitos psicanalíticos é entendê-la como um sintoma que precisa ser articulado ao campo do Outro e da função paterna e por isso não é algo que deve ser eliminado para o bem do sujeito, mas um funcionamento que precisa ser escutado.

Considerando tal perspectiva para esta pesquisa, por meio da escuta do sintoma das crianças e do lugar que elas ocupavam no desejo parental, abriram-se caminhos para compreender as implicações na fala sintomática das crianças, advindas tanto do desejo materno como do discurso paterno. Foi possível perceber nos casos estudados, a repetição de certo “funcionamento” das funções parentais: o vínculo estabelecido entre a dupla mãe e criança foi marcado por uma mútua dependência e uma dificuldade que causou impasses na separação; além disso, a função paterna tão necessária para a separação também se

encontrou problematizada (embora não ausente). Percebeu-se que diante deste funcionamento familiar as crianças fizeram um sintoma de linguagem - a gagueira - como a maneira encontrada para buscar uma separação da demanda materna.

Nesse sentido, a Psicanálise torna-se colaborativa com a Fonoaudiologia na medida em que tenta estabelecer a possibilidade de construção de um contorno possível para esse conteúdo que escapa e que insiste em se inscrever através do sintoma. Aqui aponta-se para a importância da escuta do discurso parental pelo fonoaudiólogo e a mudança de um posicionamento enquanto terapeuta da linguagem, no sentido de centrar-se em uma escuta da criança que gagueja e não da gagueira. Isso tornará possível a compreensão do sujeito/criança de forma a poder analisar os possíveis fatores que contribuem para a emergência do sintoma de linguagem.

#### 4.8 REFERÊNCIAS

- Andrade, C. R. F. (2000). Protocolo para avaliação da fluência da fala. *Pró Fono*, São Paulo, 12(3),131-134.
- Andrade, C. R. F. (2004). Abordagem neurolinguística e motora da gagueira. In L. P. Ferreira, D. M. Befi-Lopes, & S. C. Limongi (Orgs.). *Tratado de fonoaudiologia*. (pp. 1001-1013). São Paulo: Roca.
- Andrade, C. R. F., Befi-lobes, D. M., Fernandes, F. D. M., & Wertzner, H. F. (2004). *ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática*. (2a. ed.). São Paulo: Pró-Fono.
- Azevedo, M. M. de P., & Nicolau, R. F. (2017). Autismo: um modo de apresentação do sujeito na estruturação da linguagem. *Estilos da clínica*, São Paulo, 22(1),12-28. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v22n1/a01v22n1.pdf>.
- Conselho federal de psicologia*. Resolução n. 016, de 20 de dezembro 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Recuperado de <http://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao68.pdf>.
- Conselho nacional de saúde*. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado de [http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23\\_out\\_verso\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_verso_final_196_ENCEP2012.pdf).
- Fanti, C. M. B., & Saboia, C. (2018). A relação mãe e filho: vicissitudes de um (des)encontro para o laço simbólico. *Estilos da clínica*, São Paulo, 23(2), 279-295. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v23n2/a05v23n2.pdf>.
- Ferreira, I. C. H., & Batista, C. A. M. (2017). O olhar da psicanálise sobre a deficiência intelectual: de copista a autor de sua própria história, *Inclusão Social*, Brasília, 10(2), 113-118. Recuperado de <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4031/3367>.
- Henriques, M. do S. da M. T., Falbo, A. R., Sampaio, M. A., Fonte da, M. L. A., & Krause, D. F. (2015). O exercício da função materna em mães de filhos obesos na perspectiva da psicanálise. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo,

18(3), 461-475. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v18n3/14154714rlpf-18-3-0461.pdf>.

Leitão, I. B., & Cacciari, M. B. (2017). A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível. *Estilos da clínica*, São Paulo, 22(1), 64-82. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v22n1/a04v22n1.pdf>.

Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos da psicanálise*. (2a. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1964).

Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Originalmente publicado em 1957-1958).

Laznik, M-C (2014). Os “nãos” do pai. In A. Baptista. (Org.). *O sujeito, o real do corpo e o casal parental*. (pp. 160-164). Salvador: Ágalma.

Matsuo, T. Y., & Carreira, A. F.(2015). A alienação da criança: clínica e contemporaneidade. *Estilos da clínica*, São Paulo, 20(3), p. 475-412. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v22n1/a04v22n1.pdf>.

Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14a. ed.). São Paulo: Hucitec Editora.

Passone, E. F. K. (2016). De a-criança ao real infantil: reflexões psicanalíticas acerca da infância. *Estilos da clínica*, 21(1),114-132. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v21n1/a07v21n1.pdf>.

Wiles, J. M., & Ferrari, A. G. (2015). Clínica nos bastidores: o trabalho com os pais na clínica psicanalítica com crianças. *Psicologia Clínica*, 27(2),103-119. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n2/06.pdf>.

Yairi, E., & Ambrose, N. G. (1999). Early childhood stuttering I: persistency and recovery rates. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 42(5), 1097-1112. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10515508>.

## 5 DISCUSSÃO

Apesar da gagueira ser, desde muito tempo descrita na literatura especializada, ela ainda se constitui como algo aberto e longe de consenso, e por esse motivo, gerando muitas discussões e polêmicas. A pesquisa constatou que grande parte dos estudos referentes à gagueira são provenientes de abordagens que não vão para além de dizer que a fala do sujeito está fora do tempo e, portanto, não condizendo com os padrões ditos normais da fala. Nesse sentido, observou-se uma oportunidade para uma nova investigação, abordando as questões psíquicas envolvidas na gagueira de forma a poder colaborar tanto para o campo da Psicologia (permeada pela perspectiva psicanalítica) quanto para o campo da Fonoaudiologia.

O estudo partiu da hipótese de que os traços comuns na relação das crianças com a linguagem, que são por sua vez, organizadores de seus sintomas, estão atrelados à particularidade da vivência do complexo de Édipo. Nesse sentido, à pesquisa interessou a entrada do pai que marca o segundo tempo do Édipo para Lacan. Pensava-se que o que pareceria ocorrer nos casos das crianças com gagueira, era a existência de uma fragilidade na função paterna em decorrência da não sustentação pelo discurso materno. Diante disso, esperava-se encontrar o processo de separação perturbado nas crianças o que levaria à dependência delas em relação à figura materna. Isso, por sua vez, dificultaria a construção da fala das crianças, deparando-se assim, com um sintoma de linguagem que “funcionaria” como um apoio inconsciente para a saída do primeiro tempo do Édipo e a entrada no segundo tempo, representando assim, a dificuldade em viver a identificação simbólica com a função paterna. Nesse sentido, as crianças avançariam para o terceiro tempo do Édipo muito fragilizadas. Além disso, a fala da criança permaneceria então, contemplando em parte o seu próprio desejo, mas também o desejo materno. Assim, pensava-se tratar-se de uma circunstância desenvolvimental muito particular, especial e interessante, porque correspondia a uma determinada forma de organização e estruturação psíquica da criança.

Todos estes questionamentos se confirmaram na medida em que a pesquisa se desenvolveu, constatando-se que são as funções parentais que determinam o quanto o funcionamento linguístico será ou não afetado por elas.

Inicialmente, embora sem a pretensão de uma vasta abordagem sobre a gagueira como patologia, observou-se que se trata de um distúrbio da fala sem uma definição

etiológica exata, sendo então, atribuída à múltiplas causas, ou ainda, à determinação orgânica ou psicológica por um viés comportamental. A partir disso, o caminho trilhado pela pesquisa foi guiado pela noção de sintoma na Psicanálise e nesse sentido, a gagueira foi compreendida enquanto uma marca na linguagem que diz de um sintoma estruturante da criança.

O sintoma para a Psicanálise é contrário à visão médico-científica e por esse motivo entendido não como um sinal de uma patologia que precisa ser eliminado, mas como algo que remete a uma articulação com a história sujeito. E mais, é considerado como tendo relação com a história dos outros que constituem esse sujeito e que, portanto, pode ser decifrável e repleto de sentidos inconscientes. (MATSUO; CARREIRA, 2015). Nessa via, pensar o sintoma da criança para a Psicanálise, é entendê-lo na sua relação com o discurso parental, pensando nas facetas que ele assume diante da problemática familiar.

Fala-se então, em sintoma clínico e sintoma estrutural. No sintoma clínico, vê-se a paralisação da criança perante à fantasia do Outro, de forma que ela não encontra outra maneira de enfrentar a fantasmática desse Outro a não ser respondendo à demanda. No sintoma estrutural, a criança, diante das demandas parentais, ao mesmo tempo procura responder a elas, mas também procura sair desse lugar defendendo minimamente a sua subjetividade. (WILES; FERRARI, 2015). Nesse âmbito, a criança faz um sintoma de estrutura para reparar uma falha de um dos pais ou de ambos. (LÉVY, 2008). É neste campo que se dá o enfrentamento das questões do sujeito marcadas em sua linguagem vacilante - a gagueira.

A constituição do sintoma estrutural é possível pelos movimentos constitutivos de alienação - ao desejo do Outro materno - e separação - acionada pela introdução da função paterna. A alienação se evidencia pela dependência absoluta da criança à mãe. A mãe, ocupando o lugar primordial de introduzir seu desejo frente à criança, por meio dos cuidados cotidianos, supõe e antecipa comportamentos dando lugar a essa criança enquanto sujeito. Nos momentos em que a mãe se coloca como não toda sabedora da criança, ela convoca, mesmo que de forma indireta, a função paterna que possibilitará a saída da criança dessa alienação. Esse movimento permite à criança olhar para além do desejo materno e construir o seu lugar para além desse desejo. (FERRARI, 2012). O que ocorre é que em algumas crianças - e aqui remete-se às crianças que gaguejam - algo se problematiza no caminho entre a alienação e a separação. Ao ocorrer tal problematização, a função materna

se mantém em uma posição de saber e a criança assume uma posição um tanto fragilizada diante dessa condição. Tal situação impõe à criança dificuldades de posicionamento diante desse Outro materno, defrontando-se com empecilhos ao ter que sustentar o seu próprio desejo. Nesse sentido, a função materna mantém a criança em uma posição de certa dependência em relação a ela, fragilizando o discurso paterno e também a autonomia psíquica da criança. Assim, a relação mãe-criança fica comprometida, uma vez que há uma dificuldade da criança em sair dessa posição dualista. Contudo, a criança no esforço de não cair nas mazelas do desejo materno, procura saídas, podendo “construir” um sintoma, de linguagem, que indica um modo particular de se organizar nesta. Este, por sua vez, é compreendido como uma resposta de defesa à alienação, preservando a condição subjetiva da criança e um apelo de convocação da função paterna.

Tomando tais considerações que nortearam todo o percurso da pesquisa, observou-se que a formação de sintomas na criança está relacionada com a dinâmica familiar e, portanto, com o lugar que ela ocupa no desejo de seus pais. Em relação à gagueira, não ocorreu de forma diferenciada, uma vez que foi compreendida como um sintoma de linguagem, denunciadora de algo que se encontrava fragilizado.

Ao longo do percurso do estudo observou-se a repetição de uma organização parental, a saber: o vínculo estabelecido entre a díade mãe e criança foi marcado por uma mútua dependência. Tal dependência ocasionou uma dificuldade que causou impasses no processo de separação. Além disso, a função paterna que opera como condição para que a separação se efetive, também se encontrou problematizada, enfraquecida, tanto pelo discurso materno quanto pela passividade do discurso paterno. Diante de tal dinâmica familiar as crianças fizeram um sintoma de linguagem - a gagueira - na tentativa de buscar uma separação da demanda materna e uma convocação à função paterna. Verificou-se então, que a problemática se situa na questão da metáfora paterna e no papel do pai real e portanto, na passagem do segundo ao terceiro tempo do Édipo propostos por Lacan (1999/1957-1958). Diante da tirania do desejo materno, este não intervém de forma eficaz como promoção de Lei. E é nesse ponto que surge o sintoma se manifestando em uma fala disfluente.

Nota-se portanto, que a gagueira na criança tomada a partir do entendimento de um sintoma de linguagem pode ser compreendida como uma máscara que esconde um sujeito atrás dela. Tomar a gagueira na criança a partir dessa perspectiva é poder favorecer a



conexão de novos caminhos que são indissociáveis da movimentação subjetiva da relação do sujeito com a linguagem. (TASSINARI, 2001). Nesse âmbito, parece ser importante apontar aos terapeutas que se ocupam da clínica com crianças, a necessidade de entender a gagueira como um sintoma que encontra abrigo na linguagem. Uma vez entendida assim, ela tomará um lugar de decifração atrelado a uma construção parental e não simplesmente uma fala que precisa de correção e que portanto, demonstra um apagamento do sujeito em prol da patologia.

## 6 CONCLUSÃO

A pesquisa iniciou pela premissa de que a gagueira é um sintoma e não uma patologia. Este foi o fio condutor que permitiu tomar a gagueira como objeto principal das reflexões desta pesquisa.

Assumindo riscos e desafios, o estudo traçou e percorreu um caminho próprio: entender a gagueira na infância como um sintoma que se manifesta na linguagem e que faz laço com o discurso parental. A partir desse entendimento, todas os dados, reflexões e conclusões serviram como âncoras no sentido de construir uma outra possibilidade de se olhar a gagueira na criança.

Para que isso fosse possível, o estudo se pautou na teoria psicanalítica que durante todo o seu percurso sustenta e destaca o entendimento da estruturação psíquica do sujeito a partir da linguagem, entendendo o sintoma como uma formação subjetiva. Tal teoria permitiu que o estudo fosse para muito além da etiologia, da classificação e dos sinais que circundam a gagueira na criança, ultrapassando assim, uma leitura numérica, quantificada e patologizada da mesma. Foi possível então, a partir da Psicanálise entender que na gagueira existe um sujeito que gagueja.

Iniciou-se, na revisão de literatura, por uma leitura da gagueira centrada na ideia de patologia, trazendo breves considerações acerca de como alguns estudos do campo de abrangência da Fonoaudiologia a definem e de que maneira as diferentes abordagens concebem a sua origem. Nesse sentido, deparou-se com duas principais abordagens: a organicista/positivista e as de cunho psicológico. Concluiu-se que tais vertentes, de uma ou outra maneira, compreendem a gagueira em uma condição de patologia, e portanto, demarcam fortemente aquilo que é da ordem do patológico, restringindo-se a um olhar voltado apenas para o campo da fala em si mesmo. Assim, o que está em jogo sempre são as marcas da patologia e não o sujeito. Nesse sentido, evidenciou-se que tais abordagens tornam-se problematizadas para a Psicanálise, uma vez que nelas não se encontra a condição de sujeito, pois esta fica apagada em nome da patologia. Assim, a linguagem escapa e a condição de sujeito é excluída.

A partir disso, a pesquisa se propôs aos próximos passos que se deram mediante articulação entre as coletas de dados com as crianças que gaguejavam e o casal parental e o referencial teórico psicanalítico. Tal articulação teve a intensão de investigar a hipótese

da pesquisa, a qual consistia na suposição de que o que se poderia presenciar nos casos das crianças que gaguejavam, era uma fragilidade na função paterna em decorrência da não sustentação pelo discurso materno. Nesse sentido, pensava-se que o processo de separação se encontraria problematizado nestas crianças ficando elas em uma certa dependência com a figura materna. Assim, o sintoma de linguagem “funcionaria” como um apoio inconsciente para a saída do primeiro tempo do Édipo, representando assim, um símbolo da dificuldade em viver a identificação simbólica com a função paterna.

Para que fosse possível investigar tal hipótese o estudo dividiu-se em três artigos. No primeiro, a partir da investigação das questões psíquicas referentes à dinâmica familiar das crianças que gaguejavam por meio de uma entrevista com o casal parental, foi possível evidenciar uma articulação estrutural entre o sintoma das crianças e os discursos parentais. Nesse sentido, a gagueira estava ocupando um lugar de preenchimento de uma problematização relacionada à função paterna em decorrência da não sustentação desta, via discurso materno. Nesse sentido, encontrou-se a operação psíquica de separação problematizada.

No passo seguinte, o qual constituiu o segundo artigo, a investigação esteve relacionada ao discurso das crianças que gaguejavam. Buscou-se detectar na brincadeira das crianças, realizada a partir do trabalho com estórias infantis atreladas à utilização de fantoches, aspectos psíquicos que pudessem estar relacionados à dinâmica familiar. Novamente constatou-se a problematização referente à função paterna, e dessa forma, uma tendência de a criança em permanecer em uma relação quase que fusional com a função materna. Nesse sentido, conclui-se que a gagueira seria um sintoma que surge como uma solução frente a angústia decorrente daquilo que se encontrava problematizado - a função paterna.

O terceiro artigo, e portanto o último passo, se construiu a partir da investigação da dinâmica entre as funções parentais e as crianças que gaguejavam e suas implicações na fala sintomática dessas crianças. Evidenciou-se que a gagueira surgiu diante de um funcionamento familiar que se repetiu em todos os casos estudados: a marca de uma dupla dependência entre mãe e criança de forma a problematizar a operação psíquica de separação e a função paterna enfraquecida, tanto pelo discurso materno quanto pelo seu próprio discurso. Diante disso, o sintoma de linguagem - a gagueira - aponta para uma saída que a

criança encontra para não ser “engolida” pelo desejo materno e também uma forma de convocar a função paterna.

Por fim, procurando ter o cuidado de sempre se amparar na teoria psicanalítica, pensa-se que a partir desse estudo se possa ter aberto um outro caminho de entendimento sobre a gagueira na infância, e, possivelmente, à importância do trabalho interdisciplinar. Tem-se ciência de que a pesquisa adentrou em um terreno complexo e controverso onde não se teve a intenção de fazer generalizações, e sim, a intensão de apontar para a importância de se considerar as questões psíquicas que estão envolvidas neste sintoma de linguagem. Assim, pensa-se ter contribuído ao campo da Fonoaudiologia ao propor uma visão para além do patológico, ou seja, o entendimento da gagueira na infância compreendida na articulação com o campo do Outro e com a função paterna. Nesse sentido, entendê-la não como um sintoma que precisa desaparecer para o bem da criança, mas como um funcionamento que necessita ser escutado, é dar um lugar de significação para a gagueira que irá refletir em uma clínica pautada no sujeito e não no erro.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 88 p.

ANDRADE, C. R. F. Protocolo para avaliação da fluência da fala. **Pró Fono**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 131-134, set., 2000.

\_\_\_\_\_. Abordagem neurolinguística e motora da gagueira. In: FERREIRA, L. P.; BEFFI-LOPES, D. M.; LIMONGI, S. C (Org.). **Tratado de fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 2004. 1001-1013 p.

\_\_\_\_\_. Gagueira infantil: risco, diagnóstico e programas terapêuticos. São Paulo: **Pró-Fono**, 2006.

ANDRADE, C. R. F.; BEFFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2. ed. São Paulo: **Pró-Fono**, 2004. 90 p.

ANDRADE, C. R. F.; MARTINS, V. O. Avaliação da fluência da fala: influência da extensão da amostra e dia de testagem. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 10, n. 2, p. 91-96, 2005.

ANZIEU, D.; GIBELLO, B.; GORI, R.; ANZIEU, A.; BARRAU, B.; MATHIEU, M.; BION, W. R. **Psicanálise e Linguagem**: do corpo à fala. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 314 p.

BARBOSA, L. M. G. Noções básicas sobre a gagueira: suas características, sua etiologia e as teorias sobre sua natureza. In: RIBEIRO, I. M.; MARCHESAN, I. Q.; ZORZI, J. L. (Orgs.). **Conhecimentos essenciais para atender bem a pessoa com gagueira**. São José dos Campos: Pulso, 2003. p. 17-32.

BERNARDINO, L. M. F. Aspectos psíquicos do desenvolvimento infantil. In WANDERLEY, D. de B. (Org.). **O cravo e a rosa**: a psicanálise e a pediatria: um diálogo possível? Salvador: Ágalma, 2008. p. 54-66.

\_\_\_\_\_. A questão da psicose da infância, seu diagnóstico e tratamento frente ao seu “desaparecimento” da nosografia atual. In: JERUSALINSKY, A.; FENDRIK, S. (Orgs.).

**O livro negro da psicopatologia contemporânea.** São Paulo: Via Lettera, 2011. p. 205-217.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução n. 016, de 20 de dezembro 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Disponível em: <<http://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao68.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_ENCEP2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CUNHA, M. C.; GOMES, R. R. De O. Fonoaudiologia e Psicanálise: uma reflexão sobre a gagueira e inconsciente. In: PASSOS, M. C. (Org.). **Fonoaudiologia: recriando seus sentidos.** São Paulo: Plexus, 1996. p. 69-79. (Série Interfaces).

DAMASCENO, W. A. P. de L.; FRIEDMAN, S. Análise da produção científica fonoaudiológica nacional sobre gagueira. **Revista CEFAC**, v. 13, n. 1, p. 41-47, fev., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n1/175-09.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

DOLTO, F. **A Imagem Inconsciente do Corpo.** São Paulo: Perspectiva, 1992. 328 p.

FARIA, M. **Constituição do sujeito e estrutura familiar: o Édipo de Freud a Lacan.** Taubaté: Cabral, 2003. 224 p.

FERRARI, A. G. Sintoma da criança, atualização do processo constitutivo parental? **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 299-319, jan./dez., 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v44n2/v44n2a04.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

FERRIOLLI, B. H. V. M.; WITT, M. Interação mãe e filho: um percurso através da análise do discurso para a compreensão do retardo de linguagem. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 143-159, jul./dez., 2009. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2535/2487>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, v. II, p. 13-350, 1996 (1893-1895).

\_\_\_\_\_. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, p. 75-113, 1996 (1914).

\_\_\_\_\_. Inibição, sintoma e angústia. In \_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XX, p. 79-171, 1996 (1926).

FRIEDMAN, S. **Gagueira: origem e tratamento**. 4. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2004. 146 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p.

GOMES-KELLY, R. E. de O. Fluir ou disfluir: eis a questão! Uma discussão sobre a gagueira e a psicanálise. **Colóquio do LEPSI IP/FE-USP**, ano 4, out., 2002. Disponível em:  
<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032002000400021&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032002000400021&script=sci_arttext)>. Acesso em: 12 abr. 2015.

GURSKI, R. Algumas observações sobre a clínica da infância. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 39, n. 1, 2010. p. 90-102.

IETO, V.; GOMES-KELLY, R. E. de O. “Olha para mim...” A gagueira como demanda de reconhecimento no espaço familiar. **Revista Distúrbios da Comunicação**, v. 14, n. 2, p. 361-377, jun., 2003. Disponível em:  
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11337/22712>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

IRWIN, A. **Gagueira: uma ajuda prática em qualquer idade**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 149 p.

JAKUBOVICZ, R. **A gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1980. 205 p.

\_\_\_\_\_. A técnica surdo/sonoro para descondicionar bloqueios. In: MEIRA, I. (Org.). **Tratando gagueira: diferentes abordagens**. São Paulo: Cortez, 2002. 125-135 p.

KAMERS, M.; BARATTO, G. O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo simbólico dos pais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 3, p.

40-47, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n3/v24n3a06.pdf> >. Acesso em: 26 abr. 2015.

LACAN, J. **O Seminário, livro 4:** a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995 (1901-1981). 460 p.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 11:** os quatro conceitos da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 (1964). 272 p.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 5:** as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999 (1957-1958). 536 p.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências da saúde. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

LAZNIK, M. C. **A hora e a vez do bebê.** São Paulo: Instituto Langage, 2013. 239 p.

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 412 p.

LÉVY, R. **O Infantil na Psicanálise:** o que entendemos por sintoma na criança. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008. 168 p.

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

MARTINS, V. de O. **Variação da fluência da fala em falantes do português brasileiro:** quatro estudos. 2007. 132 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-23102007-145204/pt-br.php> >. Acesso em: 15 mai. 2015.

MATSUO, T. Y.; CARREIRA, A. F. A alienação da criança: clínica e contemporaneidade. **Estilos da clínica**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 475-412, set./dez., 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v22n1/a04v22n1.pdf> >. Acesso em: 11 mai. 2019.



MEIRA, I. Gagueira. In: GOLDFELD, M. **Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1998. p. 53-68.

MERÇON, S. A. A.; NEMR, K. Gagueira e disfluência comum na infância: análise das manifestações clínicas nos seus aspectos quantitativos e qualitativos. **Revista CEFAC**, v. 9, n. 2, p. 174-179, abr./jun., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v9n2/a05v9n2.pdf>>. Acesso em 16: mai. 2015.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014. 408 p.

OLIVEIRA, C. C. C. de; SCIVOLETTO, S. Relação entre abstinência de maconha e fluência da fala em um adolescente com gagueira: implicações para o tratamento fonoaudiológico e psiquiátrico. **Revista CEFAC**, v. 16, n. 2, p. 660-662, mar./abr., 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n2/1982-0216-rcefac-16-2-0660.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2015.

OLIVEIRA, C. E. F. D.; DOMINGUES, C. E. F.; JUSTE, F. S.; ANDRADE, C. R. F. de; MORETTI-FERREIRA, D. Gagueira desenvolvimental persistente familiar: perspectivas genéticas. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 489-494, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v17n4/21.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2015.

OLIVEIRA, F. **Aspectos enunciativos da relação falante, linguagem e outro na gagueira**. 2011. 154 p. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, O. S. de; FRIEDMAN, S. A clínica da gagueira e o livro infantil: considerações a partir de um caso. **Revista Distúrbios da Comunicação**, v. 18, n. 2, p. 223-233, ago., 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11804/8530>>. Acesso em: 11 mai. 2015.

PEREIRA, M. M. de B. **Análise linguística da gagueira**. São Paulo: Am3 Artes, 2003. 242 p.

PEREIRA, M. M. de B.; FERRANTE, C.; COHEN, C.; CARVALHO, G. G. T. Análise da duração de consoantes na fala fluente de gogos. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 8, n. 2, p. 14-18, 2003.

PISANESCHI, E. **Gagueira: disfluência sintomática**. 2001. 97 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2001.

RIBEIRO, I. M. O adolescente e a gagueira. In: RIBEIRO, I. M.; MARCHESAN, I. Q.; ZORZI, J. L. (Org.). **Conhecimentos essenciais para atender bem a pessoa com gagueira**. São José dos Campos: Pulso, 2003. p. 73-88.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 874 p.

SARAIVA, L. M., REINHARDT, M. C.; SOUZA, R. C. A função paterna e seu papel na dinâmica familiar e no desenvolvimento mental infantil. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 14, n. 3, p. 52-67, 2012. Disponível em: <[http://rbp.celg.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=103](http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=103)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SASSI, F. C.; ANDRADE, C. R. F. Eletromiografia de superfície e o tratamento da gagueira: uma perspectiva neuromotora. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 9, n. 1, p. 55-60. 2004.

SILVA, A. C.; RUDGE, A. M. Construindo a noção de sintoma: articulações entre psicanálise e pragmática. **Psicologia USP**, v. 28, n. 2, p. 224-229, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305151851007>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SOUZA, J. B.; PASCHOALINO, F. C.; CARDOSO, V. M.; OLIVEIRA, C. M. C. Frequência e tipologia das disfluências: análise comparativa entre taquifêmicos e gogos. **Revista CEFAC**, v. 15, n. 4, p. 857-863, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v15n4/13.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SPINELLI, M. Gagueira: análise de pesquisas e casos clínicos. In: FRIEDMAN, S; CUNHA, M. C (Orgs.). **Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 15-32.

TASSINARI, M. I. Do sintoma ao sujeito: contribuições da psicanálise para o atendimento de um paciente gago. In: FRIEDMAN, S; CUNHA, M. C (Orgs.). **Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 77-93.

TFOUNI, L. V.; FERRIOLLI, B. H. V. M.; MORAES, J. A concepção de sujeito na clínica fonoaudiológica: a proposta de um novo paradigma. **Revista Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, São Paulo: Carapicuíba, v. 14, n. 2, p. 275-282, mai./ago., 2002.

VAN HOUT, A.; ESTIENNE, F. **Les bégaiements**: histoire, psychologie, évaluation, variétés, traitements. 2. ed. Paris: Elsevier Masson, 2002. 304 p.

VAN RIPER, C.; EMERICK, L. **Correção da linguagem**: uma introdução à patologia da fala e à audiologia. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 444 p.

VENTURA, T. R. D. G. **Gages na infância**: ritmos e relações familiares - um estudo de caso. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2250/1/9790.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

WILES, J. M.; FERRARI, A. G. Clínica nos bastidores: o trabalho com os pais na clínica psicanalítica com crianças. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 103-119, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n2/06.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 270 p.

WITTKÉ-THOMPSON, J. K.; AMBROSE, N.; YAIRI, E.; ROE, C.; COOK, E. H.; OBER, C.; COX, N. J. Genetic studies of stuttering in a founder population. **Journal Fluency Disord**, v. 32, n. 1, p. 33-50, 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2128723/>>. Acesso em 03 abr. 2015.

YAIRI, E.; AMBROSE, N. G. Early childhood stuttering I: persistency and recovery rates. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 42, n. 5, p. 1097-1112, oct., 1999. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10515508>>. Acesso em: 28 mai. 2017.

\_\_\_\_\_. **Early childhood stuttering**: for clinicians by clinicians. Austin: Pro-Ed, 2005. 521 p.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PAIS)

**Título da Pesquisa:** Aspectos psíquicos de crianças que gaguejam

**Instituição:** Universidade Federal de Santa Maria

**Pesquisadora Responsável:** Taís Cervi

**Professora Orientadora:** Dra Fga. Carolina Lisboa Mezzomo

**Endereço para contato:** Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) - Rua Floriano Peixoto, 1750 - 7º andar - Telefone: (55) 3220-9239

**Contatos da pesquisadora:** (55) 98441-1475; taiscervi@hotmail.com

**Nome do Participante** \_\_\_\_\_

**JUSTIFICATIVA E OBJETIVO:** apesar da gagueira ser uma patologia da fala muito conhecida e muito estudada, ainda não existem estudos que se aprofundem na análise das questões psíquicas (questões emocionais) envolvidas nessa patologia. Assim, acredita-se que a Psicologia, área que trabalha com o emocional das pessoas, pode auxiliar quanto as causas e traçar novas propostas de tratamento a essa patologia. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar os aspectos psíquicos (o emocional) de crianças que gaguejam e como se refletem na interlocução com aqueles que desempenham as funções parentais.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** a pesquisa não possui riscos e o único desconforto pode estar relacionado ao fato dos senhores e da criança não estarem dispostos a realizar a atividade.

**BENEFÍCIOS ESPERADOS:** os resultados obtidos através deste estudo beneficiarão os pacientes com gagueira através de um maior entendimento sobre suas implicações emocionais. Além disso, proporcionarão contribuições na evolução da pesquisa e na área da terapia da linguagem.

**PROCEDIMENTOS:** a pesquisa se dará em quatro etapas: 1ª - a realização das entrevistas com os pais ou responsáveis pela criança e sua gravação; 2ª - filmagens de cenas de uma brincadeira livre (com o brinquedo casinha) entre (1) a mãe e a criança; (2) o pai e a criança e (3) a mãe, o pai e a criança por aproximadamente 10 minutos cada cena; 3ª - filmagem de uma situação de brincadeira entre a criança e a pesquisadora utilizando como instrumento alguns livros infantis e a produção de um desenho, por aproximadamente 45 minutos e 4ª - os dados obtidos serão analisados pela pesquisadora. Tanto vocês pais, como seu (a) filho (a) poderão ser contatados para mais de uma sessão de avaliação, da qual participarão, se assim desejarem.

**DIREITO DE DESISTÊNCIA:** vocês podem desistir de participar a qualquer momento sem consequências e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

**SIGILO:** todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando-se o completo anonimato dos participantes.

**ESCLARECIMENTOS:** a participação na pesquisa não terá custo adicional nem mesmo remuneração financeira. Os participantes e seus responsáveis poderão receber informações sobre a pesquisa e seus resultados em qualquer período de realização da mesma, inclusive após seu término. As gravações e filmagens serão armazenadas pelo período de 5 anos e, após conclusão da pesquisa serão destruídas.

**CONSENTIMENTO:** declaro ter lido – ou me foram lidas – as informações acima antes de assinar este termo. Foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, esclarecendo totalmente as minhas dúvidas. Declaro que ficou clara a possibilidade de contatar o pesquisador pelo telefone acima indicado ou os membros do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM. Por este documento, tomo parte, voluntariamente, deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Psic. Taís Cervi  
Pesquisadora

Santa Maria \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Para dúvidas sobre a ética na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa: Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - Campus Universitário - 97105-900 - Santa Maria-RS. Tel.: (55) 3220-9362; e-mail: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(AUTORIZAÇÃO DOS PAIS PARA A PARTICIPAÇÃO  
DA CRIANÇA NA PESQUISA)**

**Título da Pesquisa:** Aspectos psíquicos de crianças que gaguejam

**Instituição:** Universidade Federal de Santa Maria

**Pesquisadora Responsável:** Taís Cervi

**Professora Orientadora:** Dra Fga. Carolina Lisbôa Mezzomo

**Endereço para contato:** Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) - Rua Floriano Peixoto, 1750 - 7º andar  
- Telefone: (55) 3220-9239

**Contatos da pesquisadora:** (55) 98441-1475; taiscervi@hotmail.com

**Nome do Participante** \_\_\_\_\_

**JUSTIFICATIVA E OBJETIVO:** apesar da gagueira ser uma patologia da fala muito conhecida e muito estudada, ainda não existem estudos que se aprofundem na análise das questões psíquicas (questões emocionais) envolvidas nessa patologia. Assim, acredita-se que a Psicologia, área que trabalha com o emocional das pessoas, pode auxiliar quanto as causas e traçar novas propostas de tratamento a essa patologia. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar os aspectos psíquicos (o emocional) de crianças que gaguejam e como se refletem na interlocução com aqueles que desempenham as funções parentais.

**RISCOS E DESCONFORTOS:** a pesquisa não possui riscos e o único desconforto pode estar relacionado ao fato da criança não estar disposta a realizar a atividade.

**BENEFÍCIOS ESPERADOS:** os resultados obtidos através deste estudo beneficiarão os pacientes com gagueira através de um maior entendimento sobre suas implicações emocionais. Além disso, proporcionarão contribuições na evolução da pesquisa e na área da terapia da linguagem.

**PROCEDIMENTOS:** a criança participará em dois momentos da pesquisa: 1º momento - filmagens de cenas de uma brincadeira livre (com o brinquedo casinha) entre (1) a mãe e a criança; (2) o pai e a criança e (3) a mãe, o pai e a criança por aproximadamente 10 minutos cada cena; e 2º momento - filmagem de uma situação de brincadeira entre a criança e a pesquisadora utilizando como instrumento alguns livros infantis e a produção de um desenho que será solicitado a ela, por aproximadamente 45 minutos. Seu (a) filho (a) poderá ser contatado para mais de uma sessão de avaliação, da qual participará, se assim desejarem.

**DIREITO DE DESISTÊNCIA:** a criança pode desistir de participar a qualquer momento sem consequências e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

**SIGILO:** todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando-se o completo anonimato dos participantes.

**ESCLARECIMENTOS:** a participação na pesquisa não terá custo adicional nem mesmo remuneração financeira. Os participantes e seus responsáveis poderão receber informações sobre a pesquisa e seus resultados em qualquer período de realização da mesma, inclusive após seu término. As gravações e filmagens serão armazenadas pelo período de 5 anos e, após conclusão da pesquisa serão destruídas.

**CONSENTIMENTO:** declaro ter lido – ou me foram lidas – as informações acima antes de assinar este termo. Foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, esclarecendo totalmente as minhas dúvidas. Declaro que ficou clara a possibilidade de contatar o pesquisador pelo telefone acima indicado ou os membros do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM. Por este documento, tomo parte, voluntariamente, deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Psic. Taís Cervi  
Pesquisadora

Santa Maria \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Para dúvidas sobre a ética na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa: Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - Campus Universitário - 97105-900 - Santa Maria-RS. Tel.: (55) 3220-9362; e-mail: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

## APÊNDICE C - ENTREVISTA PARA OS PAIS

### Entrevista do discurso parental: aspectos da dinâmica familiar

1 – IDENTIFICAÇÃO (nome da criança, data nascimento, número de irmãos, nome da mãe e do pai, idade da mãe e do pai, profissão dos pais, endereço, telefone, escola e ano escolar).

#### 2 – GESTAÇÃO

- 2.1 Foi uma gravidez planejada?
- 2.2 Como se sentiram ao saber da notícia?
- 2.3 Como ocorreu a gestação? Houve alguma intercorrência?
- 2.4 Condições físicas durante a gravidez?
- 2.5 Condições emocionais durante a gravidez?
- 2.6 Conversavam com o bebê durante a gravidez?
- 2.7 O que imaginavam dele?
- 2.8 Como ocorreu o parto?
- 2.9 Como foi a escolha do nome?
- 2.10 Como foi o período em que a criança nasceu?
- 2.11 Como foi a adaptação desse novo membro em relação à família?
- 2.12 Houveram mudanças dos planos de vocês depois do nascimento? Quais?

#### 3 – DESENVOLVIMENTO INFANTIL E CUIDADOS

- a) Quantas pessoas moram na casa?
- b) Quem cuida da criança?

##### 3.1 – Desenvolvimento motor

- 3.1.1 Engatinhou? Com que idade?
- 3.1.2 Com que idade começou a caminhar?
- 3.1.3 Preferência manual (destro ou canhoto)?

##### 3.2 – Hábitos orais

- 3.2.1 Foi amamentado (a)? Quanto tempo?
- 3.2.2 Quais os sentimentos de vocês em relação ao desmame?
- 3.2.3 Como e quem introduziu os alimentos?
- 3.2.4 Houve participação do pai nessa tarefa?
- 3.2.5 Houve uso da chupeta e da mamadeira?
- 3.2.6 Atualmente usa alguma das duas?
- 3.2.7 Seu (a) filho (a) come sozinho (a)?
- 3.2.8 Há algum hábito oral (chupar o dedo, roer unhas)?

##### 3.3 – Controle esfíncteriano

- 3.3.1 A criança usa fralda?
- 3.3.2 Como foi a retirada da fralda (fácil, difícil)?
- 3.3.3 Como se sentiram em relação a isso?

##### 3.4 – Saúde em geral

- 3.4.1 Sofre ou sofreu de alguma doença (época, recuperação fácil)?
- 3.4.2 Tratamentos, internações?

#### 4 – DINÂMICA FAMILIAR

- 4.1 Como é a rotina familiar?
- 4.2 A família tem momentos de lazer juntos (há dificuldades de relacionamento dentro da família, entre irmãos)?
- 4.3 Como vocês se relacionam com a criança?
- 4.4 A criança se relaciona facilmente com outras crianças (tem amigos, brinca com outras crianças)?
- 4.5 Quem proporciona disciplina à criança?
- 4.6 A criança dorme sozinha (se sim, desde quando)?
- 4.7 Como foi a retirada do quarto dos pais?
- 4.8 Houve algum acontecimento traumatizante na vida da criança?
- 4.9 Quais são as expectativas em relação à criança?

#### 5 – DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

- 5.1 Com que idade começou a falar?
- 5.2 Como se sentiram em relação aos primeiros balbucios e palavras?
- 5.3 Quando iniciou, como falava (trocava letras, velocidade, diminutivos, cortava pedaços, “travava” no início da fala)?
- 5.4 Gostava de falar (ainda gosta ou fala pouco, faz força e careta quando vai falar)?
- 5.5 Como fala atualmente (fala muito, fala pouco mas se faz entender, demora para falar, perde o fio da conversa, deixa que falem por ele (a))?
- 5.6 Vocês acham a fala dele (a) parecida com alguém da família?
- 5.7 Como fala em público?
- 5.8 Como é a fala de vocês? E dos irmãos?
- 5.9 Qual é a importância da fala para vocês (é necessário falar correto, ou não)?
- 5.10 Como vocês falam em casa (rápido, gritando, ou a casa é mais silenciosa)?
- 5.11 Vocês pensam que ele (a) fala errado ou tem alguma dificuldade para falar?
- 5.12 Vocês pensam que seu (a) filho (a) precisa de atendimento profissional para a fala?
- 5.13 Qual é o motivo pelo qual a criança fala dessa maneira?

#### 6 – DESENVOLVIMENTO DA GAGUEIRA

- 6.1 Como perceberam que ele (a) estava gaguejando (alguém apontou, a fala dele (a) se modificou, fala parecida com a de alguém)?
- 6.2 Como reagiram quando perceberam que ele (a) gaguejava?
- 6.3 Como é a gagueira do seu (a) filho (a) (demora para falar, repete sílabas, usa outras partes do corpo quando vai falar)?
- 6.4 Como reagem quando a criança gagueja (corrigem, pedem calma, conversam)?
- 6.5 Como a criança reage com gagueja (não percebeu nada, pede ajuda, se recusa a falar)?
- 6.6 O que pensam de uma pessoa com gagueira?

#### 7 – ESCOLARIDADE

- 7.1 Quando começou a frequentar a escola?
- 7.2 Como foi a adaptação?
- 7.3 Como vocês se sentiram em relação a esse momento?
- 7.4 Ele (a) gosta da escola?
- 7.5 Acompanha as atividades propostas?

#### 8 – CONCLUSÃO

Alguma outra informação a ser acrescentada ou algo que queiram perguntar?

## **APÊNDICE D - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM SEUS INTERLOCUTORES**

Pontos a serem observados em cada uma das cenas:

### 1 Interação entre a criança e o interlocutor:

- Interação na brincadeira (brincadeira executada pela criança, pelo interlocutor ou juntos; o interlocutor incentiva ou inibe a brincadeira; a criança dá espaço para o interlocutor brincar e vice e versa; interrupções da brincadeira; criança brinca sozinha; o interlocutor somente observa a brincadeira...);
- Interatividade do interlocutor e da criança (há disposição para uma interação?);
- Reações do interlocutor em relação aos pedidos da criança (atende ou nega);
- Movimentação na sala;
- Gestualidade durante a brincadeira;
- Fala durante a brincadeira.

### 2 Comportamento do interlocutor em relação à fala da criança:

- Permite?
- Inibe?
- Fala por ela?
- Angustia-se?
- Corrige?
- Faz alguma sugestão (respirar fundo, falar pausadamente...)?

### 3 Comportamento entre a tríade (observados apenas na cena de interação da tríade):

- Interação entre pai e mãe;
- Interação do casal parental em relação à criança;
- Posicionamento da criança frente a um, ao outro, e diante de ambos;
- Alguém faz função de interdição? Como o outro reage quando isso acontece?
- Reação da criança diante de limites.

OBS: outras observações podem ser realizadas para o enriquecimento da pesquisa.



## APÊNDICE E - QUADRO DOS DADOS DAS ENTREVISTAS COM OS PAIS

Quadro 1 – Respostas dos pais referentes à Entrevista do discurso parental

(continua)

CATEGORIA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
1	2.6 Conversavam com o bebê durante a gravidez?	<p>“... A gente cantava, e falava e acariciava.” (M1)</p> <p>“Eu conversava muito com minhas crianças. Eu conversava bastante com meus mimoso.” (M2)</p>
	2.7 O que imaginavam dele?	<p>“Ah...nós imaginava que ia ser um gurizinho.” (P1)</p> <p>“Daí a gente ficava: ah, vai sê parecida comigo. Não, vai sê parecida contigo. E a gente ficava nessa...” (M1)</p> <p>“Eu imaginava que eles iam nasce bem...com saúde e tal. Acho que é isso né!?” (P2)</p>
2	2.11 Como foi a adaptação desse novo membro (criança) em relação à família?	<p>“(...) porque desde pequena ela dormia já do ladinho nosso ali né, nós botava a cama nossa e o bercinho escoradinho ali né, junto né. E ela sempre foi né... daí foi né... se criando assim né! E a gente vendo ali né, o choro de noite, acordando, não dexando nós dormi as vez.” (P1)</p>
	2.12 Houveram mudanças dos planos de vocês depois do nascimento (da criança)? Quais?	<p>“Mudou tudo pra mim. Tudo né...porque a minha vida... a minha vida se tornou em função deles né, praticamente dos gêmeos né! (...) é muita coisa! Muita coisa! Muita coisa! Os dois primeiros anos eu não dormi. Não dormia né!” (M2)</p> <p>“Quando ele nasceu, que a gente chegou em casa, foi... bem cansativo pra mim assim. Não! Foi maravilhoso né! Chega em casa... com ele, com as coisinhas dele e tudo, mas assim, ele teve cólica sabe? Mas assim... muito tempo e muita cólica e eu... e ele não mamava (...) (M3). É, foi mais isso, cansativo só (...)”. (P3)</p> <p>“Eu trabalhando as cinco horas da manhã, não pude ser muito ativo na madrugada né (...). Então quem ajudou muito mais a noite foi a mãe dela e ela (...), mas entre a gente tava tudo super tranquilo.” (P3)</p>
3	5.1 Com que idade começou a falar?	<p>“Tipo um ano.” (P1)</p> <p>“A partir dos três anos. Ali pelos quatro anos.” (M2)</p> <p>“Em torno dos 10 meses.” (M3)</p>

Quadro 1 – Respostas dos pais referentes à Entrevista do discurso parental

(continuação)

CATEGORIA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
	3.2.2 Quais os sentimentos de vocês em relação ao desmame?	<p>“Tranquilo.” (M1)</p> <p>“Eu já tinha amamentado o mais velho. Então o meu desejo de amamentar já tinha sido completo.” (M2)</p> <p>“Foi bem ruim [não poder amamentar]. Ah, porque eu queria amamenta né.” (M3)</p>
	3.2.5 Houve uso da chupeta e da mamadeira?	<p>“Usou chupeta e mamadeira até os 2 anos.” (M1)</p> <p>“Mamadeira não. O bico sim. (...). Até uns seis anos eu acho.” (M2)</p> <p>“Usou mamadeira.” (M3)</p>
	3.2.6 Atualmente usa alguma das duas (chupeta ou mamadeira)?	<p>“Não.” (M1)</p> <p>“Não.” (M2)</p> <p>“Usa mamadeira, porque aaai, mamazinho é bom.” (M3). “Ele toma mama na hora de dormir e quando acorda.” (P3)</p>
	4.6 A criança dorme sozinha (se sim, desde quando)?	<p>“Sim, desde que nasceu na cama dela. Depois de um aninho foi pro quarto dela.” (M1)</p> <p>“Dorme com o mano no quarto desde os dois anos.” (M2)</p> <p>“Na realidade ele dorme contigo né, porque eu não deito junto no mesmo horário. Eu deito mais tarde. Eu não consigo dormi cedo.” (P3). “Aí eu durmo cedo com ele, bem cedo (...).” (M3). (...) daí quando eu chego eu pego ele ponho na cama dele e...” (P3). “Agora ele tá num colchão no chão que como fez aqueles calorão e tem ar condicionado no nosso quarto a gente boto um colchão no chão aí ele tem dormido a noite inteira no colchão, mas agora a gente vai volta, que refresco, agora dá pra volta pra cama dele e aí vamo vê se ele vai dormi a noite inteira na cama dele.” (M3)</p>
	4.7 Como foi a retirada do quarto dos pais?	<p>“Tranquila.” (M1)</p>
	3.2.7 Seu (a) filho (a) come sozinho (a)?	<p>“Sim, desde os dois aninhos.” (M1)</p> <p>“Sim.” (M2)</p> <p>“Sim.” (M3)</p>
	3.3.1 A criança usa fralda?	<p>“Não.” (M1)</p> <p>“Fralda... até os três anos mais ou menos”. (M2)</p> <p>“De noite ainda usa.” (M3)</p>

(continuação)

CATEGORIA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
	3.3.2 Como foi a retirada da fralda (fácil, difícil)?	“Com um ano e pouco.” (M1) “Foi bem, bem tranquilo, bem tranquilo. Xixi ele sempre controlo, foi no vaso. O que que acontece: ele ficava o dia inteiro na creche e nunca fez [coco] na cuequinha. Não fez! Ele chegava em casa, chegava em casa, se escondia e fazia na cuequinha.” (M2). “Lá na creche nunca fez.” (P2). “E nem na escola, e nem na escola. Ele nunca fez fiasco. Querido! Ele tinha controle absoluto sobre... sobre o coco né, só que ele não fazia no vaso, tinha que faze na cuequinha.” (M2)
	7.2 Como foi a adaptação?	“Normal, tranquilo.” (M1) “Muito bem, muito bem.” (M2) “Foi bem difícil. Pra mim e pra ele.” (M3). “Ele sempre foi muito apegado nela e na mãe dela, até hoje.” (P3). “E foi bem difícil porque quem levava era minha mãe, daí ele começava a chora ela trazia de volta, ela não dexava.” (M3)
4	4.5 Quem proporciona disciplina à criança?	“Normalmente ela. Eu ajudo quando posso” (P1). [Pesquisadora pergunta à mãe: o pai consegue proporcionar disciplina à criança?] “De vez em quando (...) não muito. Se tu vai analisa, ela não respeita muito ele no caso. Ele falo, daí a poco ela tá retrucando e eu não. Eu falo uma vez só e deu.” (M1). “Mais eu...é mais eu, eu.” (M2) “Ah, eu acho que os dois assim.” (M3). [risos] “Não, tô esperando pra vê o que ela vai dize, na boa.” (P3). “É que ele acha que é ele porque ele só briga entendeu? E daí ele acha que isso é disciplina. E isso não é.” (M3). “Não, na realidade é o seguinte, não concordo com isso. Não é que eu só brigue. Na realidade, a gente tem, nessa parte a gente tem um pouco de diferença, ela e a mãe dela elas [a avó], ela menos que a mãe dela, elas acham que, tipo, tem que negocia tudo, que ele é esperto, mas que não é tanto. Eu já acho diferente, eu acho que ele testa muito elas, eu acho que ele ganha delas em muitas vezes, eu so um pouco mais enérgico, eu comigo não é não pronto e acabo.” (M3)

Quadro 1 – Respostas dos pais referentes à Entrevista do discurso parental

(continuação)

CATEGORIA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
	4.3 Como vocês se relacionam com a criança?	“Ela e ele não é nada tranquilo. (...) daí começa: – mãe, olha aqui o pai! – Maria olha aqui essa gurria!” (M1). (...). “É que as vezes eu quero joga no tablet dela e ela não qué dexa. Daí nós começemos, daí ela começa a chama a mãe dela, daí não dá né!” (P1). “Eles tão sempre de brigando! E ele fica brabo comigo porque eu boto de castigo (...) e ela é mais agarrada comigo. É eu pra tudo!” (M1)
5	5.13 Qual é o motivo pelo qual a criança fala dessa maneira?	“Eu acho que é um fundo bem emocional mesmo, uma coisa assim. Não sei se é disso aí, desses dias traumáticos do hospital, ou se é questão neurológica mesmo, como coloco o doutor lá que pode ter sido afetado (...). Com ele sempre tudo foi na hora que ele amadureceu. E talvez a gagueira seja isso, é quando ele tiver pronto pra ele fala ele fala, no momento em que ele não tá não saí. A coisa procede a esse ponto, quando há esse amadurecimento pra ele né. E como a gente te disse, pra ele tudo foi com atraso.” (M2) “Eu não tenho conhecimento técnico da gagueira, então pra mim é mais uma ansiedade de quere fala.” (P3). “Eu achava que era ansiedade também (...) eu acho que é essa incoordenação respiratória mesmo que ele tem que tá causando essa gagueira nele (...).” (M3)
	2.3 Como ocorreu a gestação? Houve alguma intercorrência?	“(…) aos sete meses, eu fiz um exame que detecto que um dos bebês tava com um... no caso um dos bebês... ele não tava bem, ele tava, digamos assim, em sofrimento. (...). Daí o médico resolveu que tínhamos que fazer o parto de imediato. Então eu acho que é um fundo bem emocional mesmo, uma coisa assim. Não sei se é disso aí, desses dias traumáticos do hospital (...).” (M2)
	2.8 Como ocorreu o parto?	(…) ficou 117 dias no hospital, teve paradas respiratórias, isquemias, além de fica intubado praticamente três meses. (P2) Foi horrível, fiquei da sexta das dez da noite até sábado as oito da noite com dor (...). Aí a gurria nasceu, quem disse que eles me botaram a gurria, botaram no bercinho tudo, e todo mundo na correria né. Correia pra cá e pra lá, pra cá e pra lá e eu perguntando: – o que aconteceu? E ninguém me dizia nada e a gurria não chorava. Depois de 15 minuto que ela foi chora (...). Aí a gurria nasceu com sangramento, sem movimento, fez cocô dentro da barriga... horrível! Depois de 15 minutos levaram ela direto pra CTI. Ela nasceu no sábado e fico até na quarta lá na CTI. Desconfio que a gagueira pode se disso daí, não sei se pode ou não! (M1)

Quadro 1 – Respostas dos pais referentes à Entrevista do discurso parental

(conclusão)

CATEGORIA	PERGUNTAS	RESPOSTAS
	6.2 Como reagiram quando perceberam que ele (a) gaguejava?	<p>“A gente já fico meio assim também né!” (P1)</p> <p>“(…) eu não esquentei muito com esse negócio da gagueira porque na verdade tudo tem...tudo tem um...tempo. Acho que ele vai crescendo e vai...vai diminuí...e é um pouco de calma. Mas também...se fica, eu não me preocupo porque assim ó, depois que a gente fico tanto tempo no hospital tu vê que tem muitos problemas de muitas crianças, bah problema muito pior, então assim...não dá pra reclama.” (P2)</p> <p>“Olha, eu me preocupei um pouco também, mas nunca tratei talvez com a gravidade que ela (...). Realmente pra mim tinha, tinha que ser tratado tudo, mas nunca achei que fosse tão grave assim, apesar dela me falar, eu ficava meio assim: será que é tão grave assim? Não parece!” (P3)</p>

## APÊNDICE F - QUADROS DOS DADOS DA INTERAÇÃO DA PESQUISADORA COM AS CRIANÇAS

Quadro 1 – Dados da interação da pesquisadora com as crianças (S1)

(continua)

PROCEDIMENTO	CRIANÇA S1
UTILIZAÇÃO DO CONTO	
	<b>Conto: Branca de Neve</b>
Parte que mais gostou	Parte em que a Branca de Neve está limpando a casa porque “a casa é pequenininha.”
Parte que menos gostou	Parte em que “aparece uma bruxa porque era uma bruxa bem malvada e dá uma maçã pra Branca de Neve desmaia e ainda é venenosa”.
	<b>Conto: João e o Pé de Feijão</b>
Parte que mais gostou	A última parte porque “o o João corto o pé de feijão pro <b>pro</b> gigante não subi e a mãe viveu rica para sempre e feliz para sempre. E o João deixou a mãe dele feliz.
Parte que menos gostou	“Parte que ele vendeu a vaca porque <b>porque</b> ele não obedeceu a mãe dele pra vende a vaca.”
Outras observações	A criança ressalta várias vezes que “o gigante está dormindo.”
FANTOCHE	<p>História dos Três Porquinhos.</p> <p>S1 [Porquinho]: – Bom dia, bom dia, bom dia mamãe! Era uma vez três porquinhos, daí eles montaram uma casa, uma era de madeira, outra era de tijolo e a outra é de palha. Daí esse vai se o Júnior, o Pedrinho e o Joãozinho. Daí era uma vez os três porquinhos. Daí começaram o lobo mau pela floresta.</p> <p>Porquinho: – Eu não tenho lobo mau nenhum!</p> <p>Pesquisadora (P): Pam, pam, pam, pam [barulho de batida na porta].</p> <p>Porquinho Joãozinho: – Quem é que está aí?</p> <p>P: – É o lobo porquinho, abra a sua casa.</p> <p>Porquinho Joãozinho: – Eu não abro não.</p> <p>P: [Lobo] – Então eu vou soprar e bufar e vou derrubar a sua casa! Fuuuuu...</p> <p>P: Caiu a casa de palha. E aí, o que aconteceu?</p> <p>Porquinho Joãozinho: – Pedrinho, Pedrinho, tu não sabe o que que aconteceu com a minha casa! O lobo mau veio e assoprou minha casa e eu posso ficar na sua casa?</p> <p>Porquinho Pedrinho: – Pode sim!</p> <p>P: E aí os dois ficaram juntos na casa. E aí quem apareceu novamente?</p> <p>S1: o lobo mau.</p>

Quadro 1 – Dados da interação da pesquisadora com as crianças (S1)

(continuação)

PROCEDIMENTO	CRIANÇA S1
	<p>Pesquisadora (P): Pam, pam, pam, pam [barulho de batida na porta].                      Porquinho Joãozinho: – Quem é que está aí?                      P: [Lobo] – Sou eu porquinhos, abram a sua casa.                      Porquinhos Joãozinho e Pedrinho: – uuuui.                      Porquinho Joãozinho: – Não abra essa porta! [disse ao porquinho Pedrinho].                      Porquinho Joãozinho: – A gente não vai abrir! [disse ao lobo].                      P: [Lobo] – Então eu vou bufar e vou soprar e a sua casinha derrubar! Fuuuuu... Fuuuuu...                      S1: e daí eles correram...                      Porquinho Júnior [P]: – Oi, quem é?                      Porquinho Pedrinho [S1]: – Sou eu, o Pedrinho e o João.                      Porquinho Júnior: – O que vocês estão fazendo aqui?                      Porquinho Pedrinho: – Eu posso ficar na sua casa, nós dois, que o lobo mau assoprou nossa casa e...                      Porquinho Júnior [S1]: – Podem, claro que podem! E vamos ficar todos juntos agora!                      P: E mais uma vez...                      S1: O lobo mau!                      P: [Lobo] – Toc toc toc...                      S1: [Porquinho Joãozinho] – Quem é?                      P: [Lobo]: – Sou eu porquinhos, o lobo mau. Abram a casinha.                      S1: [sem utilizar fantoche] Eu não vou abrir, pode assoprar quantos que você quiser.                      P: [Lobo] – Então eu vou bufar e vou soprar e a casinha eu vou derrubar! Fuuuuu... Fuuuuu... Fuuuuu...                      P: E o que aconteceu com a casinha?                      S1: Não derrubou!                      P: E o que aconteceu com o lobo?                      S1: Ele ficou roxo de tanto assoprar, e... fim. Ah não, daí de noite ele ia pra chaminé e daí <b>daí</b> os três porquinhos viram que tava alguém entrando dali e daí daí viram pelo rabo do lobo mau daí eles colocaram fogo, daí o rabo do lobo mau, daí eles... daí ele se queimou e fez assim: – aaaaaa (gritos) eu vo saí, eu vo saí, eu vo saí. E o lobo mau foi embora e nunca mais voltou.                      P: E agora?</p>

Quadro 1 – Dados da interação da pesquisadora com as crianças (S1)

(conclusão)

PROCEDIMENTO	CRIANÇA S1
	<p>S1: E agora foram felizes para sempre!                      História do Príncipe, da Rainha e do Rei.                      S1: “Primeiro começo com uma Rainha de vestido loiro...vestido, <b>vestido</b>, é... qualquer coisa. Daí a história:                      Rainha: – Olha meus cabelos como são lindos! Daí ela balanço, e balanço, daí quando veio o o <b>o</b> mostro das florestas. Daí veio o lobo mau. Daí foi ela lá... é é é                      Rainha: – eu vo leva esses doces para minha tia. (...).                      Pam pam pam [barulho de batida porta].                      Rainha: – Vovó, eu quero te entregar esses doces.                      Vovó: – Pode entrar querida!                      S1: Daí depois quando veio aqueles dentes:                      Rainha: – Nossa! Vovó, como você tá com dentes bem bem grandes!                      Vovó: – É pra te comer.                      S1: Daí quando veio o príncipe, ah depois                      Rainha: – Nossa vovó, como tuas orelhas estão grandes!                      Vovó: – É pra te comer!                      Rainha: – Nossa vovó, como tua boca tá grande!                      Vovó: – É pra te comer!                      S1: Daí...                      Rainha: – Nossa, eu vo saí correndo daqui!                      S1: Daí <b>daí</b>, é é quando ela (Rainha) enxergo um Rei <b>ela enxergo um Rei</b> lá no campinho. Daí quando...                      Rainha: – Nossa, você qué um docinho?                      Príncipe: – Nossa, eu quero.                      S1: Daí depois ele comeu tudo e encheu a barriga dele. Daí depois foram felizes para sempre.</p>



Quadro 2 – Dados da interação da pesquisadora com as crianças (S2)

(continua)

PROCEDIMENTO	CRIANÇA S2
UTILIZAÇÃO DO CONTO/ESTÓRIA	
	<b>Conto: Branca de Neve</b>
Parte que mais gostou	Parte final “porque ela (Branca de Neve) gostava do belo príncipe.”
Parte que menos gostou	Primeira parte “porque ela (Rainha) era muito feia e malvada.”
Outras observações	<p>P: Você sabe ler?                      S2: Sei.                      P: E você não quer ler o livro para mim?                      S2: Não.                      P: Porque?                      S2: <b>Ó porque</b>, ó porque, porque__ porque eu travo as vezes.                      P: Você trava? Porque você trava? O que você tem que você trava?                      S2: <b>Ó porque</b>, ó porque, porque__ porque eu so <b>um__</b> é porque so <b>um__</b> é porque são grandes as letras.                      P: É por isso que você trava?                      S2: [sinaliza com a cabeça que sim].                      P: Mas você tem alguma coisa que você trava? Você sabe me dizer?                      S2: Travo na fala.                      P: E isso te deixa triste?                      S2: Não                      P: Isso te incomoda?                      S2: Um pouco. [Desvia o assunto e pede para contar estórias].</p>
	<b>Conto: João e o Pé de Feijão</b>
Parte que mais gostou	A última parte “porque viveram uma vida longa e feliz.”
Parte que menos gostou	A primeira “ <b>Porque ó</b> , porque ó, porque__ foi chata essa parte. Tem um homem e ele é chato”
	<b>Conto: Chapeuzinho Vermelho</b>
Parte que mais gostou	“A primeira. É por causa- <b>a-a-a</b> é por causa__ é por causa dos pães.

Quadro 2 – Dados da interação da pesquisadora com as crianças (S2)

(conclusão)

PROCEDIMENTO	CRIANÇA S2
Parte que menos gostou	<p>Parte em que o lobo está vestido de vovozinha “porque ele [lobo] era feio”.</p> <p>P: Você ficou com medo dele?</p> <p>S2: Não.</p>
FANTOCHE	<p>História do príncipe que está na floresta e é morto pelo Rei. O Rei então, passa a dominar o mundo com os seus três “androidizinhos” (possivelmente os três irmãos da criança). Entretanto, os “androidizinhos” matam o Rei. Então ele pega o fantoche da Rainha e diz: Chute duplo. Golpe na cara [de um dos três porquinhos]. Mais uma <b>luta</b> lutadora e caçadora <b>e rai</b> e rainha. O <b>no</b> nome verdadeiro é <b>é é é é... o meu nome</b>, o meu nome é <b>é é é</b> rainha do sangue. Eu mato todos e até... todos os dias. (...) Espera! [Pega o fantoche da bruxa] A bruxa vai <b>is is ispeta</b>, ispeta! Ah...eu te matei! [fala com a voz de bruxa espetando a rainha]. Mas o meu nome é rainha do sangue e eu vo te mata até não sobra nada [movimentando o fantoche da rainha]. (...) Mas e aí, <b>mas e daí, mas</b>, mas e daí, <b>mas a</b>, ela morre sozinha, mas você sabe porque? <b>Você, você</b>, você sabe, <b>ela mo...</b>, ela morre, o que é isso? Tá saindo fumaça! É veneno! É veneno pra mim! Espera aí! A minha mãe foi morta! Não, espera! A mãe dessa. <b>A a a</b> a mãe da rainha foi morta (...) por causa da bruxa. Ela nasceu. <b>Tinha</b>, tinha cabelo, tinha espinhos no cabelo dela. Tinha espinhos... <b>o mas</b> espera aí, <b>o mas</b>, o mas, espinhos adormecentes, <b>mas daí, mas daí</b>, mas daí, espeta a rainha e ela foi morta para sempre. Mas pode viver! [Pega a bruxa e “esmaga” a rainha dizendo “não vai não, não viver”]. Agora acabou para você e acabou a história [e pede para ir embora].</p> <p>A criança estava contando uma estória com os fantoches do Vovô e da Vovó: ó, mas deixa eu vê, <b>deixa eu vê</b>, – o o o má pra que esses zóio de malvado vovô? [perguntou a vovó] – É pra te come, porque? [respondeu o vovô] . – Vou comer a tua alma! [respondeu o vovô “comendo” a vovó]. – Os seus óculos agora são meus, mais do que a chave da morte. (...) São o óculos da vovó porque, <b>má porque, má porque, má porque</b> com esse óculos ela pode, <b>ela pode</b>, má ela pode mata o Rei. [Depois disso, o Rei é morto].</p>

Quadro 3 – Dados da interação da pesquisadora com as crianças (S3)

(continua)

PROCEDIMENTO	CRIANÇA S3
UTILIZAÇÃO DO CONTO/ESTÓRIA	
	<p style="text-align: center;"><b>Estória: Pezinho Espalhado</b></p> <p>Sinopse: Estória de uma bruxa chamada Pezinho-Espalhado que tinha pés grandes e a menina Nina, com orelhas grandes que se tornam amigas.</p>
Parte que mais gostou	<p>S3: Não sei! A primeira página. [Na primeira página tem bruxas e um dragão].  P: Porque? O que tem nessa página que você gostou?  S3: É meio estranha essa página porque tem um dragão aqui ó!  P: Você gosta de dragão?  S3: Sim.  P: E de bruxa?  S3: De bruxa eu tenho medo.</p>
Parte que menos gostou	<p>S3: A última. Aqui!  P: Onde?  S3: Aqui!  P: Porque?  S3: Porque é meio ruim essa página.  P: Porque?  S3: Eu vô lá na minha mãe tá!</p> <p>OBS: a última parte da qual a criança faz referência, não é a última parte da estória, mas a última parte que ele escutou. Nesta parte a bruxinha Pezinho-Espalhado estava conversando com Nina e muito triste porque ela tinha pezinhos muito grandes e todas as outras bruxas caçoavam dela por causa disso. Além disso, estava contando à Nina que toda vez que ela tantava fazer uma magia, tudo saía errado e seus pés cresciam mais ainda.</p>
	<p style="text-align: center;"><b>Estória: Ninguém Gosta de Mim</b></p> <p>Sinopse: Coquinho é um cachorro novo na cidade e sua vida é entediante: ele não tem nenhum amigo. Procura fazer amizade com os gatos, os coelhos, os carneiros, mas Coquinho é facilmente desencorajado, desistindo ao menor sinal de rejeição. Uma raposa amável dá a Coquinho alguns conselhos sensatos, ajudando-o a perceber que fazer amigos pode ser um pouco difícil, mas que, sendo perseverante, ele pode ser recompensado no final.</p>

Quadro 3 – Dados da interação da pesquisadora com as crianças (S3)

(conclusão)

<b>PROCEDIMENTO</b>	<b>CRIANÇA S3</b>
Parte que mais gostou	Não quis verbalizar.
Parte que menos gostou	Não quis verbalizar.
FANTOCHE	Não fez uso de nenhum fantoche.

## APÊNDICE G - QUADROS DOS DADOS DAS INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS COM SEUS INTERLOCUTORES

Quadro 1 – Dados da interação da criança com seus pais (S1)

INTERAÇÃO	CRIANÇA S1
INTERAÇÃO CRIANÇA-MÃE	A criança está implicada em uma brincadeira onde prepara uma comida, e então, questiona a mãe: – <i>Mã, mã, mãe, eu po po po posso ficar com mais um, mais um pratinho pra daí, tipo assim, se eu quise colocar as coisas?</i> A mãe responde que sim e ambas seguem na brincadeira. Então, a mãe questiona: – <i>Tu vai lavar a louça?</i> – <i>Vo!</i> Responde a criança. E segue: – <i>Deu! Amanhã, depois, a a amanhã é tu tá?</i>
INTERAÇÃO CRIANÇA-PAI	Recortes de fala do pai sobre o boneco pai: “ <i>só presta pra dormi</i> ”; “ <i>só fica olhando</i> ”; “ <i>não qué fazê nada</i> ”; “ <i>sobe em cima da geladeira</i> ”, “ <i>artero</i> ”; “ <i>engraçado</i> ”.
INTERAÇÃO TRÍADE	A criança coloca todos os personagens sentados para escutar uma estória que ela mesma contaria. Pai e mãe param de brincar para escutar a estória. A criança olha para o pai e ordena: – <i>Vai! Faz a janta!</i> O pai responde: – <i>Tô fazendo!</i> (e retoma a brincadeira de fazer o jantar). – <i>Então vai!</i> Disse a criança. A mãe sorri. Logo em seguida a criança começa a contar a história: – <i>A Branca de Neve. A Branca de Neve, ela viu a vovozinha bem triste</i> (nesse momento ela ri) <i>daí, depois, a vovozinha, ela teve uns dentão que era o lobo mau</i> (nesse momento pai e filha se olham e sorriem). – <i>É o pai?</i> Pergunta a criança para o pai. Ele responde rindo: – <i>Não é não!</i> E volta a “cozinhar”. A criança continua contando a estória olhando para o pai – <i>Daí, daí no no o lobo mau na na era bem gordão</i> (pai e filha se olham e sorriem), <i>daí daí ele teve uns dentes, daí...</i> Nesse momento a criança para de contar a estória e diz: – <i>Paie, pai, tu tu tá no fogão errado!</i> (a mãe começa a rir). Muito irritada a criança toma o fogão do pai e diz: – <i>Tá virado tchê!</i> (a mãe ri muito). <i>É assim o fogão!</i> (a criança arruma o posicionamento do fogão). <i>Entendendo tudo errado!</i> Diante dessa situação o pai escuta a criança e apenas diz: <i>Tá bom assim, tá bom! Deu! Tá termina a história!</i> A criança continua “reprendendo” o pai. Olhando para as panelas no fogão ela diz: – <i>Dois junto ó! Pra que dois junto?</i> O pai tira uma das panelas no fogão, a criança se irrita, olha para a mãe como forma de aprovação da sua atitude com o pai, ao que a mãe responde com um olhar de reprovação para a o marido. A criança continua contando a sua história. O pai diz: – <i>Tá pronto já!</i> A criança ignora a fala do pai e continua: – <i>Daí daí é o fim da história.</i> A mãe diz: – <i>Então vamos jantar que tá pronta a janta.</i> A criança diz: – <i>Tá, entendi, é o fim da história, e foram felizes para...</i> O pai oferece uma panela de comida para a criança comer e a criança olha irritada para o pai e diz: – <i>Arruma a mesa cara!</i> (encarando o pai que desvia o olhar da criança).

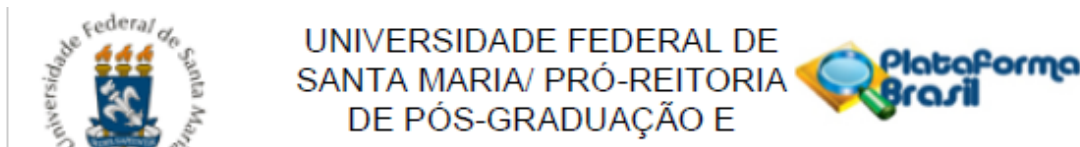
Quadro 2 – Dados da interação da criança com seus pais (S2)

INTERAÇÃO	CRIANÇA S2
INTERAÇÃO CRIANÇA-MÃE	<p>Logo no início da brincadeira a mãe questiona a criança: – <i>Tá...e me diz uma coisa meu amor...do que que...do que que tu acha...do que que nós podemos brincar? Uhum? Dá uma sugestão pra mamãe, pra nós brincar!</i> E a criança responde: – <i>Uhum... ó mais, mais, mais ó, mais mais mais a gente pode rastelá, né mãe!</i> A mãe responde que sim e a brincadeira segue. A criança resolve então, organizar os móveis na casinha: – <i>Um um guarda roupa né? E onde onde coloca o guarda roupa?</i> A mãe olha para a casinha e responde: – <i>Pois é, também não sei. Será que cabe esse guarda roupa aí?</i> (apontando para um cômodo da casa). A criança responde: – <i>Dexa eu vê se ca cabe! Ó dexa eu vê ó...mas ó ó o sofá.</i> Dando continuidade a brincadeira a mãe decide propor a criança uma brincadeira de piquenique com a família de bonecos: – <i>Que que tu acha de nós fazer um piquenique com essa família toda reunida aqui? Uhum?</i> Ao responder a criança gagueja muito: – <i>Ma ma ma ma mas em em casa não né? – Não...piquenique é sempre fora de casa!</i> Responde a mãe.</p>
INTERAÇÃO CRIANÇA-PAI	<p>O pai possui um tom de voz baixo. A criança se coloca em posições infantilizadas em alguns momentos.</p>
INTERAÇÃO TRÍADE	<p>S2 se depara com os pedidos incessantes da mãe para que ele a alimentasse: – <i>Eu queria um papá, um papá que o Mateus (nome alterado) fizesse pra mamãe! Heim Mateus? Fizesse uma comida pra mãe come no... no fogão. Heim?</i> A criança não responde e finge não escutar. Segue brincado e diante de mais um pedido da mãe, a criança faz uma sopa de lama, que não agrada ao “paladar” da mãe e depois uma sopa de cenoura que muito a agrada.</p> <p>A mãe insistindo que quer uma comida feita pela criança afirma que a criança não sabe onde está o fogão. Nesse momento o pai ri e diz: – <i>Eu também não!</i> A mãe então diz: – <i>É, mas vocês não sabem olha! Não sabem nem o que que é geladeira vocês dois!</i> (o pai apenas ri). A brincadeira segue. O pai aponta para um móvel e pergunta se é um guarda-roupas. A mãe pega o móvel, olha e diz: – <i>O pai... olha Mateus, o pai não olha direito! Tu viu! Diz pro pai o que que é isso aqui.</i> (O pai se mantém passivo e apenas ri). A criança responde: – <i>ahunm um um guarda-roupa.</i> A mãe faz uma cara de desprezo e a criança diz: – <i>não não não sei!</i> A mãe então fala: – <i>Hunm? Que será isso aqui? Não parece um guarda-roupa! Que que tu acha que é? Não troxe os óculos né!</i> A criança responde: – <i>É um arma ó mais é o mais é um armário.</i> A mãe responde que não é um armário e pergunta novamente o que é. A criança responde que é um guarda-roupas. A mãe diz que não é nem um armário e nem um guarda-roupas.</p>
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES	<p>Recusa em fazer o alimento para a mãe</p>

Quadro 3 – Dados da interação da criança com seus pais (S3)

INTERAÇÃO	CRIANÇA S3
INTERAÇÃO CRIANÇA-MÃE	<p>A criança pega um móvel da casinha e questiona: – <i>Ma manhê, e e esse aqui o que é?</i> A mãe responde que um fogão. – <i>Manhê, manhê, a a aqui bo botei o fogão!</i> Os dois seguem organizando a casinha e a mãe coloca a cama de casal no quarto. A criança então fala: – <i>Já sei! Que nem a nossa cama! Agora dexa um espacinho aqui</i> (empurra a cama de casal para o lado) <i>que e e e eu vo bota o bebê do lado.</i> – <i>Tá!</i> Respondeu a mãe. – <i>De deu!</i> Fala a criança.</p> <p>A mãe pega o bonequinho bebê e pergunta à criança: – <i>Olha! É tu?</i> A criança responde que não e pega uma bonequinha e diz: – <i>Essa daqui é minha irmãzinha que eu vo tê!</i> Olha para mãe e diz: – <i>E nem vem com essa história de que eu não vo te irmãzinha!</i> Além disso, em outros momentos, o bebê vira a segunda irmãzinha da criança.</p>
INTERAÇÃO CRIANÇA-PAI	<p>Cena da brincadeira de jogar futebol entre o pai e a criança onde a mãe se faz empecilho. O pai pega o boneco que representa o pai e começa a chutar um objeto que na brincadeira era uma bola. No meio do “campo de futebol” estavam os bonecos mãe, vó, vô e menina (que representava a maninha que S3 queria ter). O boneco pai chuta a bola e ela esbarra no boneco que representava a mãe. Então, a criança diz: – <i>Vo tira isso daqui que atrabalha</i> (retira todos os bonecos, mãe, vó, vô e menina fica). O pai responde: – <i>Mas eles são obstáculos, deixa aí!</i> A criança concorda e coloca os bonecos mãe, vó e vô de volta.</p>
INTERAÇÃO TRÍADE	<p>Enquanto a mãe brinca de cozinhar ela diz para a criança: – <i>Sabe o que a mãe fez pra ti...</i> (faz uma pausa longa) <i>e pro pai? Strogonoff!</i> A criança responde: – <i>Eca! Mentira, mentira, adorei!</i></p> <p>A criança pega o bonequinho que representa o filho e diz que está com sono e que quer dormir. Então pega o bonequinho coloca ele na cama. A mãe, com o boneco que representa a mãe, diz que também tá com sono e que vai dormir junto com ele. A criança responde que não dá porque não tem mais espaço na cama. Mesmo assim, a mãe coloca o boneco mãe dormir na cama com o filho. Nesse momento o pai interfere e chama a criança para jogar bola. A mãe diz que logo depois do almoço não dá para jogar bola. Então, a criança pega o bonequinho filho e “se joga da casa” convidando o pai para ir brincar de se esconder. Eles começam a brincar de se esconder e mãe diz que vai brincar junto.</p>
OBSERVAÇÕES IMPORTANTES	<p>A maior parte da brincadeira nas interações entre a criança S3 e a mesma criança na interação com a mãe e o pai, foi desenvolvida com os bonequinhos pai, mãe e filho em um jogo de esconde-esconde. Pai e mãe encontravam o filho, o filho encontrava o pai mas a mãe se mantinha escondida e nunca era encontrada (inclusive, a finalização da brincadeira na interação com a tríade termina com a mãe ficando escondida).</p> <p>Recusa em aceitar o alimento ofertado pela mãe</p>

## ANEXO A - TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UFSM



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Aspectos psíquicos de crianças que gaguejam.

**Pesquisador:** Carolina Lisboa Mezzomo

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 54654116.4.0000.5346

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.506.763

#### Apresentação do Projeto:

Projeto de tese vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana.

Apresenta como temática a análise de aspectos psíquicos de crianças que apresentem gagueira, buscando a identificação de causas subjetivas. Trata-se de um estudo qualitativo a ser desenvolvido com crianças de 2 a 8 anos que tenham sido identificadas com gagueira no Serviço de Atendimento Fonoaudiológico da UFSM, seus responsáveis e quatro juízes com formação na área. Para coleta de dados serão utilizados os prontuários dos pacientes, entrevista semi estruturada com os responsáveis pela criança e uma atividade lúdica com as crianças e pesquisadora e, crianças e seus responsáveis. A análise será por meio da Análise de Conteúdo de Minayo.

#### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário: analisar os aspectos psíquicos de crianças que gaguejam e como se refletem na interlocução com aqueles que desempenham as funções parentais.

Objetivos secundários: 1. Identificar o funcionamento psíquico de crianças que gaguejam e sua relação com o exercício das funções parentais; 2. Investigar a visão infantil sobre a própria

**Endereço:** Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar

**Bairro:** Camobi

**CEP:** 97.105-970

**UF:** RS

**Município:** SANTA MARIA

**Telefone:** (55)3220-9362

**E-mail:** cep.ufsm@gmail.com





UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 1.506.763

gagueira em sua relação com a dinâmica familiar; 3. Explorar a dinâmica relacional entre as crianças que gaguejam e as funções parentais juntamente com a análise dos juízes; 4. Analisar como distintas visões de linguagem e de psique se refletem no olhar sobre a gagueira e na dinâmica familiar; 5. Identificar as questões referentes à dinâmica familiar entre as crianças que gaguejam e a sua família.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Foram apresentados de modo suficiente.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados de modo suficiente.

**Recomendações:**

Veja no site do CEP - <http://w3.ufsm.br/nucleodecomites/index.php/cep> - na aba "orientações gerais", modelos e orientações para apresentação dos documentos. ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_651821.pdf	19/04/2016 09:59:16		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TERMO_ASSENTIMENTO_CC_III.pdf	19/04/2016 09:58:45	TAÍS CERVI	Aceito

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar

Bairro: Camobi

CEP: 97.105-970

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3220-9362

E-mail: cep.ufsm@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 1.506.763

Ausência	TERMO_ASSENTIMENTO_CC_III.pdf	19/04/2016 09:58:45	TAIS CERVI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PAIS_III.pdf	19/04/2016 09:58:19	TAIS CERVI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PAIS_AUTORIZAM_CC_III.pdf	19/04/2016 09:57:45	TAIS CERVI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_JUIZES_III.pdf	19/04/2016 09:57:18	TAIS CERVI	Aceito
Outros	TERMO_CONFIDENCIALIDADE.pdf	19/04/2016 09:57:01	TAIS CERVI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	19/04/2016 09:55:11	TAIS CERVI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto_assinada_final.pdf	29/03/2016 13:40:39	TAIS CERVI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Autorizacao_SAF_assinado.pdf	20/01/2016 15:51:47	TAIS CERVI	Aceito
Outros	REGISTRO_GAP.pdf	20/01/2016 15:50:07	TAIS CERVI	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	20/01/2016 14:59:03	TAIS CERVI	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	20/01/2016 14:56:07	TAIS CERVI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 19 de Abril de 2016

Assinado por:  
CLAUDEMIR DE QUADROS  
(Coordenador)

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar  
Bairro: Camobi CEP: 97.105-970  
UF: RS Município: SANTA MARIA  
Telefone: (55)3220-9362 E-mail: cep.ufsm@gmail.com

## ANEXO B - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



Termo de Autorização Institucional

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

#### SERVIÇO DE ATENDIMENTO FONOAUDIOLÓGICO/SAF/UFSM

O presente termo tem por finalidade o esclarecimento de questões referentes ao projeto a seguir:

**TÍTULO DO PROJETO:** ASPECTOS PSÍQUICOS DE CRIANÇAS QUE GABUEJAM

**OBJETIVO:** ANALISAR OS ASPECTOS PSÍQUICOS DE CRIANÇAS QUE GABUEJAM E COMO SE REFLETEM NA INTERAÇÃO COM ADULTOS QUE DESEMPENHAM AS FUNÇÕES PARENTAIS

**PROCEDIMENTOS:**

- PRIMEIRO PROCEDIMENTO: ENTREVISTA COM PAIS (GRAVADAS EM GRAVADOR);
- SEGUNDO PROCEDIMENTO: FILMAGEM DA INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM SEUS INTERLOCUTORES (PAIS);
- TERCEIRO PROCEDIMENTO: FILMAGEM DA INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM PESQUISADORA, UTILIZANDO LIVROS INFANTIS

A pesquisa será realizada no Laboratório de SALA DE ATENDIMENTO do Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) pela aluna TAÍS CEREI, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. CAROLINA LIS BOA MEZOMO. Eventuais dúvidas podem ser esclarecidas com a pesquisadora pelos telefones (55) 8441-1475.

Mediante esclarecimentos recebidos da pesquisadora TAÍS CEREI eu ELIARA PINTO VIEIRA BIAGGIO, diretora do Serviço de Atendimento Fonoaudiológico/SAF/UFSM autorizo a utilização por parte da pesquisadora responsável das dependências do serviço conforme minha orientação, para a realização dos procedimentos acima descritos. Afirmando que estou ciente de que os dados deste estudo serão divulgados em meio científico, sem identificação dos participantes.

Santa Maria, 19 de JANEIRO de 2016.

Assinatura da diretora/RG.

*Eliara Pinto Biaggio*